

ANA PAULA CÂNDIDO

Salteiras ♥ aos Trinta ♥



LÍGIA DANTAS

ZANA FERREIRA



Salteiras 
aos
Trinta

PERIGOSAS NACIONAIS

Ana Paula Cândido
Lígia Dantas
Zana Ferreira

Solteiras aos trinta

[@solteirasaostrinta](#)

PERIGOSAS ACHERON

Índice

[Solteiras aos trinta](#)
[Copyright](#)
[A quem aprendeu a cultivar cactos ao invés de expectativas](#)
[Hello, baby!](#)
[Conto](#)
[Eu sou o sol](#)
[Carrossel de emoções](#)
[Uma princesa](#)
[Desencontro](#)
[Amante intelectual](#)
[Segue o baile](#)
[Deu match](#)
[Encontro](#)
[Primeiro encontro](#)
[Olhos pequenos](#)
[Oi, sumida](#)
[Encanto](#)
[Aquele reencontro](#)
[Garotos](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Calourada](#)

[Canto](#)

[Mas é um menino](#)

[O lugar mais romântico de Paris não é a Torre Eiffel](#)

[Depois](#)

[Desencanto](#)

[Amor pelo desconhecido](#)

[Aquele amor da adolescência](#)

[Surpresa](#)

[Reencontro](#)

[Casamento](#)

[Sobre as autoras](#)

PERIGOSAS ACHERON

Ficha Técnica

Copyright 2019 – Ana Luiza Ferreira Coelho, Ana Paula
Cândido de Oliveira, Ligia Dantas Lopes

Título: Solteira aos trinta

Autoras: Ana Luiza Ferreira Coelho, Ana Paula Cândido de
Oliveira, Ligia Dantas Lopes

Revisão: Clara Taveira e Raphael Pellegrini (Capitu Já Leu)

Arte de capa: Maria Design Editorial

PERIGOSAS NACIONAIS

A quem aprendeu a cultivar cactos
ao invés de expectativas

PERIGOSAS ACHERON

Hello, baby!

Quando as risadas terminavam, as amigas logo corriam pra aconselhar:

— Você tem que escrever um livro sobre isso!

Isso, no caso, é a nossa vida amorosa. No embalo do ditado de que é melhor rir do que chorar, sempre soubemos que é melhor transformar um fracasso no amor em uma boa história para contar. Todavia, até então, contávamos somente entre os nossos.

De tanto ouvirmos esses conselhos, uma hora a ideia amadureceu.

Trocando confidências durante um evento literário, percebemos que tínhamos muitas boas histórias, então por que não as reunir numa única obra?

Assim chegamos até aqui. Este livro reúne os causos mais divertidos que vivemos, misturados a uma boa dose de imaginação.

Então chegamos à questão: tudo que está
PERIGOSAS ACHERON

aqui realmente aconteceu? Quem sabe? Pode ser que sim. Ou pode ser que *poderia* ter acontecido.

Liz, Camila Augusta e Amanda somos todas nós. Mulheres abertas à vida, que sonham, que vão à luta, que às vezes se decepcionam, mas que sempre se sacodem e dão a volta por cima. E que não desistem de encontrar um amor.

Para nós, tudo isso não teria como ser mais real.

PERIGOSAS NACIONAIS

Conto

PERIGOSAS ACHERON

Eu sou o sol

Por Ana Paula Cândido

Eu não sabia que junto com os presentes e felicitações, os trinta anos vinham carregados de expectativas. E, de brinde, vinham junto as frustrações, que não paravam de se acumular, mais do que conta para pagar no final do mês — outra coisa bem cansativa da vida adulta.

— Amiga, vamos, anima aí! Vai ser bom!
— insistiu Fernanda ao telefone.

— Sério, não estou no clima. Já estou cansada disso — respondi.

— Disso o quê? Não te entendo. Você vive resmungando que está cansada de ficar sozinha e que quer ter alguém. E quando eu te chamo para sair, você fala que não está no clima! Você ainda está nessa de achar que vai jogar seus cabelos pela janela e um príncipe vai te salvar?

Respirei profundamente e deixei Fernanda sem resposta. Ela recomeçou o sermão.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lamento te informar, mas os tempos mudaram. Não dá para você ficar vivendo no seu mundo Disney, porque a coisa não funciona mais assim. Tudo que a gente propõe está ruim para você. Aplicativo de paquera? Não. Balada? Não. Encontro às escuras? Não. Sair e deixar a vida rolar? Não! Já não sei como te ajudar. Só estudar não vai te arrumar um casamento. Se é isso que você ainda sonha...

— Eu sei. Mas estou cansada. É sempre a mesma coisa. Aquele joguinho de olhares. Depois aproxima, conversa as amenidades e, no final, ele quer ir para cama dali mesmo. Se consigo segurar o papo por mais duas semanas, até rola algo legal. E, de repente, continuo sozinha. Não consigo entender. Acho que preciso mesmo de terapia, o problema deve estar em mim!

— Talvez, sim, mas isso é conversa pra outro dia. Você precisa se permitir mais, amiga! Para de se cobrar tanto. Curte um pouco sem se preocupar com o amanhã.

— Eu tento! Eu juro que tento. Mas aí aparece um que parece que vai ser “o” cara. As expectativas vão lá pro alto. E eu me lasco quando dá tudo errado.

PERIGOSAS ACHERON

Fernanda respondeu um “sei” que eu já conhecia e que vinha junto de um virar de olhos. Conseguia vê-la fazendo aquilo do outro lado da linha.

— Sem contar que, às vezes, o cenário é outro. Num momento, ninguém para conversar, no outro, são três pretendentes, que não consigo decidir entre eles. E no fundo, no fundo, são três que, se juntar tudo, não dá um. Porque, sinceramente, está difícil...

— Nossa, Camila! Assim não dá! Você precisa entender que sua vida não se resume à vida amorosa.

— Eu sei, né? Mas o problema é que todos os outros aspectos da vida já estão ok. Trabalho, casa, amigos... Deve ser isso, então. Sempre vai haver o desequilíbrio. Eu não mereço amar.

O silêncio se concretizou do outro lado da linha de tal forma que era possível senti-lo. Preferi quebrá-lo antes que eu perdesse a amizade. Solteira e sem melhor amiga, eu não ia aguentar.

— Ok, Nanda — chamei pelo apelido para amenizar. — Nós vamos. Apesar de que ir à despedida de solteira da sua prima cinco anos mais nova é mais uma vez jogar na nossa cara a nossa

solteirice. Poxa, como ela já vai casar, e eu não consigo um relacionamento de mais de quarenta e cinco dias?

Senti a respiração do outro lado da linha.

— Certo! Não está mais aqui quem falou. Fico pronta em uma hora. E vamos no seu carro, porque vou extravasar e beber até não me chamar mais Camila Augusta.

— Uhu! Até que enfim! É assim que eu gosto. E, no caso, vamos de táxi mesmo, porque também sou filha de Deus e não vou perder a oportunidade tomar um porre com você. Só não sei quem vai registrar tudo para nos contar. Mas vamos aproveitar. E jogar na cara dessas novinhas que estamos bem assim. Aos trinta, solteiras e bem resolvidas.

— O bem é por sua conta, né?! Mas ninguém precisa saber. Não precisa dizer. Já sei. Já sei. Fui. Te espero.

Em meia hora, Fernanda tocou o interfone com os três toquinhos que apenas ela fazia.

— A mais gata! — respondeu ao famoso “quem perturba” que já falava quando sabia que a resposta correta seria Nanda.

— Nossa, mas você chegou muito cedo,

ainda não estou pronta. Falei uma hora, lembra?

— Sim. Mas preferi vir antes para garantir que a “senhora tenho trinta anos e por isso estou encalhada” não desistisse.

Nem respondi e continuei me arrumando. Ela tinha razão. Já tinha feito isso outras vezes. Mas a verdade é que realmente me sentia exausta de tanta expectativa. E mesmo quando eu me desligava, vinha um infeliz e despertava em mim o assunto.

Como da vez em que, na formatura do irmão da Fernanda, que mora em outra cidade, conheci seu colega de turma e apartamento. Apesar de ser um baile, ficamos um bom tempo conversando de forma bem tranquila. Eu juro! Foi uma conversa totalmente neutra, e curti somente a companhia. Nada de mais.

No outro dia, ficou todo mundo pegando no meu pé porque eu não aproveitei a oportunidade. Foi falação na minha cabeça por uma semana. A sorte foi que o cara estava de viagem marcada de volta para a cidade natal.

Parecia que, por estarmos solteiras, qualquer homem que a gente conversasse, as pessoas à nossa volta já pensavam em algo mais.

Era um tal de a amiga olhar de ladinho e falar “aproveita, hein”, ou “aí tem”, que era difícil. Já existia a carência natural, que não podia negar. E se a gente elogiasse, então, era pior! Falar que tinha conhecido um cara novo e o quanto ele era inteligente, já achavam que estava apaixonada.

É verdade que às vezes até apaixonava mesmo, mas era tão passageiro, que nem conta. Via logo que no fundo não era meu perfil, ou que eu não estaria disposta a mudar pra me adaptar à vida dele. E bola pra frente. Era sempre uma frustração para cada expectativa.

Sem contar da outra vez em que conheci um que nem era aquele tipo de cara referência em beleza — não que eu me preocupe com isso. Ele era inteligente, bom de papo e tranquilo. Criamos uma sintonia legal, e logo marcamos programas juntos; fui sem esperar muito.

Depois de algum tempo, até pensei: pronto, é só não se preocupar, que acontece. Até que ele veio me contar que, devido à forma como nossa amizade estava caminhando, ele se sentia à vontade para me dizer que estava à procura de um namorado. Meu chão se abriu e eu pensei: toma mais uma pra conta.

— Camila? Morreu aí dentro desse banheiro? — Nanda me chamou, me despertando dos meus devaneios.

— Sim! Já estou pronta. — Terminei meu delineado e saí.

— Ótimo. O táxi já está a caminho.

Em poucos minutos, já estávamos no pequeno salão de festas do prédio da noiva. O local fora todo preparado para a despedida de solteira, com decoração bem divertida e cheio de detalhes, desde taças e frufus, até pintos de chocolate.

Resolvi então que não adiantaria ficar lamentado minha vida de solteira. Mais uma noite enfiada dentro de casa não resultaria em nada mesmo. E no meio de tanta mulher, realmente não teria nenhum pretendente. Bora viver como se não houvesse amanhã.

E realmente. Pelo tanto que bebi, devo ter esquecido que o amanhã seria a cara da ressaca. Não sei por que, mas quando acordei, apesar da dor de cabeça, fiquei com a sensação que tinha algum motivo para a ressaca moral estar ainda pior do que a física. E se meu pressentimento estivesse certo, não sei o que seria de mim.

Fui até a cozinha para beber uma água antes

de ligar para Nanda, a fim de descobrir o que havia acontecido à noite, e tomei um susto quando a encontrei no sofá, já tomando um chá enquanto trocava mensagens pelo celular com uma cara preocupada.

— Nanda! Que susto! O que está fazendo aqui? Dormiu aqui? Tem mais alguém conosco? O que aconteceu ontem? Sabe me explicar? Deus do céu, o que eu fiz? Que cara é essa? Fala algo, criatura!

— Calma, Gutinha. Senta aqui, vamos conversar.

— Por que está me chamando de Gutinha? Você só fala assim quando o assunto é delicado. Fala logo. O que houve?

— Na verdade, não muita coisa. Você bebeu um bocado. Talvez um pouco mais do que seu limite permitia. Quando o *stripper* chegou, você, além de subir no minipalco e entrar na frente da noiva, o agarrou, tirou uma selfie com ele e mandou para o Henrique.

Palavras sumiram da minha mente. Foto para o ex é a fossa da fossa.

— Eu fiz o quê?

— Nada, brincadeira. Só contei uma

história mais cabulosa para você ver que poderia ser pior.

— Maria Fernanda. Não está na hora de brincadeira.

Ela odiava que a chamassem pelo nome completo. Achava que Maria era sério demais e não combinava com ela.

— Ok, desculpa! Eu só estou tentando amenizar. Mas, não, você não mandou foto nenhuma para Henrique. Porque eu escondi seu celular de você. Senão teria mandado, sim. Mas que você tirou umas boas casquinhas do *stripper*, você tirou! Todas “as novinhas”, como você mesmo as chamava, ficaram morrendo de inveja da sua atitude de mulher solteira e bem resolvida.

— É sério isso?

— Super sério. Foi ainda mais divertido quando você começou a dançar como se fosse uma funkeira, imitando uma cena de sexo deitada no chão, que deixou até a Shakira no bolso.

Percebendo meu silêncio, Nanda continuou.

— E mais. Na verdade, a parte chata é que, no final, depois de tanto sacolejar, os sinais da tonteira apareceram e você não conseguia se manter em pé. E começou a rodar, caiu, e ficava abrindo as

pernas e braços como se estivesse fazendo um anjinho na neve enquanto repetia a frase “eu sou o sol, eu sou o sol”.

— “Eu sou o sol”? De onde eu tirei isso?

— Quer mesmo saber? Até bêbada você é *nerd*, sério! Começou a falar sobre rotação e translação, e que o mundo girava à sua volta. E por isso você era o sol. Sério, a gente riu muito!

Até ri um pouco de mim mesma. E fiquei em silêncio, refletindo sobre as consequências disso tudo. Por algum motivo, a minha intuição dizia que tinha algo mais.

— Isso é tudo que eu preciso saber? Mesmo? Não aconteceu mais nada?

— Então, na verdade tem um algo a mais que já tentamos resolver. Mesmo que não tenha dado totalmente certo.

— Oh, céus. Quando você se enrola desse jeito, eu já sei que a coisa não é boa.

— É porque... Não sei se você se lembra, mas uma das amigas da noiva era sua aluna. Lembra disso?

— Putz. Jura?

— Na verdade, é da sua nova turma, e por ela ser do fundão, como ela mesma disse, você não

a reconheceu pelo nome.

— Tá. E daí?

— E daí que ela fez alguns *snap*s seus do momento em que você contava pro mundo sua descoberta de ser o sol. Mas não se preocupe, não foram tantas pessoas assim que viram, e logo que descobrimos, já conseguimos reverter a situação. Ela já excluiu. Olha aqui. Não tem nada mais. — Ela me mostrava o celular com o perfil da menina.

Peguei o celular e fiquei olhando, sem acreditar, imaginando a cena compartilhada, que nem eu mesma tinha noção de como fora. E nem saberia mais.

— Não precisa se preocupar, amiga. Rapidamente isso vai ser esquecido. Logo vai aparecer outra bêbada no feed desses jovens e vão te esquecer.

— Será?

— Sério, vai passar rapidinho. Agora toma um café e vai descansar. Não pensa mais nisso. O que passou, passou, e pronto. Agora é bola pra frente.

Sentindo-me sem forças para discutir, pensar ou até mesmo protestar, caí no sofá e resolvi continuar ali meu segundo turno do sono da

ressaca. Deus do céu, quanta dor. Sentia dores em partes da minha cabeça e do corpo que eu nem lembravam que estavam ali.

Quando acordei, pela segunda vez, tentei refazer as cenas na minha cabeça. Peguei o celular para ver as fotos que Nanda conseguiu reunir para mim. Era cada pose, que não dava para acreditar no que a bebida foi capaz de fazer.

Na verdade, fiquei preocupada ao lembrar de algo que li sobre a bebida apenas liberar aquilo que estava guardado. “O que é dito bêbado, é pensado são”. Acho que era algo assim. O que estaria oculto aqui dentro? Acho que nem Deus saberia. Mas sabendo ou não, eu tinha um problema muito maior para lidar: chegar à sala de aula e enfrentar os alunos como se nada tivesse acontecido.

Resolvi, enfim, levar com bom humor. Afinal, qualquer adolescência cheia de *bullying* nos ensinava que ficar nervosa seria pior. Levar na brincadeira e entrar na onda era a forma mais fácil de fazer o povo esquecer.

Dito e feito. Chegando à sala de aula, com o burburinho ao fundo, várias risadinhas e muitas vezes a palavra sol sendo repetida, resolvi

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntar afinal do que eles estavam falando. O mais engraçadinho da turma tomou a frente e perguntou se era verdade que eu estava bêbada numa festa falando que eu era o sol.

— Sim. Eu sou o sol, porque nasci para brilhar!

PERIGOSAS ACHERON

Carrossel de emoções

Por Lígia Dantas

Romper relacionamentos nunca foi algo fácil para mim. Um namoro de sete anos, era ainda mais doloroso. Talvez esse não fosse o melhor adjetivo para definir o que eu sentia, porque havia um impulso de coragem com uma pegada de covardia. Eu sou confusa, sim, sou na maior parte das vezes um carrossel de emoções. E chegar aos trinta e um anos recém-solteira significava quebrar as expectativas, e isso me angustiava.

Mas, naquele momento, outra cena me consumia. Um acidente na rodovia. Uma mulher jovem e sozinha sentia o impacto de três ou quatro capotadas em seu carro. O *air bag* que não funcionou. Uma cena que eu não vi, mas que criei na minha cabeça a partir dos depoimentos que ouvi. Depois de construída, a cena se repetia em meus pensamentos sem cessar.

— Um vinho *rosé* frisanter gelado *pra mim!*
— pediu Gabriela.

— Um *chopp pilsen* trincando — implorou Roberta —, e aposto que a Liz vai querer uma *malzebier*.

Eu despertei do transe que me consumia. Sorri para Roberta, tentando entrar no clima. Essa era muito fácil de acertar. Em época de contenção de gastos, melhor uma cerveja docinha do que um drinque caro.

— Está economizando para quê mesmo, amiga? — Roberta me provocou.

— Para tentar realizar *sozinha* um sonho construído a dois — respondi sem entusiasmo.

— Qual é? Resposta errada, doutora psicóloga! O que deu em você? Até ontem, estava animada com seus novos planos de sair da casa da mãe e ser senhora do seu próprio nariz.

— Até que aconteceu aquela abordagem de morte encefálica no nosso plantão, Beta — Gabi respondeu, soltando o ar — e nos tirou as energias.

— E não é para isso que estamos aqui? Para espairer? — respondeu Roberta, sacudindo os braços.

Trabalhamos juntas na Central de Transplantes. Roberta é a técnica administrativa. Gabriela, a médica, e eu, a psicóloga. Lógico que o

envolvimento de Roberta com os protocolos de morte encefálica e as abordagens para a doação de órgãos pelas famílias é praticamente zero. Ela faz serviço interno e burocrático, enquanto nós vivemos o processo doloroso com a família.

— Ontem foi um dos processos mais pesados que eu já acompanhei. Ela era tão jovem — Gabriela lamentou.

— Mexeu tanto comigo, que hoje, na análise, em vez de falar do rompimento com meu ex, eu só falei dela — desabafei.

— Foi por causa da idade dela? — Roberta me afagou com as mãos. — Só vinte e oito anos é bem chocante.

— Eu fiquei me lembrando das fotos que a tia me mostrou. — Gabi apertou os lábios num sorriso dolorido enquanto me ouvia falar. Ela estava mais calada do que de costume. — Coitada, ela estava tão agitada. Como se pudesse manter a sobrinha viva através daquelas fotos. E as fotos me fispavam de um jeito estranho. Tinha até uma ordem cronológica: ela adolescente, com um mochilão nas costas, fazendo um tour pela América do Sul. Um pouco mais velha, viajando pela Europa. Depois, o casamento idílico na praia, casa

do casal com um quintal com árvores, e, por fim, os dois filhos, tão lindos...

As três ficaram em silêncio, não consegui saber no que elas pensavam, mas eu pensava na minha falta.

— Eu só conheci as fotos da vida dela, não a conheci. Mas isso me causou um baita vazio. Com três anos a menos, ela tinha realizado quase todos os meus sonhos.

— Ainda bem que você disse “quase”, Liz.
— Roberta sorriu para mim com doçura. — Pra você, pode parecer muito, mas aposto que para ela não era o bastante.

— Claro! Eu estou cheia de egoísmo falando de mim, e não pensando nela.

— Não tem nada de egoísmo nisso, Liz — Gabi finalmente falou. — A sua análise é para tratar de você.

— Acho que eu entendi o ponto que você quer chegar: sobre como gostaríamos que nossa vida estivesse agora — concluiu Roberta. — Sabe, eu gostaria de ganhar bem, o salário de Gabi seria o ideal. Casar, eu não sei... Tenho uma preguiça de homem, acho que dá trabalho. Filho, então...!

— Adoro sua sinceridade! — Gargalhou

Gabi. — Eu fico imaginando um tipinho largadão e inteligente quebrando esses muros de proteção que você criou à sua volta.

— E para você teria que ser um *playboy* sarado, Gabi.

— Beta, minha querida, depende muito do seu conceito de *playboy*. Eu adoro cara bem vestido, que gosta de viajar, de baladas, mas não rola aqueles mimados e desocupados, por favor!

— Fico mais aliviada, amiga! — respondeu Roberta. — Não tenho paciência para fazer amizades com esse tipo.

— Eu sei que é pecado, mas o marido da moça que faleceu ontem era exatamente o meu tipo — confessou Gabriela meio sem graça.

— Tudo bem, amiga. Era impossível não ver o quanto ele é bonito. E tão carinhoso com a família. Muita dó... Ele estava sofrendo tanto, mas não pensou duas vezes sobre doar os órgãos dela. Disse que ela merecia salvar a vida de outras pessoas.

— Pois é, Liz. A gente trabalha com morte todo dia. E quando ela chega, não tem segunda chance. Acho que deveríamos realizar alguns sonhos possíveis, a vida é tão frágil — falou

Gabriela.

Voltei meu pensamento para dois dias antes, quando meu ex passou em minha casa para buscar suas coisas e devolver alguns objetos meus. Devolvi livros, roupas e uma câmera fotográfica. Mantive o anel no bolso do short, um solitário que poderia ser de noivado, mas não era. O alerta de Gabi pulsou na minha cabeça: “Por que você deveria devolver esse presente que serviu de remendo para o que ele deveria ter dado de verdade? Só porque é um objeto de grande valor? E o relógio que você deu, ele vai devolver? E o seu coração partido, ele vai remendar?”

Eu tirei o anel da bolsa e mostrei a elas como prova da minha coragem. Roberta bateu palmas. Gabriela se inclinou em minha direção:

— Posso transformar esse anel em dinheiro para te ajudar a realizar seus sonhos? — perguntou Gabi, e eu sinalizei um “sim” receoso. — Então eu as convoco para fazermos nossa viagem juntas. Paris, por Liz, e Roma, por Gabi! Topam?

— Você está falando sério, Gabi? Não mexa com meu sonho desse jeito em vão! — cobrou Roberta. — Você sabe que eu tenho pouco dinheiro guardado e que não dou conta de

acompanhar vocês.

— Eu sei organizar uma viagem econômica, amiga! Já fiz muito isso. O negócio de confeitaria da sua mãe está dando muito certo e você adora trabalhar com ela. Dá para juntar dinheiro! Vai rolar. Um brinde aos sonhos que podemos realizar juntas!

Pensei se eu deveria adiar o sonho de morar sozinha por um tempo para fazer essa viagem com folga. Claro que era uma baita vantagem economizar morando com a mãe. Eu ajudava em várias despesas, mas não se comparava a arcar com tudo. Para a minha mãe, também era reconfortante me ter como companhia desde que se separou do meu pai. E para a minha família, que era uma tradicional família mineira, sair de casa deveria ser casada. Eu queria tanto ter minha própria casa!

Mas, ao mesmo tempo, eu sabia que não era apenas sobre ter minha casa, era construir uma família. Por isso doía tanto o término daquele namoro fracassado. Ele não queria o mesmo que eu. Queria curtir a fase de solteiro com grana. Queria ser *playboy*.

Claro que esse não era o único motivo para o rompimento. Nossa relação já estava falida há

algum tempo. Na noite em que terminamos, eu oscilei sentimentos por horas. Por vezes, eu era atingida pelo carinho que cultivei durante anos por ele. Em outras ocasiões, pela decepção de não encontrar mais desculpas para suas atitudes desleais. Outras vezes, o raio da coragem me atingia, e eu lhe lançava verdades. Depois recuava com covardia.

Eu o conhecia, podia prever até suas explosões. E, por isso, a acomodação era o sentimento mais recorrente. Mas, na verdade, acomodação não é um sentimento, é apenas uma falta de ação. E, para mim, totalmente desprovida de sentimentos. Eu me anulava quando caía nessa armadilha. Precisava me encontrar, me redescobrir.

Dois dias depois, cheguei à Central de Transplantes, e Gabriela me puxou pelas mãos para mostrar a tela do computador:

— Passagens para Paris com escala em Roma com o melhor preço da vida! Temos alguns meses para organizar tudo. — Ela arregalou os olhos, aguardando minha resposta.

— Eu andei pesquisando ontem e realmente está um preço honesto. Até pra mim, que sou a pobre da turma — falou Roberta.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que frio na barriga. Tanta coisa pode acontecer nesse tempo — respondi, mordendo o lábio.

— Faremos um pacto: essa viagem pode ser uma aventura das solteiras, pode ser uma despedida de solteira, pode ser uma escapada das comprometidas ou pode misturar tudo isso. O importante é que seja uma viagem das garotas. — Gabriela uniu nossas mãos.

O vazio do meu peito se encheu de novos ares. Até aquela angústia do medo da solidão perdia o sentido. Talvez eu devesse mesmo dar um tempo ao meu coração. Ele precisava ser curado, e que isso acontecesse realizando outros sonhos possíveis.

PERIGOSAS ACHERON

Uma princesa

Por Zana Ferreira

A grana estava curta, mas eu chutei o balde. Cartão de crédito está aí pra isso. Divide em mil vezes, depois se vira para pagar. Sim, a minha vida financeira era uma bagunça, e eu estava prestes a completar três décadas a deixando ainda mais desarrumada.

Mas eu não estava nem aí. Era uma data importante, e eu queria comemorar à altura. O certo seria eu ter planejado, guardado algum dinheiro para celebrar a data adequadamente, mas organização não era o meu forte. Nem decisões.

Durante um tempo, jurei que não queria festa. Depois dos dezoito, eu me tornei um pouco avessa a aniversários. Não que eu tivesse algum problema em ficar mais velha, mas sair da adolescência me trouxe um sentimento de urgência em ser alguém, em realizar algo incrível que deixasse minha marca no mundo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Só que essa tal marca não era fácil de ser impressa. Ao contrário, a vida é que vinha deixando suas marcas em mim, e meu ascendente em câncer tinha dificuldades para processar os revezes do destino. Quando o calendário completava sua volta e retornava ao dia do meu nascimento, eu ficava com a sensação de que mais um ano havia se passado sem que eu soubesse quem eu era, por que estava nesse mundo e qual diferença havia feito nele. E isso me frustrava.

Mas completar trinta anos trouxe uma estranha e deliciosa sensação de liberdade. Eu não precisava saber quem eu era. Eu só precisava ser. Viver mais, aproveitar mais, errar mais, que fosse! E foi assim, de supetão, que eu decidi que queria dar um festão a menos de um mês do meu aniversário.

— Vou alugar uma chácara e fazer uma festa no dia 18 — pensei alto, enquanto visitava minha mãe e assistíamos juntas à competição de dança dos artistas.

— Sério? Precisa de ajuda em quê? — perguntou ela.

— Nada, tá tranquilo. Tá tudo encaminhado.

PERIGOSAS ACHERON

Não tinha nada encaminhado, eu havia acabado de pensar que queria uma festa enquanto via os artistas se apresentarem. Ver a vida alheia se movendo pela tela da televisão me fez querer levantar do sofá e agitar a minha também. Senti falta de me acabar de dançar, de usar roupa nova, de beber como uma louca, como se não houvesse dia seguinte.

Nem sei por que disse que estava encaminhado. Talvez para não dar trabalho, ou porque quisesse fazer tudo sozinha. Mas, no segundo seguinte, eu já tinha dado o fato como definitivo. Eu ia dar uma festa, não tinha nada encaminhado, mas ia me virar.

— Boa tarde, quanto custa o aluguel de mesas, cadeiras e toalhas? — perguntei ao telefone enquanto terminava de anexar uma reportagem no e-mail para enviar à minha editora.

O silêncio do outro lado da linha gritou algo dentro de mim. Larguei o mouse e o teclado e parei para olhar novamente o número que eu havia discado. Quis dar na minha própria cara.

— Oi, Doutor Eduardo, desculpe, eu liguei

para o senhor há uns cinco minutos. Fui ligar em uma loja aqui e troquei os números.

— Tudo bem — respondeu o delegado, ríspido.

— Então, nós estamos repercutindo os casos de notas falsas na cidade. Hoje foi registrado o décimo caso em duas semanas. Como estão as investigações?

Já não era fácil tentar tirar informações da polícia num caso em que os criminosos continuavam a aprontar e não eram pegos. Ficava mais complicado quando se questionava o delegado responsável sobre o aluguel de mesas, cadeiras e toalhas. Para testar minha paciência, ele resolveu me dar um chá de cadeira. Disse que não podia conversar sobre o assunto por telefone e que, se eu pudesse, passasse na delegacia.

Ele sabia que a nossa rotina estava cada vez mais apertada, não era todo repórter que podia ficar horas na porta da delegacia apurando cada detalhe. O mercado de comunicação estava cada vez mais inchado, e as empresas aproveitavam a grande oferta de mão de obra para oferecer salários mais modestos para uma carga de serviço volumosa. Ir pra delegacia sem garantia de voltar com matéria

era complicado.

Só que eu convenci minha editora que valia a pena. Numa cidade de médio porte, polo regional, era natural a ocorrência de todo tipo de crime, mas dessa vez os bandidos estavam muito ousados. Tinham feito compras de valores altos, em lojas tradicionais, circulando numa mesma região, mesmo com a polícia emitindo alertas aos comerciantes. Era importante investir na reportagem.

Mais informação para a matéria, mais oportunidade para mim. No caminho, fiz alguns desvios, entrei em lojas, pedi orçamentos e, já próximo da delegacia, encontrei um vestido perfeito. Depois de conversar com o delegado, eu voltaria e experimentaria, com certeza.

Nem sei como dei conta de organizar tudo. Aluguel de chácara, mesas, talheres, compra de bebidas, encomenda de comidas, contratar churrasqueiro... Até decoração improvisada eu fiz. Muito disso me virando no meio do expediente, ligando para os fornecedores entre uma reportagem e outra e, claro, dando alguns cheques pré-datados

e passando o resto no cartão. Os boletos dos meses seguintes não seriam fáceis, mas eu ia pensar naquilo depois.

Apesar de ter tirado a ideia do papel, mesmo empurrando a conta para os meses seguintes, eu ainda não podia chutar o balde totalmente. Não dava para chamar todo mundo, por isso convidei só os familiares e amigos mais chegados.

Também não tenha feito exatamente como eu gostaria. Se tivesse planejado com antecedência, teria feito uma festa à fantasia. Mas em cima da hora era um gasto a mais para mim e para os convidados, por isso deixei para lá. Ou quase.

— Não acredito! — Riu Ferpa ao ver meu acessório. — Claro que você tinha que estar de coroa!

Era uma coroa prateada de plástico, dessas distribuídas em kits de formandos. em toda formatura ou casamento, eu disputava as poucas — ou únicas — coroas que eram dadas para os convidados. Em uma das vezes que não fui contemplada, não me orgulho de dizer que sorratamente furtei o objeto jogado na mesa de uma formanda que não deu o devido valor para o

item.

Sentindo-me uma nobre, recebia os convidados com toda pompa. A chácara tinha piscina e, apesar de ser outono, o clima da cidade permanecia quente o ano todo. A festa começou próximo à hora do almoço e, até o cair da noite, o clima era bem familiar.

Depois das dez da noite, só restaram os amigos mais próximos. Pai, mãe, tios, primos com filhos pequenos já haviam ido embora. Até havia alguns quartos com colchões na sede da chácara, mas os mais velhos e as crianças preferiam o bom e velho conforto do lar. Para meus amigos e eu, no entanto, era o momento em que ia ficar bom.

Amizades antigas e bebida à vontade nunca dá nada que preste. Não à toa, alguém puxou a brincadeira de *Verdade ou Consequência*. Algo meio juvenil para os nossos padrões, mas por algum motivo inexplicável, à medida que se fica mais velho, as coisas que te lembram o passado ganham um verniz nostálgico que as torna aceitáveis novamente.

A garrafa girou e parou com a boca virada para mim.

— Verdade ou consequência? —

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntaram várias vozes.

— Verdade — respondi.

Rinara abriu os braços em um gesto amistoso.

— Hoje é seu dia e é a primeira rodada. Vou pegar leve dessa vez. O que você queria de presente nesses trinta anos?

— A conta bancária cheia — respondi rindo e sem titubear. — Universo, por favor, estou disponível para receber presentes!

Apesar da resposta de prontidão, eu não havia sido totalmente sincera. Se fosse para ser, teria respondido que sentia falta de um amor em minha vida. Estar tranquila financeiramente me deixaria muito feliz, mas, mesmo pobre como estava, eu ficaria mais contente se tivesse do meu lado alguém que se importasse comigo, alguém que eu me sentisse segura em seus braços. Ao contrário de muitos, que se sentem mais solitários nos momentos de tristeza, era nos momentos de alegria que a solidão batia fundo em mim. Sou mais de ficar sozinha quando estou triste, mas não ter com quem celebrar os momentos bons fazia com que a felicidade fosse sempre um pouco menor, mesmo nas vitórias.

PERIGOSAS ACHERON

Só que explicar isso quebraria o clima totalmente, por isso preferi ir de meia verdade. Além disso, não estava com paciência para aguentar as provocações dos amigos mal informados, que não entendiam que ser feminista não era incompatível com querer um namorado.

As perguntas das rodadas seguintes não foram tão leves, mas a galera quis ir além. Passamos de *Verdade ou Consequência* para a brincadeira do *Eu Nunca*, na qual uma pessoa faz uma pergunta sobre algo que os outros tenham feito, e os demais precisam beber uma dose de cachaça caso tenham feito aquilo.

— Eu nunca peguei homem casado — jogou Larissa.

Três das minhas amigas viraram o copo.

— A afirmativa vale pra mulher casada também, gente! — completou a desafiante.

Sete dos rapazes viraram. Fagner mal terminou de virar o copo e deu um forte tapa na mesa, fazendo barulho para causar.

— Eu não sou baú pra guardar segredo — exclamou ele, levantando-se da cadeira e apontando o indicador. — Quero nem saber se é seu aniversário... Amanda, pode virar o copo!

PERIGOSAS NACIONAIS

Senti todos me encararem, surpresos.

— Mas eu só descobri que ele era casado depois de meses — afirmei em minha defesa. — Inclusive só pegava de vez em quando.

Larissa deu uma gargalhada.

— Fazendo a linha sonsa, amiga? Quero nem saber! Pode tratar de beber.

Virei mais uma dose e vi tudo girar. Já era a quinta seguida. Para alguém que se considerava razoavelmente tranquila, eu até que já tinha feito muita coisa. Não somente eu, é claro. Brincar de *Eu Nunca* com amigos íntimos não era fácil. Mesmo quando alguém convenientemente se esquecia de beber, sempre tinha outro para lembrar os podres varridos para debaixo do tapete.

Depois de muitas rodadas, não tínhamos nem mais lucidez para fazer perguntas dignas. Uns foram se pegar nos cantos da chácara, outros ficaram conversando e, lá pras tantas, eu *arreguei* e fui dormir.

— Foi mal, galera. Tô indo deitar.

Eu pretendia me levantar e ir em direção a um dos quartos, mas a tontura do álcool e o salto fino não conversaram direito, por isso fui direto para o chão. Fraca de tanto rir, acabei deitando no

PERIGOSAS ACHERON

piso, o que tornou a tarefa de ir embora ainda mais difícil. Sem forças para me levantar e rodeada de amigos tão bêbados quanto eu, que também mal se aguentavam em pé, não me restou alternativa a não ser ir engatinhando para o quarto.

— Que fase, hein? — brincou Deko.

Inspirada por minha coroa, que continuava intocada, tentei manter a pose.

— Eu sou uma princesa...

Deko riu e se levantou.

— Não, amiga, você não é — disse ele, me oferecendo o braço e dando apoio para que eu fosse para o quarto.

Não escovei os dentes, não tirei a maquiagem, nem pijama coloquei. O máximo que fiz foi tirar os brincos, porque eram grandes e incomodavam ao deitar a cabeça no travesseiro.

Eu estava destruída de tanto cansaço, mas não consegui descansar muito. Parecia que eu havia acabado de fechar os olhos quando o celular tocou. Quanto tempo havia se passado? Não sabia que horas havia deitado, mas a tela marcava 06:45h. Ainda mais num domingo, isso não era hora de perturbar ninguém. Eu não teria atendido o celular se na tela não estivesse escrito “Delegado

Eduardo”.

— Oi, Doutor Eduardo, bom dia — atendi, tentando disfarçar a voz de sono.

— Bom dia, Amanda. Desarticulamos a quadrilha de estelionatários, prendemos doze pessoas. Apreendemos grande quantidade de notas falsas, dentre outros itens. A coletiva de imprensa vai ser amanhã, mas estamos a caminho da delegacia, e se você chegar até às oito, eu posso adiantar informações.

— Que notícia boa — respondi sem ânimo.
— Hoje eu estou de folga, mas vou ligar e avisar meu colega de trabalho que está de plantão hoje. Pode aguardá-lo.

Ele desligou, e eu bocejei, preguiçosa. Não podia reclamar da situação, apesar de ser acordada de ressaca, era bom saber que o relacionamento com o delegado estava fortalecido, e ele confiava no nosso trabalho. Nada como receber informações antes da concorrência.

Ainda deitada, liguei para meu colega que estava na escala do fim de semana.

— Oi, Júnior? Tudo bem?

— Não muito... — respondeu uma voz arrastada do outro lado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que foi?

— Caí de moto indo para a redação. Tô na ambulância, a caminho do hospital.

Putá que pariu. Não podia acreditar.

— Poxa, que droga. Ia te passar uma pauta, mas se cuida aí. Dá notícias mais tarde — falei, me despedindo.

Liguei para minha chefe e expliquei a situação. Eu já imaginava o que ia acontecer, e não me surpreendi quando ela pediu que eu fosse à delegacia. A gente estava investindo no assunto há semanas, não dava para perder a chance de ter informações exclusivas e dar o furo na concorrência.

Sem alternativas, me espreguicei e sentei no colchão. Olhei em volta e vi parte dos meus amigos largados em outros colchões dispostos no chão do quarto. Ri ao perceber que ainda estava de salto e coroa.

Tirei o acessório da cabeça, soltei a sandália, ainda presa no tornozelo, e trouxe uma sapatilha para perto. Não dava mais para ser uma princesa, a vida real chamava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Desencontro

PERIGOSAS ACHERON

Amante intelectual

Por Ana Paula Cândido

Acredito que a sensação de primeiro dia de aula é a mesma para todos. Tanto para aluno, quanto para professor. Pelo menos é assim que eu me sinto a cada nova turma. Ou escola. E dessa vez são os dois juntos. Chegar em uma nova instituição de ensino é quase como ter o mesmo sentimento do primeiro dia de aula no pré-primário, quando sua mãe te deixa e você só chora. A diferença é que agora você não tem como chorar. Ou, pelo menos, não deveria.

O problema é que naquele dia não foi bem isso que aconteceu.

Cheguei praticamente uma hora mais cedo do que o previsto para iniciar a aula, pois gosto de ter um tempo para conhecer a estrutura da escola e tentar conversar com alguns professores que estejam livres ou em horário de transição, para conhecer como as coisas funcionam. Apenas uma

insegurança boba. Por ter pouco mais de trinta anos, tem hora que não me sinto adulta o suficiente para ser professora. É ridículo, eu sei, mas acontece.

Após o toque do sinal, o coordenador do curso, Gilberto, me acompanhou até a sala e fez as apresentações costumeiras quando se trata de uma substituição de professor. O antigo se acidentou bem no início do período, e eu cobriria o afastamento. No fim da aula, já tendo um mínimo de noção dos rostos dos alunos e me situando quanto aos conteúdos e projetos dos demais professores, a aula se encerrou e voltei para a sala dos professores.

O que eu não esperava era que os alunos costumassem fazer alguns trotes com professores novos, e quando cheguei ao estacionamento, me deparei com meu carro completamente sujo, com ovos, farinha, tintas coloridas e papéis picados. No final de uma semana difícil, com cólicas e prazos apertados no trabalho, a única coisa que consegui fazer foi chorar. Ao ver toda aquela sujeira, só pensava nos possíveis arranhões e o gasto que eu teria para recuperar o prejuízo de colocar meu carro recém-comprado com cara de novo outra vez.

Depois de um bom tempo chorando, senti uma pessoa se aproximar, oferecendo um lenço de papel com uma voz acolhedora:

— Não se preocupe. Não é tão grave quanto parece. Venha, vamos para a sala dos professores. Você lava seu rosto e toma um chá para acalmar. Já pedi ao Sebastião para jogar uma água, para você ter condições de sair. Mas recomendo uma lavagem especial no lava-jato de qualquer forma.

Sem palavras, eu apenas caminhei, sendo direcionada com um leve toque nas costas enquanto processava tudo o que acontecera. Até que dei por mim e comecei a questionar: quem era Sebastião? Por que ele lavaria meu carro? Será que não teria prejuízos mesmo? Mas eu não gosto de chá! Quem era esse ser mais falante do que eu?

Como se ouvisse meus pensamentos, ele continuou:

— Desculpe-me! Não me apresentei. Sou Felipe, o vice-diretor. O Sebastião é o nosso segurança da noite, e já está acostumado com esse tipo de trabalho. Infelizmente. Ainda não conseguimos descobrir os culpados por esses trotes, mas estamos na busca. E desculpa mais uma vez por não ter acompanhando você e o Gilberto à sala

de aula. Tive que atender um fornecedor para solucionar uma emergência. Camila Augusta, certo? Prazer!

— Oi — foi tudo o que eu consegui falar. Nunca vi um homem que pudesse falar mais do que eu. Não sabia como reagir.

— Toma esse chá. Vai te fazer melhor.

Eu não tomo chá. Mas não consegui dizer isso a ele. Apenas peguei a caneca e tomei.

— Obrigada.

O pequeno silêncio que se formou no ar foi logo quebrado por ele:

— Já está melhor? O banheiro é logo ali, caso queira lavar o rosto. Não quero te deixar constrangida, mas é a primeira vez que alguém reage dessa forma. Você vai entrar para história.

Levantei e fui ao banheiro. Era o melhor que tinha a fazer. Depois de lavar o rosto, me recompus.

— Obrigada. Nem sei o que dizer. Desculpa por esse comportamento infantil. Não sei o que deu em mim. A semana não foi fácil. E comprei esse carro há pouco tempo. Fiquei sem chão quando vi. Tem certeza que não dará prejuízo? — Pronto, a verdadeira Camila Augusta estava de volta. Mais

falante que o burrinho do Shrek.

— Bem provável que não dará. E então, está melhor?

— Sim, ótima. Desculpe-me, qual é o seu nome mesmo?

— Felipe. Felipe Antonio de Aguiar. Vice-diretor.

— Ah, sim, sou Camila Augusta. Da *Silva Sauro* — falei e ri com medo de ele não entender a referência. Depois percebi a falta de noção em fazer piada com o vice-diretor no primeiro dia do novo emprego.

Enquanto eu pedia desculpas, ele gargalhava alto de uma forma contagiante. Confesso que não aguentei e caí na risada também.

— Não sei onde estava com a cabeça. Mas tive uma semana cheia e com muitas variações de humor. Desculpe-me mais uma vez.

— Não se preocupe. Sei bem como é vida de professor com jornada dupla de trabalho. Deve estar de TPM então, né? No início do casamento, eu sofri com a minha esposa por conta disso. Hoje já aprendi a conviver. Até porque, em escola, convivendo com a maioria do corpo docente sendo professoras, a gente precisa aprender. Aceita um

chocolate? Acho que tenho alguma coisa na minha sala.

— Ah, não. Obrigada.

— Seu Felipe, o carro da mocinha novata está pronta! — Sebastião gritou pela janela.

“Mocinha”? Eu me senti até lisonjeada. Essa coisa de ter mais de trinta, ter independência financeira, mas não ter um namorado ainda bagunça os sentimentos. Apesar de saber que uma coisa não tem nada a ver com a outra, foquemos no “mocinha”. Está ótimo por hoje.

Fomos conferir como estava o carro, que realmente não parecia mais tão mal assim. *Até que o tal Sebastião fez um bom trabalho. Preciso agradecê-lo formalmente depois.*

O ritmo na nova escola estava indo bem. A turma, apesar do trote, não era tão má assim. Levei na brincadeira todas as gozações sobre minha crise de choro e logo o assunto caiu no esquecimento. O ambiente como um todo era bem legal, os outros professores eram, em sua maioria, novos, e sempre estávamos interagindo.

O contato com Felipe até que era frequente,

PERIGOSAS NACIONAIS

apesar do seu cargo. Achei estranho, no começo, sua disponibilidade em me ajudar. Nas outras instituições, eu praticamente nunca via o vice-diretor, aqui, ele me ajudava em tudo. Com o tempo fui conhecendo sua história e entendendo suas motivações. Graduou-se em Letras e até teve sua experiência em sala de aula, apesar de não se identificar tanto. Logo se especializou em gestão educacional e, quando surgiu a oportunidade, passou a ocupar cargos de gestão, como coordenação e vice-diretoria.

Com seu jeito divertido e falante, cativava todas as pessoas e conseguia o que queria. Ninguém conseguia dizer não para ele. A mente jovem à frente da direção ajudava muito no ambiente da escola como um todo. No auge dos seus trinta e cinco anos, ele dizia estar feliz e realizado, faltando apenas um filho para se sentir completo.

A esposa, também professora, conhecia bem o ambiente escolar e não tinha problema com ciúmes. Já até trabalharam na mesma escola, mas apenas quando se conheceram; desde então, ela passou em um concurso e foi efetivada em outro lugar.

PERIGOSAS ACHERON

Como desde o início soube que ele era casado, a coisa toda se tornou mais fácil. No episódio fatídico do meu trote, me marcou muito o fato de ele ter percebido que eu estava de TPM. E, claro, o pequeno desabafo de como desenvolvera essa habilidade: no início do casamento.

Não sei explicar ao certo o porquê, mas a tal da expectativa aos trinta só dificultava tudo. Toda vez que conhecia alguém, ficava algo no ar. Ou só na minha cabeça mesmo. Depende. Mas até quando eu resolvia não me importar com a situação, tinha sempre uma amiga para comentar algo como “hum, conheceu alguém novo, e aí?”. Como se todos os homens da Terra tivessem que se tornar um partido.

E na maioria das vezes nem era alguém interessante, ou com o perfil que eu me envolveria. Mas a falação era tanta na minha cabeça, aliada à minha insegurança e carência, que logo me via com pequenas paixonites para curar. Ou seja, se conhecia algum homem casado, já achava ótimo. Pelo menos sabia que ali seria só amizade mesmo. Pelo menos da minha parte. Menos um para a lista dos possíveis pretendentes.

E, é claro, com Felipe não foi diferente. Como ele sempre conversava com muita gente,

achei que nossa medida estava ok. Não havia fofocas no ambiente escolar de que nossa amizade fosse além do profissional. E não era. Pelo menos era o que eu achava.

Chegamos até mesmo no ponto em que ele me dava conselhos sobre meus pequenos casos amorosos. contei um pouco do meu passado e do relacionamento longo que tive. Desde então, eram muitas expectativas e poucas resolutivas. Muitas vezes o cara até era bom de pegada, mas uma tragédia para conversar. Às vezes, o cara era superintelectual, e péssimo quando o assunto era a parte física. Beijando, já era ruim, imagina na cama?

Brincando, concluimos que talvez a saída fosse ter amantes intelectuais, em que a gente poderia saciar o desejo de uma conversa inteligente, sem traição física. Nem seria necessário compromisso extraconjugal. Apenas uma conversa ou outra aleatória, para matar a vontade da mente. Rimos bastante nesse dia.

Felipe sempre me colocava pra cima e me dava esperanças de encontrar alguém.

— Você merece um homem de verdade. À sua altura. Mas, calma, na hora certa vai aparecer.

— Poxa, Felipe, mas já estou de saco cheio de esperar. Minhas amigas estão praticamente todas casadas e começando a engravidar. Meu sonho é ser mãe. Não posso demorar!

— Calma, jovem! A coisa não é bem assim. Deus sabe o que faz.

Ele, sempre muito espiritualizado, independentemente da religião, sempre falava muito de Deus, o que tornava a nossa amizade algo mais especial. E, com um jeitinho meio *coach*, estava sempre com palavras de incentivo para me colocar pra cima. No meu lugar, como dizia ele. Sempre no alto.

O fim do ano letivo fez com que eu me afastasse do Felipe de uma forma brusca, para qual meu psicológico não estava preparado. Apesar de saber que a qualquer momento o contrato poderia encerrar, pois eu era substituta, não imaginei que o impacto seria tão forte.

Com a aproximação das datas festivas, confraternizações e clima de família, me percebi com sentimentos que não faziam sentido. Ele era meu amigo. Poderia até afirmar que estava se tornando meu melhor amigo. E ele era casado. Não era possível que meu coração estivesse aprontando

mais essa comigo. Eu sabia desde o começo, ele não era alguém disponível para eu amar. Quando foi que a coisa desandou desse jeito?

Percebi, então, o tanto que estava envolvida nessa relação, achando que era só amizade. Mas me enganei. Tive que assumir que com ele tive pela primeira vez a sensação de ter alguém ao lado que me completasse de tal forma, que nem o contato físico me fez falta até então. Ele era, sim, aquele cara perfeito, que eu sempre imaginei, e que tinha a certeza que não existia.

O novo ano letivo começou, e fui chamada para continuar no cargo. O outro professor ainda estava afastado, e eu tinha prioridade na vaga. Aceitei, afinal, querendo ou não, era motivo para ficar perto de Felipe. Mas percebi que eu estava sofrendo. Vê-lo todo dia, desejá-lo ao meu lado, sabendo do seu compromisso e dedicação para proporcionar à esposa um excelente casamento, era muito para mim.

O sentimento era confuso, pois não queria que ele terminasse o casamento dele para ficar comigo. Não que isso fosse uma possibilidade. Mas

também não queria deixar de amá-lo. Resolvi seguir a velha máxima que aprendemos no trânsito, que também serve para vida: na dúvida, não ultrapasse. Se ele estava feliz como estava, quem eu era para atrapalhar, não é mesmo?

Decidi cortar o mal pela raiz e pedi demissão do cargo. Agendei um horário com o diretor e inventei uma desculpa. Algo ligado ao meu trabalho diurno, promessas de viagens e dificuldades para cumprir o calendário letivo. Esse não foi o problema. Ele achou uma pena, mas não havia nada que poderia fazer.

Ao saber do meu pedido, Felipe veio me procurar. Achou muito estranho aquela decisão repentina. Afinal conversávamos tanto sobre tantos assuntos, como que com uma decisão daquela ele precisou saber por outra pessoa? Ele me questionou, afinal.

— Felipe, me desculpe. Mas preciso fazer isso.

— Mas por quê? O que está acontecendo? Já te conheço, jovem. Quando fala pouco, é porque tem mais coisa escondida aí.

— Não é nada. Preciso ir.

— Poxa, Camila. Deixa te ajudar. Fala

comigo.

Em nenhum momento do meu plano pensei que falar para ele a verdade fosse uma possibilidade. Mas ao vê-lo realmente preocupado, achei que seria injusto não contar. O nosso “relacionamento” sempre foi baseado em sinceridade, não seria correto não terminar assim. Não que eu quisesse atrapalhar o casamento dele, mas também seria mais uma certeza para eu seguir minha vida; ao menos eu tentei.

Contei a ele toda a verdade. Desde o momento em que percebi que o amava, o tempo em que sofri calada e por que decidi me afastar. Expliquei que não era minha intenção propor algo escondido, pois apesar de todas as minhas carências, uma coisa eu tinha certeza:

— Eu não nasci para ser amante.

— Nem deve. Você não merece isso. Você merece muito mais. Já te falei isso.

— Sim, eu sei. Por isso preciso ir. Não posso perder tempo amando quem não pode me amar.

— Desculpa. Não sei o que dizer.

— Não precisa se desculpar. A culpa não foi sua. Na verdade, nem minha.

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois de um longo silêncio, Felipe falou:

— Eu não sei se ajuda o que vou falar, mas sendo bem sincero, apesar do susto, me senti lisonjeado. Pensar que fui capaz de despertar amor em uma mulher magnífica como você. Eu não sabia que eu era merecedor de tanto. É uma pena que a vida preferiu assim. Mas eu amo minha mulher. E não seria capaz de ficar com outra pessoa.

Com lágrimas descendo, respondi:

— Eu sei. Eu jamais te pediria isso. Sei que você não seria capaz. E isso é o que te torna ainda mais especial.

Um novo silêncio se formou, e nos abraçamos. No final, ele falou:

— Não sei se tenho condições de pedir algo, mas não se esqueça de mim. No bom sentido. Você fez parte da minha vida. E eu da sua. Apesar de tudo.

Sorrindo, respondi:

— Não se preocupe. Você foi o melhor amante intelectual que já tive.

PERIGOSAS ACHERON

Segue o baile

Por Lígia Dantas

Eu tenho uma tendência estranha ao sofrimento. Deve ser resquício daqueles filmes nada feministas que passei a adolescência assistindo. A mocinha sofre bastante para ter direito à felicidade, e homens babacas são justificados simplesmente pela imaturidade; apenas precisamos ensiná-los a ser melhores. Essa, aliás, seria a nossa missão.

Eis que eu me apaixonei perdidamente, para ser bem clichê, por um desses cafajestes. Eu já o conhecia há muito tempo, mas nos esbarrávamos muito pouco. Eu namorava sério, mas isso não o impedia de ser sedutor comigo quando tinha oportunidade.

Um dia, terminei aquele namoro que cheirava a mofo e acomodação. Saí com as minhas amigas, uma balada para inaugurar a vida de solteira. Uma decisão frouxa na cabeça: *vou ficar solteira por uns meses e curtir!* Claro que durou o

tempo de uma xavecada bem armada.

Ele veio na minha direção com os olhos acessos. Ignorou minhas amigas a princípio.

— Gosta de “Seu Chico” ou veio só pela noitada? — falou ao meu ouvido.

— Gosto muito da banda, estou aqui pelos dois.

— Gostei de te encontrar aqui. Faz um tempo que não nos vemos. — Ele se aproximou novamente. — Vou circular e depois volto aqui.

Eu assinalei um sim com a cabeça. Ele finalmente cumprimentou minhas amigas e sumiu entre o público da casa de show. Gabriela bateu palmas, sorrindo:

— Sabia! Namorou tantos anos e vai ficar solteira por pouco tempo. O Neto tem fama de namorador, suas famílias são conhecidas, não vai ser só uma pegada casual.

— Eu pegaria ele só pela mãe! Imagina ser nora da Cléo? — completou Roberta.

Então, esse era um detalhe importante. Nós nos conhecíamos há muitos anos porque nossas famílias eram próximas. E a mãe dele era uma mulher inteligente, bacana e que admirávamos muito. Você já deve ter percebido que a isca era

perfeita.

Uma hora depois, ele voltou trazendo uma *long neck* de *Malzevier*; ele tinha notado bem a bebida que eu havia escolhido naquela noite. Enredou-me na sua conversa empolgante e concluiu sua sedução quando tocou na viagem à Paris. Sim, eu confirmei minha viagem à Paris. Uma viagem sonhada há muito tempo.

— Minha mãe me contou que você também vai à Paris.

Minha cara de surpresa foi bem clara. Ele conversava com a mãe sobre mim? E essa palavra “também” na frase? Ele sorriu, usando os olhos cor de mel para me provocar.

— Nós estaremos lá na mesma semana.

— Uau! Que coincidência. Eu não sabia. — Eu estava com o rosto queimando.

— Vamos fazer um brinde ao nosso encontro em Paris.

Pensa numa pessoa romântica que fantasia mil coisas sobre o amor. Essa sou eu! Ele passou a descrever os lugares mais interessantes da cidade, os restaurantes imperdíveis, a arquitetura, a língua... E eu me esqueci do show do Seu Chico e me vi de mãos dadas com ele no alto da Torre

Eiffel. Não me julgue, sou fraca, já avisei.

No momento seguinte, ele tirou as garrafas de nossas mãos e as abandonou numa mesa. Enterrou os dedos entre os cabelos da minha nuca e me beijou de um jeito que eu ainda não tinha experimentado. Não é exagero dizer que está no top três dos melhores beijos da minha vida até então.

Era uma mistura perfeita de suavidade nos movimentos e intensidade na pegada. Ele me empurrou devagar até a parede, colando o corpo no meu. A música, as pessoas em volta sumiram, só restamos eu e a minha fantasia de romance perfeito.

No dia seguinte, à tarde, na casa da minha avó, escutei uma advertência da minha prima:

— Você ficou com o Neto ontem. — Larissa não sorria. — Ele contou para o Marcelo. Usou o tom de conquistador ao falar de você.

— Ah, Larissa! Homens fazem isso — respondi sem pensar. Marcelo, irmão de Larissa, era muito amigo do Neto. — Ele vem me pegar para comer uma pizza daqui a pouco. Vamos ver no que vai dar.

— Eu sei que você não está a fim de saber,

mas ele é do tipo oito ou oitenta. — Dei de ombros, sem entender, enquanto ela falava. — Vai me dizer que nunca percebeu o quanto ele é exagerado? De repente, desaparece nessas expedições loucas pelo mundo. No momento seguinte, é o filho carente e amoroso que nunca quer se separar da família.

— Não entendi aonde você quer chegar, Larissa. — Eu bufei, contrariada. Não tinha nada a ver com ela me censurar. Qual era o propósito de querer cortar minha onda de romance com o filho da Cléo?

Tivemos outra noite ótima. Conversa agradável, carinhosa e aqueles beijos, com menos intensidade que da primeira vez, confesso. Neto me avisou que viajaria no fim de semana para o Festival de Jazz em Ibitipoca. Ou seja, entendi que não nos veríamos.

O próximo fim de semana chegou, passou, e ele não me mandou mais notícias. Eu fiquei magoada, tentando encontrar meu erro. Mandeí uma mensagem, perguntando como foi o festival, e ele só respondeu dois dias depois, com poucas palavras.

Eu estava sofrendo, desejando reencontrá-lo. Não me critique, eu era uma romântica

irrecuperável. Um dia, a gente aprende a desejar o que merece nosso desejo. Naquele momento, eu vivia na fossa e em baladas loucas para espairecer.

Um dia, Neto encheu meu celular de mensagens. Começou com “sumida”, muito clichê, e passou a desfilas um milhão de desculpas para seu próprio sumiço. Eu ainda tinha expectativas. Conversamos por horas via internet. E marcamos um jantar na casa dele, em dois dias. Sim! Um jantar com a mãe dele! Pensa se eu não me senti “a escolhida”?

Comprei um vestido novo. Não sem antes sofrer sobre qual era o tipo de roupa certa para a ocasião. Comecei a me arrumar duas horas antes. Comprei um vaso de orquídeas para levar de presente para a Cléo. Tudo pronto. Liguei a televisão, tentando me distrair.

Os minutos passaram. A hora passou. Tentei ligar, enviei mensagens e então constatei: ele não iria aparecer. Toda aquela fantasia principesca que construí foi demolida pela cafajestada dele. A princípio, pensei que ele tivesse sofrido um acidente. Fiquei preocupada. Depois percebi que não tínhamos nos falado desde o convite. Eu me senti uma idiota por confiar nele.

Depois veio a raiva e, por fim, escorreguei até a culpa. Como qualquer garota boba, apesar de ter trinta e um anos, caí no erro de me julgar culpada.

— Larissa! — pedi ajuda para a minha prima. — O que aconteceu com ele?

— Eu te avisei! Certamente se escondeu num iglu na Groelândia. Melhor mesmo que fique por lá. Segue o baile, *baby*!

— Ele saiu numa daquelas expedições malucas que você comentou?

— Não, sua boba! Ele estava com o Marcelo no clube ontem. — Ela respirou fundo. — Apenas entenda, ele é esse tipo de cara. Esse mesmo que te deixou plantada.

Tirei o vestido novo, coloquei um pijama velho, ignorei a maquiagem e procurei um filme para assistir. Adivinha que tipo de filme que eu escolhi? Sim, daqueles que eu assistia na adolescência. Um *bad boy* babaquinha e uma garota com o coração partido.

De repente, notei que aqueles filmes não me davam prazer ou consolo. Ignorei a tela da televisão e passei a fantasiar um encontro cheio de vingança a ser executado em Paris. Mas isso só dominou meus pensamentos naquela noite. Eu deixei de

PERIGOSAS NACIONAIS

segui-lo nas redes sociais e apaguei as mensagens que trocamos. Deixei-o soterrado por uma avalanche na Groelândia.

Um dia ele retornou, e foi em Paris. Como se fosse o par perfeito para um lugar tão romântico. Mas essa já é outra história.

PERIGOSAS ACHERON

Deu match

Por Zana Ferreira

Se você passa dos trinta e está solteira, não tem jeito, em algum momento você vai se render aos aplicativos de paquera. Pode ser por curiosidade ou insistência das amigas, você acaba decidindo testar, mesmo que não esteja certa de que isso vai render algo que preste.

No meu caso, acabei me rendendo à paquera virtual por insistência de Larissa, uma amiga que trabalhava na parte administrativa do meu serviço. Descolada, ela vivia conhecendo novos caras e tendo aventuras muito loucas. Dessa vez, estava saindo com um mocinho vários anos mais novo e parecia estar curtindo de verdade.

Num fim de semana desses, ela me chamou para sair e conhecer o *boy*, Pedro. Para minha surpresa, eles faziam um casal bacana, e eu me vi torcendo para que o relacionamento engatasse.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Viu, no Tinder tem gente massa também. Não é só cara maluco, não — disse Larissa. — Você devia criar uma conta e conhecer gente nova!

Já meio alegrinha por conta do álcool, topei baixar o aplicativo e dar uma olhada, só de *zoeira*.

— Esse não. Esse não. Esse também não. Gente, esses caras colocam foto bizarra de propósito, quem vai dar *like* numa foto dessa? — reclamei.

— Foto em cima de moto ou carro é até valorizada, amiga.

— Sério? É pra beijar a moto ou o cara? Porque essa careta protótipo de “eu sou *sexy*” me faz gostar mais da moto do que dele.

Larissa riu e apertou o x, rejeitando o candidato. O cara estranho sumiu e apareceu um novo. Deitado *de boas*, abraçado ao travesseiro com uma expressão de quem te convida a deitar ao lado dele. Apesar disso, não tinha aparência apelativa, aparentava uma cara de gente boa, o que me fez querer ver as fotos seguintes.

Tinha um corpo bacana, mas sem ser *saradão*, apenas levemente definido. *Meu tipo*, eu diria. Curti.

— Deu *match*, e agora?

PERIGOSAS ACHERON

Larissa riu e fez uma cara engraçada.

— Agora você conversa, oras!

— Eu vou puxar o assunto? Não mesmo. Ele, se quiser, que puxe.

Minha amiga balançou a cabeça com uma cara de desaprovação.

— Uai, onde tá a feminista que eu conheço? Então é papel do homem iniciar a conversa?

Fiquei vermelha, mas não cedi. Sim, ela tinha um bom argumento. Não, eu não queria começar assunto com um desconhecido. Ligeiramente calejada em minhas últimas aventuras amorosas, eu não me sentia inclinada a me expor.

— E se esse cara nem for interessante? — perguntei.

— Você está encarando isso do jeito errado — afirmou ela.

— E qual seria o ponto de vista correto?

— Quando você direciona toda a sua atenção para uma pessoa só, se ela te decepçiona, isso representa um desperdício de todo o tempo, energia e sentimento que você dedicou para aquele caso. Mas isso é tão século XX, gata! Agora você conversa com vários caras, se um deles não for massa, você simplesmente vai para o próximo. Se

PERIGOSAS NACIONAIS

nenhum deles for grande coisa, você pelo menos marca uma saída com o que for mais gostoso, aproveita o que der pra aproveitar e continua na luta depois. É assim, entendeu?

— Modernidade líquida — resumi.

— O quê? — indagou ela, me olhando sem entender.

— É um conceito do filósofo Zygmunt Bauman, pra explicar as relações na pós-modernidade.

Larissa e Pedro me olharam como se eu fosse uma alienígena, e então o rapaz riu.

— Se meu irmão estivesse aqui, eu o apresentaria a você. Ele tem esses papos esquisitos assim também, vocês se dariam bem — comentou ele, rindo.

— É, mas seu irmão mora em outro estado, e ela tá aqui querendo um *boy* agora — respondeu minha amiga, impaciente. Então ela olhou para mim com ar de desdém. — Esse é um ótimo assunto para discutir com o irmão do Pedro, se qualquer hora dessas vocês se conhecerem. Mas, até lá, não fale esse tipo de coisa com os caras do *app*. Provavelmente não vão saber o que te responder e vai ficar clima.

PERIGOSAS ACHERON

Ela pretendia me dar dicas de como começar o papo de forma natural, mas antes que pudesse fazer isso, o celular apitou. O cara que havia dado *match* comigo me mandou um singelo e pouco expressivo “oi”.

Levantei uma sobrancelha e olhei para minha amiga, como quem pedisse ajuda. Ela cruzou os braços e começou a rir, devolvendo a bola para mim.

— Você não queria que ele começasse a conversa? Pois então, agora continua!

“Oi”, respondi mecanicamente.

Para uma pessoa que estava com preguiça de conhecer gente nova, começar por alguém que não se comunicava muito não era o melhor caminho. Mas depois de conversa básica sobre amenidades, eis que ele mudou o rumo.

“*Sabe, adoro conhecer novas pessoas, mas por aplicativo não é muito a minha praia*”, disse ele.

Larissa torceu o nariz.

— Sei não, tá com cara de papinho meio manjado. Vai comer e cair fora.

Se ela pensava que estava me desanimando, conseguiu o efeito contrário. Não era exatamente

para ter uma vida amorosa mais ativa que eu havia me deixado convencer a baixar o tal programa? Se o que eu queria ação, para que perder tempo com conversa fiada com um cara que talvez eu nem me interessasse em conhecer de verdade?

“Também me sinto mais à vontade conversando cara a cara do que por celular”, respondi, informando onde eu estava e fazendo um convite.

“Beleza, chego aí em vinte minutos”, respondeu ele.

Larissa mal acreditou na minha inesperada ousadia.

— Ah, ele é gatinho... Se for gente boa, é melhor conhecer logo. Se não for, não tenho que ficar trocando ideia depois. Já descubro qual é de uma vez. Além disso, como vocês estão aqui, se ele for chato, eu já tenho um escape.

Mas contrariando minha falta de expectativas, Bernardo não se mostrou um cara de quem se quisesse escapar. Era gatinho, exatamente como aparentava nas fotos, e conversava sobre qualquer coisa com naturalidade, me deixando à vontade para falar pelos cotovelos.

Como nos entrosávamos bem, Larissa e

Pedro se despediram e foram embora, deixando-nos a sós. Havia já aquela troca de olhares intensa que antecipava que os momentos a seguir iriam valer a pena.

Falamos sobre os livros que gostávamos, discutimos sobre qual autor de fantasia era melhor, concordamos sobre as melhores séries e, quando vimos, já havíamos até olhado como os nossos signos reagiam um ao outro.

“*E aí? Como foi?*”, Larissa mandou mensagem pelo aplicativo, que eu dei uma conferida enquanto Bernardo estava no banheiro.

“*Estamos no bar ainda. Nossa, ele é muito massa*”, respondi.

“*Tá, mas e a pegada?*”, questionou ela.

“*Ainda não rolou*”, disse eu.

Antes que ela pudesse praguejar contra a minha tagarelice infinita, fechei o aplicativo, pois Bernardo já voltava para a mesa.

— Já acertei a conta, vamos?

Eu não gostava muito disso. Preferia pagar a minha parte, primeiro porque era o justo, segundo porque colocava um limite simbólico de que eu não me deixava impressionar por duas, três cervejas, em um bar. Protestei por ele ter acertado sem me

chamar, mas disse que a próxima seria por minha conta.

— Sinal de que fiz bem em pagar, já temos uma próxima — brincou ele.

Parecendo dois *adolescentezinhos*, nos beijamos na esquina. Ele me segurava firme pela cintura, e eu tinha que respirar fundo e lembrar a mim mesma que estávamos no meio da rua, em local público.

O ideal era ir para outro lugar, mas nenhum dos dois tinha carro, e teríamos que chamar um Uber. Não era o melhor cenário, porque numa cidade do interior, não é fácil encontrar um motorista disponível em plena madrugada. Quem fosse para a casa do outro teria que dormir por lá, e eu até estava interessada em ficar um pouco mais com ele, mas queria relaxar sozinha na minha cama no fim da noite. Depois de uma semana agitada, meu sono do fim de semana era sagrado.

— Ok, então o jeito é cada um ir para o seu canto. Nos vemos amanhã? — ele perguntou.

Sim, fomos ao cinema no dia seguinte, almoçamos juntos na segunda-feira, passamos os dias seguintes vidrados no celular, trocando mil mensagens. Eu estava gostando de conhecê-lo

melhor e achava que tudo estava indo incrivelmente bem.

Bernardo também parecia pensar o mesmo. “*Acordei agora, sonhei com você*”, escreveu para mim às nove horas de uma manhã de quinta-feira. Eu havia acordado bem mais cedo e já estava no trabalho, mas achei fofo, além de ser um jeito inspirador de continuar o dia.

“*Foi um sonho muito bom, me deixou animado. Quer ver?*”, perguntou ele.

Eu travei. Não sabia o que responder. Eu com certeza não queria ver, não curtia a *vibe* de “*manda nudes*”, mas também não sabia como dizer isso sem cortar o clima entre nós.

“*Prefiro ver pessoalmente*”, respondi depois de alguns minutos quebrando a cabeça.

Para facilitar a troca de mensagens e a apuração de informações, eu acessava o aplicativo pelo computador. Troquei de aba e fui acessar meu *e-mail*, torcendo para que alguma demanda importante tivesse chegado e me tirasse daquela conversa maluca da qual eu esperava ter fugido com classe.

O celular vibrou na mesa, indicando que uma nova mensagem havia chegado. Olhei pelo

celular a notificação e vi que ele havia enviado duas mensagens, mas também havia uma mensagem da minha chefe. No computador, voltei para a aba do aplicativo e mal pude acreditar.

Como eu não havia trocado de conversa, voltei direto na mensagem de Bernardo. Acima de um *emoji* de óculos escuros estava a foto de um enorme e grosso pinto, bem duro.

— Olha a Amanda recebendo *nudes*! — gritou o estagiário que estava atrás de mim.

— Que *nudes* o quê? Minhas amigas mandando besteira aqui — desconversei, fechando aba no computador o mais rápido que pude.

O estrago estava feito. A redação toda querendo ver “o grupo das amigas”, eu tendo que responder minha chefe, digitando tudo errado no celular com as mãos trêmulas do susto e ainda me indagando sobre o que eu faria em relação a Bernardo.

Como eu não o respondia, ele mandou nova mensagem: “*Nos vemos hoje à noite?*”

Que merda! Mais uma mensagem que eu não sabia responder, estava numa grande saia justa. Se nada daquilo tivesse acontecido, eu não teria hesitado em dizer sim, em largar qualquer outro

compromisso para vê-lo, mas ainda estava impactada por aquela situação.

Mandei mensagem pelo celular e chamei Larissa para me encontrar na área do café, onde contei a situação.

— Ah, amiga, que drama bobo. Mandar *nudes* é tão normal. — Riu.

— Não para mim — retruquei, brava pela minha indignação não ser compartilhada por ela.

— Ok, então pede pra ele não mandar mais, pronto.

— Mas eu pedi pra ele não mandar nem o primeiro, e ele mandou mesmo assim!

— Reforça que não gosta disso, uai.

Ela não me entendia. Era como se um limite tivesse sido cruzado, e eu não conseguia mais vê-lo com os mesmos olhos. Uma coisa era estar agarrada a Bernardo e tudo acontecer naturalmente, outra era pedir claramente que não me enviasse foto do seu pinto duro e ele decidir expô-lo mesmo assim. Era difícil explicar, mas eu sentia como se ele tivesse violado meu espaço.

Deixei Larissa conversando sozinha e respondi Bernardo de forma evasiva. Passei o dia desconcertada, aguentando piadinhas dos colegas

de trabalho e pensando em como deixar isso para lá.

Mas não estava dando certo, Bernardo não ajudava.

Ele havia saído do modo tarado e entrado no modo romântico nível *hard*. Mandou *emoji* de flores, de coração, olhos apaixonados, falou que estava com saudade, que desejava me ver logo... Eu me senti sufocada.

“Bernardo, sinto muito, acho que não vai rolar”, acabei respondendo por fim. *“Foi muito legal conhecer você, mas acho que não estou no mesmo clima que você e é melhor a gente parar por aqui”*.

Eu imaginava que ele iria lutar, dizer que iria mais devagar, mas me enganei redondamente.

“Tudo bem, obrigado pela sinceridade. Tudo de bom para você”, respondeu ele de modo tranquilo. Tão *tranquilo*, que me deixou confusa. Num mesmo dia ele havia demonstrado tantos comportamentos diferentes, que eu não sabia qual deles representava o real Bernardo.

Mas a última mensagem parecia ser do cara que eu achava que conhecia e de quem estava curtindo a companhia. E agora? Será que eu tinha

me precipitado?

Cheguei a ensaiar pedir desculpas e falar que me enganei, não precisava ser assim, mas qualquer coisa que eu pensava em dizer soava esquisito. Eu tinha que admitir, errada ou não, aquele caso já não renderia mais.

Sozinha e decepcionada pelo rompimento precoce, precisava de algo para me distrair. Ao chegar em casa, abri uma cerveja para relaxar. Peguei o celular, e o ícone do aplicativo de paquera ainda estava na tela principal. Ouvi a voz de Larissa me explicando como as coisas funcionam e me rendi.

Não demorou muito e o aviso pipocou na tela. Outro *match*. Ensaiei um brinde no ar comigo mesma:

— Viva a pós-modernidade!

Vencendo minhas inseguranças, mandei a primeira mensagem e sorri.

PERIGOSAS NACIONAIS

Encontro

PERIGOSAS ACHERON

Primeiro encontro

Por Ana Paula Cândido

— Ai, até agora não entendi como que eu aceitei isso. Um encontro. Pensa, Nanda, um encontro?!

— Mas, Camila, qual é o problema? Isso ia acabar acontecendo, uma hora ou outra!

— Claro que não! Se eu já namorei e nunca marquei um encontro no melhor estilo *date*, por que eu teria que marcar um logo agora, depois dos trinta?

— Você vai ter que sair da toca e começar a viver. Não dá mais pra ficar enfurnada dentro de casa, só lendo e sem pegar ninguém.

— Tá, eu sei que preciso me movimentar. Mas, mesmo assim, você sabe que não é tão simples. O fim não foi fácil, e o Henrique foi o único relacionamento mais longo que tive. Ainda não me acostumei com a ideia de que não dependo mais dele para fazer algo na vida.

— Nunca dependeu, na verdade.

— Sim, eu sei. Mas você entendeu. E só relembrando, nos conhecemos na sala de aula e nunca houve um “encontro” oficial. Tudo começou no churrasco e terminou na formatura. Não precisei fazer nenhum esforço. Só sofrer.

— Já sei essa história de cor e salteado. Agora para de reclamar e desembucha. Quero detalhes! Conta! Como aconteceu?

— Ah, não sei explicar ao certo como aconteceu. Na hora pareceu boa ideia, mas nem pensei no que estava fazendo.

— Com certeza você não pensou mesmo. A Camila que eu conheço não teria marcado nenhum encontro.

— A verdade é que a gente estava ali conversando despretensiosamente no Facebook. Nem lembro ao certo por que começamos a conversa, mas de repente estávamos falando de livro. E entre em uma indicação e outra, acabei citando um dos meus favoritos da vida: *Confissões de uma numeração especial*, de Ana Paula Cândido. E, quando dei por mim, falei algo do tipo: “não dá pra explicar, um dia pessoalmente eu te conto a emoção”. E então, já estávamos ali,

marcando uma data. No fim daquela semana mesmo. Sexta à noite.

“Confesso que na hora não percebi que era um Encontro, do tipo com E maiúsculo. Mas, ao me arrumar para o compromisso e sentir o dilema de que roupa cai bem em mim, percebi. E pirei. Afinal, eu ia sair com alguém. E não era mais o Henrique ou algum amigo gay. Era outro homem. Bonito (eu pelo menos achava) e aparentemente inteligente. Afinal, falávamos de livro. Algo raro hoje em dia...”

“Voltando ao encontro, ou melhor, ao pré-encontro. Oh, dúvida cruel! Que roupa usar? Saia, vestido ou calça? O que ele vai pensar? Vou ficar sexy? Sem graça? Séria demais? Muito ousada? Cara de assanhada? Não tem condições, era pra ser só uma muda de roupa, quando foi que virou tanto problema?!”

“Primeiro drama resolvido: um shortinho preto, uma blusa larguinha, estampada, bolsa pequena, somente para o básico. Como meu carro estava em manutenção, solicitei um transporte via aplicativo para chegar ao encontro. O horário marcado era às oito da noite. Cheguei cinco minutos antes, por força do hábito. Ainda vou

passar aperto com essa mania de chegar no horário.”

“Chegando ao local marcado, uma *steakhouse* aberta recentemente na cidade, com drinks bem falados e promessa da melhor costela, o cenário parecia perfeito, só que não. O lugar ainda era modinha na cidade, e com certeza eu encontraria com algum conhecido. Com a minha sorte de encalhada...”

“E encontrei. Aquela amiga linda e bem sucedida. Com sua família perfeita para esfregar na nossa cara. Sou casada e feliz, e você?! Ah, desculpa, não conseguiu manter um compromisso por mais de quatro anos. Foco! Não adianta lamentar nada. É só cumprimentar, um abraço e um beijo. ‘Tudo bem, sim, obrigada! Ah, sim, deixa eu entrar, que a pessoa deve estar me esperando.’”

“E aí você sente o olhar alheio te seguindo até uma mesa vazia. Afinal, você não sabe fazer charme e chegou antes do pretendente. Será que ele vai me achar desesperada? Mas ele parece ser um cara culto, talvez entenda a importância de se cumprir horários. Ufa, ele chegou! Nossa, que sem graça que fiquei. Nos abraçamos e demos um beijo no rosto meio estranho. O que será da noite?

Melhor não pensar.”

“É incrível pensar como a coisa toda aconteceu. Você se arruma tanto, e passa tantos produtos no rosto, quando tem habilidades e paciência para tal, e quando está em frente ao dito cujo, a cara que ele faz de que pouco importa a roupa que você está usando... Ele já está pensando em você sem todas elas. E o pior que nem tenta disfarçar.”

“O papo vai fluindo, e parece que vocês viram melhores amigos de uma hora para outra. Daquele melhor estilo de infância, em que vocês conversam como se já se conhecessem há séculos. Inclusive para falar das intimidades.”

— Intimidades? Como assim, amiga, explica isso direito!

— Intimidades, ué. Dessas que você faz com outra pessoa em quatro paredes.

— Mas me conta, vocês já falaram assim das preferências logo de primeira?

— Não, né? Primeiro conversamos sobre o trânsito terrível que ele enfrentou e que o fez chegar cinco minutos atrasados. Segundo ele, chegar mais cedo estava nos seus planos, para escolher uma mesa mais reservada. Achei curiosa a

afirmação e então questionei sobre quais os critérios ele usaria para escolher a mesa, caso ele o tivesse feito (e não eu). Parecia um assunto muito idiota, mas estava temendo um possível gelo a noite toda, então tratei logo de fazê-lo falar!

“E o mais surpreendente foi ele narrando todas as possibilidades, de forma pontual e observadora, confesso fui ficando sem palavras, na mesma proporção em que ficava cheia de perguntas. E se fosse de dia? E se fosse uma boate? E se fosse numa festa aberta? Quando dei por mim, estávamos falando sobre preferências de privacidade, luz apagada ou acesa e outras coisas mais.”

— É, até que você estava bem assanhadinha para quem não queria ter encontro nenhum.

— Eu simplesmente não sei o que deu em mim! Eu olhava pra ele e não resistia. Ele tinha um olhar penetrante, que te convencia a fazer qualquer coisa. É um perigo! E o pior é que a conversa chegou nesse nível e eu nem percebi que já tinha tomado mais de cinco chopes. Quando meu limite é de apenas dois, lembra?

— Verdade, amiga, a última vez que a senhorita chegou a quatro chopes, nos deu um belo

trabalho. Aquela choradeira foi totalmente desnecessária — Nanda lembrou.

— Não precisa jogar na cara! Esquece, passou. Não é assim que vocês falam o tempo todo? Agora voltando, pois minha hora já está acabando...

— Isso, conta! Você tonta, toda soltinha. Não deve ter dado muito certo, hein?!

— Nem te conto. Estou precisando rever meus conceitos de certo e errado mesmo! A conversa já estava rolando sobre intimidades, já tinha perdido parte do meu autocontrole, e aquela música sensual no fundo...

— Música sensual numa *steakhouse*? Sério, Camila? O que estava tocando?

— Ah, não me enche. Não tenho culpa se acho música latina sexy.

— Ok. Já prometi não te zoar mais. *Sorry*. Continue.

— Pois bem, quando eu vi, eu já tinha falado tudo e mais um pouco sobre meu passado sem graça e pouco criativo. E ele, cavalheiro que era, com um ar professoral, falou que ensinaria tudo que eu quisesse. Ahhh... Maldito chope. Fechamos a conta. E partimos. Dali mesmo fomos

para um motel.”

“Eu acho que nunca fiquei tão passada assim. Eu simplesmente não sabia o que fazer. Isso nunca tinha acontecido antes. Aceitar ir para um motel com um cara que eu mal conhecia. Apesar de pouco provável, até aí tudo bem.

“Estava levemente disponível para uma primeira noite, mesmo sabendo que tinha escolhido a calcinha de algodão errada, mas, putz, eu nunca ia imaginar que iria acontecer algo! Pelo menos só era bege, e não estampada. Talvez ele fosse ver apenas quando as luzes se acendessem.”

“Mas, na verdade, quem se decepcionou fui eu. Ver aquele cara, tão cheio de si e tão confiante, que estava no bar, falando um ‘desculpa’ cabisbaixo, sem saber o que fazer com uma ereção que insistia em não aparecer, foi demais para mim.”

— Nossa, amiga, eu prometi não interromper, mas agora ficou difícil. Jura que o cara que prometia ser o “fodão” brochou? Não me lembro de você contar que o Henrique tivesse brochado alguma vez. Você nunca me contou nada tão profundo de vocês...

— Não, criatura! É claro que nunca tinha acontecido comigo. O Henrique pode não ser o

melhor, mas pelo menos terminava o serviço. De um jeito ou de outro. E nunca falhou. Mesmo que não fosse bom... Mas o “fodão”, como diz você, simplesmente ficou paralisado. E diante da paralização dele, comecei a reclamar. E não foi pouco não, viu. Acho que o efeito do chope já estava passando, e aquela história toda me deixou sem chão. Eu me senti a pior das criaturas. E então fui falando até não ter mais o que falar.

“Falei que era uma humilhação ele fazer aquilo comigo. Afinal, já estava me sentindo mal por estar disponível no primeiro encontro, naquele que eu nem queria chamar de encontro. Ele vem, me encanta, me convence e enche de expectativas, para então não fazer nada? Não aguentei. Só não chorei porque não tinha mais líquido no corpo (aquele monte de cerveja me fez urinar horrores!). E quando esgotaram as palavras de reclamação, eu peguei minhas roupas e fui me vestir no outro cômodo. Já tinha sido muita vergonha pra ele ainda descobrir meu péssimo gosto de lingerie.”

“Depois de me vestir, só avisei: estou te esperando na garagem, quero ir pra casa. E descí, daquele jeito, fazendo a cena da namorada louca terminando. Quando ele chegou no carro, apenas

PERIGOSAS NACIONAIS

destravou as portas e entramos, silenciosamente. Dali entramos mudos e saímos calado. Agradei a noite e dei tchau. E pronto, fim do encontro.”

— Tá, amiga. Não vai adiantar eu ficar pontuando a situação, do que era certo ou errado fazer. Mas você já parou para pensar que ele possa ter ficado nervoso, meio ansioso?

— Sério que você vai falar isso?! Só falta falar que talvez eu seja muita areia para o caminhãozinho dele e que por isso ele ficou assustado.

— Uai, e por que não?! — Nanda ainda tentava salvar a situação.

— Simplesmente porque ele era o “fodão”. Não era para ser o “brochão”. Que saco!

— Ah, Camila, não pensa nisso. Acho que vale uma segunda chance, você não acha?

— Não sei... Ops, *perai* que meu telefone está chamando aqui. Ih... vou ter que desligar, o “fodinha” chegou. Tenho que descer!

— “Fodinha”, gente?! Quem é esse? Não era “fodão” até um segundo atrás?

— Ah... o “fodinha” é história pra outro dia. Agora não tenho mais tempo. Fui!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Olhos pequenos

Por Lígia Dantas

Isso não era bem o que eu tinha idealizado como amor de carnaval. Eu me imaginei nos braços de um cara vestido de pirata no alto do bairro de Santa Tereza, com vista para a Baía de Guanabara. Imaginei o corpo dele moreno de sol, as poucas palavras dissolvidas no ritmo da bateria do bloco e a maré alta de beijos. Mas o cara que eu conheci no carnaval no Rio de Janeiro era soturno e vampiresco. Seu mistério me carregou para sua caverna. Eu buscava o lado solar, acalorado e colorido do carnaval carioca, e me enredei justamente no oposto.

Vou chamá-lo de Vlad. Eu o conheci no elevador, no segundo dia de carnaval carioca. Um encontro, digamos, desconfortável. Estávamos ele, uma garota de dezesseis anos e eu no elevador que deu defeito. Eu e minhas amigas tínhamos alugado um apartamento de quarto e sala em Copacabana

por quatro noites para o carnaval. Um edifício antigo, com dez apartamentos por andar, com dois elevadores pequenos, velhos, e com aquelas portas sanfonadas e gradeadas, que ficam nos mostrando cada andar passar com agonia.

De repente, ouvimos um estalo alto, o elevador oscilou com um impacto de levantar os cabelos e parou entre o sexto e quinto andar. Eu e a garota gritamos na hora. A coroa de flores da minha fantasia despencou da cabeça. Eu me ajoelhei ao lado da garota, também trêmula. Ali éramos duas meninas fantasiadas e amedrontadas, em perfeita sintonia, apesar de eu ter quase o dobro da idade dela.

Eu vi que Vlad apertou o botão de emergência do elevador. Eu ainda não tinha prestado atenção nele, talvez nem tenha olhado direito ainda, porque ele estava completamente fora do contexto. A não ser que a fantasia fosse pijama: calça de moletom, camisa preta e chinelos. Ele se virou para mim, e meu corpo deu um leve tremor com o olhar enigmático que ele me lançou. Olhos negros, parcialmente revelados por duas fendas estreitas.

Sempre ouvi dizer que os meus olhos

sorriem porque se transformam em fendas. Mas ele não sorriu. Sua boca rosada, sua pele muito branca e seus cabelos negros contrastavam entre si. Comecei a pensar que as roupas pretas lhe caíam muito bem, mas fui despertada pelo gemido de dor da garota.

— Meu tornozelo dói muito.

— Está inchando — respondi, solidária.

Vlad então forçou a porta sanfonada até que ela se abrisse. Estávamos entre andares, mas a abertura era consideravelmente maior para o andar de cima. Alguns minutos depois o porteiro apareceu, franzindo a testa.

— Isso vai demorar. E antes que vocês perguntem, não posso fazer nada. Só esperar pelo técnico. Como é carnaval, essas ruas estão um inferno logo pela manhã. — Ele olhou no relógio. — Acho que vai levar mais de uma hora para tirar vocês daí.

— Eu preciso sair agora! — A garota se equilibrou num pé só, levantou os braços alcançando o piso que dividia os andares.

— Não faz isso, pelo amor de Deus, menina! — gritou o porteiro.

Mas ela estava visivelmente decidida, e se

Vlad não a ajudasse, levantando-a, ela teria feito sozinha. Quando ela atravessou a porta, eu peguei minha coroa e olhei para Vlad, pedindo ajuda, mas já era tarde demais. O elevador deu outro tranco e desceu mais. Melhor nem pensar no que teria acontecido se a garota ainda estivesse atravessando para fora do elevador.

Com o baque da oscilação, o meu corpo bambeou, e eu joguei as mãos sobre o peito de Vlad. Ele envergou para trás com meu peso, e se o elevador não fosse pequeno, teríamos caído no chão. Acho que não seria romântico, ficaria parecendo mais um saco de batatas jogado sobre o outro.

— Não façam nenhuma besteira! Preciso voltar para a portaria.

— Por favor! — chamei antes que o porteiro sumisse. — Avise para as minhas amigas onde eu estou. Eu saí do apartamento antes delas. No 903.

O porteiro acenou com o braço e sumiu. Vlad se sentou no chão e passou as mãos nos cabelos. Não parecia interessado em conversar. Eu me angustiei ao pensar que as minhas amigas pudessem ter descido pelo outro elevador do

prédio. Chegariam à padaria, onde marcamos de nos encontrar, e ficariam desesperadas com meu sumiço. Minutos depois, as três apareceram na abertura do sétimo andar, tão desoladas quanto eu.

— O porteiro falou que pode levar até duas horas para arrumar — reclamou Roberta. — Não acredito que vamos perder o nosso bloco favorito.

— Duas horas! — eu me indignei. — Ele me falou uma hora!

— Uma hora se não fosse carnaval — falou Vlad pela primeira vez. Sem olhar para nenhuma de nós.

Nos minutos seguintes, trocamos olhares, gestos sobre o estranho preso comigo e decidimos que elas iriam para o bloco sem mim. Eu preferia que elas ficassem sentadas no chão do corredor até que o elevador voltasse a funcionar, mas não era justo, além de ser inútil. Todo aquele trabalho com as fantasias e maquiagem seria à toa. Que a decepção fosse apenas para uma de nós.

— Eu ligo assim que me livrar da prisão. Por favor, me atendam! — supliquei, sabendo que era impossível encontrar alguém em um bloco sem marcar cuidadosamente o local.

Enfim sós. E logo percebi que isso

significava me sentir só. Vlad deitou no chão do elevador e apoiou os pés na parede, visivelmente mal-humorado. Não vamos culpá-lo, quem não estaria morrendo de raiva nessa situação? Eu peguei o celular *dinossáurico* que eu levava para os blocos — eu não arriscava levar um celular bom para ser furtado no bloco, fato.

Era um tédio, aquele celular não me oferecia nada, principalmente porque se o 3G mal funcionava dentro do apartamento, imagine dentro do elevador? Comecei a me incomodar verdadeiramente com o calor. A maquiagem derretia, os cabelos grudavam nas costas. Você deve estar pensando: imaginou que ia sentir frescor no bloco? Uma coisa é derreter por fora com motivação e diversão, outra é naquela *vibe* sinistra.

De repente, o elevador deu outro tranco, tão forte quanto o primeiro. Eu me desequilibrei sem maiores estragos, mas Vlad chocou a cabeça contra o chão. Aquilo me assustou muito, o barulho foi alto, o rosto dele ficou mais branco, ele mal conseguia se equilibrar para sentar.

— Você quer ajuda? — Eu me aproximei, estendendo a mão para que se sentasse.

Sua mão estava fria e úmida. Seus olhos

PERIGOSAS NACIONAIS

pequenos me transmitiram uma tristeza imensa. Ele não era antipático, era só triste. Em seguida, sacudi a cabeça, tentando recobrar o juízo; até parece que sei ler a alma das pessoas através do olhar.

— Está doendo muito — disse com a voz fraca.

— Posso ver?

Ele se virou. Os cabelos cheiravam a alecrim e eram macios. Quase me perdi na busca pelo machucado. Encontrei uma mancha vermelha, sem sangue, mas que certamente se tornaria um galo alto.

— Vou chamar pelo porteiro, vai precisar colocar gelo rápido.

— Gelo é uma boa pedida agora... — Ele quase sorriu. Os lábios fecharam-se, incomodados pela dor. Pelo menos descobri que ele tinha algum bom humor.

O porteiro demorou a aparecer. Um carcereiro sem paciência para atender as demandas de seus presos.

— Já que o mineirinho se machucou, vou chamar os bombeiros para tirarem vocês daí. Deveria ser mais rápido, só não garanto nada. É carnaval, e as ruas estão pegando fogo!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Um saco de gelo já é um bom começo — respondeu Vlad, soltando o ar com força.

O porteiro desapareceu novamente.

— Então você é mineiro. — Sorri. — Eu também sou.

— Eu reparei quando te ouvi conversar com suas amigas. Parece que temos pelo menos uma coisa em comum. Talvez a única? — Eu senti um tom irônico na voz. A expressão no rosto ainda era de dor, então resolvi relevar.

— Observando você... — Analisei sem medida sua figura. Ajeitei os cabelos, espremi os olhos e bati o dedo indicador nos lábios. — Não pega sol, apesar de estar numa cidade com praia. Está todo vestido de preto num feriado em que as cores predominam. Você certamente não gosta de samba, talvez um *rock* bem pesado.

— *Touché!* — Ele levantou o braço direito como se desembainhasse uma espada. — Admiro seu senso de análise.

— E o que você faz aqui? Decidiu experienciar o pior carnaval da sua vida?

— Acho que combinamos no senso de ironia. — Ele finalmente sorriu de verdade e aquilo me derreteu de uma forma diferente que o calor.

PERIGOSAS ACHERON

O porteiro interrompeu nosso clima quase arrebatador com um saco pequeno de gelo. Peguei aquele tesouro nas mãos com desejo de abraçá-los. Queria entrar numa geladeira naquele momento. Vlad percebeu isso na minha cara, e antes de levar o saco à cabeça, abriu e tirou uma pedra.

— Passa no pescoço. Vai aliviar o calor.

Foi minha vez de abrir todo o meu sorriso. Ficamos suspensos no olhar um do outro por alguns segundos, até o silêncio incomodar ou revelar demais.

— Vou te contar o que eu estou realmente fazendo aqui no Rio: doutorado. Preciso terminar de escrever para qualificar a tese. Não rolava voltar para a casa dos meus pais, eles não me deixam escrever. Ficam me chamando, querendo conversar. É impossível se concentrar. Prefiro minha caverna.

Sentei ao lado dele e discorremos sobre a tese, sobre o meu trabalho, sobre o quanto é agradável a praia à noite e sobre Minas Gerais. De vez em quando, ele me emprestava o saco de gelo para aliviar o calor e sorria levemente, com aquela tristeza disfarçada pelos olhos pequenos.

Quando os bombeiros chegaram, eu não queria ser libertada. Ele também não pareceu

contente. Fomos resgatados contra nossa vontade. Eu o vi ser atendido por um enfermeiro enquanto eu me afastava pelo corredor do prédio. Não queria ir para o bloco. Eu me sentia meio zozza e enfraquecida. Cheguei à portaria procurando a chave do apartamento.

— Elas não deixaram nada aqui comigo, não.

A resposta me tirou o restante das forças. Sentei na cadeira de ferro desconfortável próximo à escada, em busca de um milagre. Ninguém respondia às minhas mensagens ou atendia às minhas ligações. *Daqui a pouco, trocam de bloco, pegam o celular e se lembram de mim*, pensei em busca de consolo.

Estava tentando mais uma ligação quando vi Vlad sair pelo portão de entrada do prédio. Aquilo só ampliou minha solidão. Achei que tivéssemos criado algum vínculo de empatia, mas perdi as ilusões ao vê-lo sair sem ao menos olhar para mim. Joguei a cabeça para trás e fechei os olhos, buscando algum conforto.

— Moça? — Abri os olhos meio confusa, provavelmente havia cochilado. — Você está com fome?

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele estava de pé, à minha frente, mostrando duas sacolas vindas da padaria, e eu logo entendi que a minha fraqueza certamente tinha a ver com fome. Ele abriu um saco de pão de queijo e me ofereceu. Devorei e sorri em agradecimento.

— Por que está aqui?

— Estou presa fora do apartamento. Com fome, cansada e derretendo com esse calor.

— Quer ir lá em casa? Pelo menos até as suas amigas voltarem. Tem ar-condicionado e você lancha comigo.

Eu olhei para o porteiro. Confesso que aquele era o melhor convite do dia, mas eu mal conhecia o cara. E o que aceitar aquele convite poderia parecer? O porteiro nem me olhou. Como se ele pudesse me inspirar mais confiança. *Quer saber? Depois do Tinder, as noções sobre confiança têm novos padrões.*

— Acho que você diagnosticou bem o que eu preciso agora — respondi, sorrindo.

Subimos pelo outro elevador, zombando sobre ele também dar defeito. Discretamente eu mandei uma mensagem para as meninas avisando onde estaria. *“Apartamento 1005, por favor, não se esqueçam de mim”*, um *draminha* sempre é válido.

PERIGOSAS ACHERON

Ele morava em um apartamento completamente diferente do que alugamos. Era uma quitinete comprida, com apenas uma janela. Como se isso fizesse diferença, ele certamente não abria nem as persianas. A caverna, como ele mesmo nomeou, já estava gelada pelo ar-condicionado ligado. As luzes acessas se restringiam à luminária em cima da mesa e à luz fraca da cozinha. Havia livros espalhados em pilhas por todos os cantos.

A mesa que acomodava parte de toda a luz do ambiente estava caoticamente ocupada pelo notebook, papéis e livros. Vlad os empurrou, abrindo espaço para o lanche que comprou. Avistei um copo cheio de um líquido vermelho vivo feito sangue num canto da mesa. Mais um motivo para manter o apelido dele como Vlad.

— Prefere um café ou suco de tomate?

— Café — respondi sem esconder o sorriso.

— Aquilo é suco de tomate?

— Traz para a luz, que você vai ver que o tom de vermelho é mais claro do que parece.

Bisbilhotei os livros acadêmicos enquanto ele fazia o café. Mantivemos um silêncio cortês, entremeado pelos meus sorrisos gentis e seus olhares enigmáticos. Apenas quando me aproximei

da cortina, tentando abri-la, ouvi sua voz.

— Está emperrada. Acho que por falta de uso.

— Não gosta da luz natural?

— Talvez da luz da lua e das estrelas menos abrasivas que o sol — respondeu depois de pensar por uns minutos.

— Eu sou encantada pela lua.

Ele sorriu levemente, estendendo uma xícara de café na minha direção.

— Açúcar?

Eu acenei o sim com a cabeça. Ele sorriu mais uma vez, levando a xícara de café sem açúcar aos lábios. Eu sabia que não tínhamos nada a ver um com outro. O “talvez” sobre a lua não passou despercebido. Mas a tensão que crescia entre nós era visível.

— Não deve ser agradável morar numa cidade quase hostil para você — falei, provocando um diálogo.

— Vai ser por pouco tempo, em um mês embarco para Noruega. Vou fazer um ano do doutorado lá, por isso preciso qualificar aqui primeiro.

— Noruega? Bacana. — Meu coração

estranhamente gelou. — Está bem perto já.

— Estou correndo contra o tempo.

Eu me senti constrangida por estar ali, gastando o tempo dele. Engoli o pão de queijo mais rápido, decidida a inventar uma desculpa gentil e ir embora.

— Chega uma hora que dá uma travada na escrita. Parece que não vai sair nada. — Ele espreguiçou o corpo com tanta desenvoltura, que meu sangue bombeou mais rápido pelo corpo. — Acho que vou destravar quando retomar mais tarde. Essa confusão me aliviou da tensão. Acho que, na verdade, você me relaxou.

O olhar triste dele parecia aceso agora. Eu estava desconcertada, me sentindo mais presa do que caçadora, e aquilo me incomodava muito.

— Algum tempo na sauna relaxa mesmo o corpo — retruquei, tentando retomar as rédeas da situação. — Aquele elevador fez bem esse papel.

Ele sorriu, desviando o olhar ao pegar um pão de queijo. Ele esfriou, se manteve em silêncio nos minutos seguintes, e eu engoli um nó na garganta. *Acho que mandei mal, pode ter soado como um fora, a minha resposta.*

Mas que tipo de atração rolava entre nós?

Não parecíamos ter nada em comum.

— Você gosta de ler outros gêneros além desses livros para a sua tese? — perguntei, tentando encontrar alguma identificação com ele.

— Fantasia épica, ficção científica, suspense — respondeu de imediato.

Quando me dei conta, estávamos discutindo sobre diversos livros que lemos em comum. O que mais nos prendia, ou nos broxava, sempre eram motivos diferentes, como se quiséssemos convencer o outro quem estava certo.

Ele me mostrou *sites* de discussões sobre os temas que debatíamos. Avermelhou as maçãs do rosto. Estalou dedos e pescoço, em movimentos rápidos e enérgicos. Então afastou os meus cabelos que escondiam minhas orelhas, em um contato físico inesperado, após eu contar que faltava pouco para as minhas orelhas serem de elfo...

A descarga elétrica que correu meu corpo começou onde senti o toque dele. Vlad se esqueceu do que fazia, em vez de verificar minhas orelhas, fitou minha boca. Foram breves milésimos de segundo até o cair das pálpebras e o encontro dos lábios serem interrompidos.

O som de pancadas na porta nos assustou.

Ele se levantou, apressado. Eu senti o rosto queimar de ansiedade. Então ouvi a voz de Gabriela.

— Minha amiga mandou mensagem avisando que estaria aqui.

Eu olhei para o celular velho sem bateria e logo entendi tudo. Tínhamos um pacto de salvamento em situações de risco. E eu enviei a mensagem para elas avisando onde estaria com tom de alerta, afinal queria que se sentissem culpadas por me deixar sem chave e sem comunicação por tanto tempo.

— Sua amiga veio te buscar — avisou Vlad, convidando Gabriela a entrar na caverna, sem fechar a porta.

Eu queria ficar, mas já não acreditava que ele quisesse o mesmo. Seu olhar voltou a ser frio, e seus gestos, impacientes. Talvez estivesse decepcionado com a interrupção. Segui para a porta um tanto sem graça. Sorri para ele, me aproximei e estalei um beijo no seu rosto.

— Obrigada.

Ele não respondeu. Gabriela quis dizer alguma coisa, mas eu a impedi com o olhar. Ele só fechou a porta do apartamento quando entramos no

elevador. Eu não olhei para trás, apenas ouvi. Seria um final fracassado para esse encontro?

Enquanto ouvia as perguntas infinitas de Gabriela, percebi que tinha esquecido minha coroa de flores na casa dele. Sorri, triunfante, era a minha deixa. Ok, você pode pensar que não precisamos de subterfúgios para fazer o que desejamos, mas eu falho muito nesse quesito. Por insegurança, por preconceitos difíceis de me livrar, sim, às vezes gostaria que as atitudes viessem só deles, e, por adiamento, sou mestre em adiar tudo.

Cheguei ao nosso apartamento, tomei um banho e conversei um tempo com as meninas. Quando vi a lua alta no vão dos prédios, senti que era a hora certa. Busquei o vinho entre as garrafas de bebidas que trouxemos — minha intuição me fez comprá-la mesmo que não tivesse nada a ver com o calor do carnaval.

Enquanto subia aquele único lance de escadas, evitei tudo que me impedisse. Eu sempre fui retraída ao tomar atitudes e medrosa com amores fadados a apenas uma noite. Eu sempre me apeguei com muita facilidade, e isso inclui se apegar também à culpa. Mas a matemática era simples e libertadora: uma noite para realizar um

desejo.

Vlad abriu a porta sorrindo. Eu ia falar da minha coroa, mas não precisava de desculpas, apenas levantei a garrafa que carregava na mão. Ele me puxou pela cintura, me beijando com a mesma intensidade que meu desejo borbulhava. Os batuques, as cores, a alegria do carnaval estalaram dentro de mim.

Oi, sumida

Por Zana Ferreira

Não me admirei quando ele não apareceu.

Não que o convite tivesse sido feito adequadamente. Na verdade, eu bem estranhei a mensagem, mas havia ficado tão empolgada no primeiro momento, que ignorei o contexto estranho.

Sábado, onze e meia da noite, e eu estava em pé na porta do barzinho badalado parecendo uma idiota. Eu me perguntava se era nítido que eu havia levado um bolo ou se as pessoas estavam tão entretidas nas próprias conversas, que nem me davam atenção. Torci pela segunda opção.

Como o estrago já estava feito mesmo, arrisquei uma última mensagem. “*Onde você está?*”, perguntei mais uma vez. De novo, a mensagem foi entregue, mas ele não visualizou. Se eu realmente quisesse levar essa história até o fim,

poderia ter caminhado entre as mesas até achá-lo. Afinal, o bar era grande, mas não tanto assim. E ele com certeza estava ali.

“O que está fazendo? Estou na Alameda”, dizia a mensagem que Roberto havia mandado cerca de quarenta minutos antes.

Se eu estivesse em casa, dificilmente me arrumaria para ir encontrá-lo àquela hora, mas estava na festa de aniversário de dois anos do filho de uma amiga, e a oportunidade vinha a calhar. Como qualquer festa infantil, o evento havia começado cedo, e os convidados já estavam indo embora.

Nem acreditei que ele estava me mandando mensagem assim de repente. Sabia muito bem qual era a dele, mas até então não me importava. Apesar nos encontrarmos há um tempo, esses momentos nunca eram em locais públicos. Ele sempre ia à minha casa. Isso me pareceu intimista nos primeiros momentos, mas logo ficou escancarado que ele não podia, ou queria, ser visto comigo. Situação meio desagradável, mas sabe como é... Ele era muito gato. Muito mesmo. Possivelmente o cara mais gostoso que já peguei na vida.

Como também não esperava nada de mais

dele, fui fingindo não perceber que as mensagens carinhosas no meio de semana significavam que o fim de semana já estava comprometido com outra. Por mim, tanto fazia. Não estava saindo com mais ninguém mesmo e não tinha nada a perder.

Pelo menos até aquela mensagem.

Eu já estava online, dando uma averiguada se havia jeito de estender a noite e não precisar que a carona de um de casal de amigos me deixasse em casa. Por isso vi a mensagem dele e respondi instantaneamente.

“Legal, estou numa festa, mas está acabando aqui. Chego aí em meia hora”, respondi.

Sim, parecia estranho ele me chamar pela primeira vez para ir ao barzinho do momento assim de supetão. Sim, eu percebi que ele ficou online depois e não visualizou nem respondeu minha mensagem. Sim, eu pedi aos meus amigos que me deixassem no bar mesmo assim. Por quê?

Em parte porque já não era tão legal encontrá-lo sempre da mesma forma, ou porque estava dizendo a mim mesma que eu era uma pessoa interessante e não havia razão para ele não querer ser visto comigo. Mas o principal era que eu queria pagar pra ver. O famoso “vai ou racha”.

Só que ele escolheu “rachar”, como ficou claro naqueles minutos em que fiquei ali parada, em pé, olhando para o aplicativo de mensagens e arriscando até uma ligação. Depois dessa última tentativa frustrada já não havia mais o que fazer.

Só havia um problema. Eu havia chegado ali de carona e não tinha meios de ir embora, pois dispensei os amigos tão logo me deixaram no bar. “Você não quer que a gente espere ele aparecer?”, perguntou minha amiga. “Não, ele está aqui, sim, podem ir”, eu disse.

Talvez eu sentisse que ia dar merda e não queria público para essa cena lamentável.

Só que apesar do bar estar movimentado, o resto da rua e do bairro não estava. O relógio já marcava quinze para meia-noite, péssimo horário para arriscar sair andando sozinha. Tentei chamar um carro pelo aplicativo, mas os motoristas disponíveis demorariam mais de dez minutos para chegar, e eu já estava cansada de fazer papel de trouxa na porta do bar. Também liguei para um ponto de táxi próximo, mas não era o meu dia, pois ninguém atendeu.

Certa de que o ódio no meu coração serviria de escudo contra qualquer pessoa mal-

PERIGOSAS NACIONAIS

intencionada, decidi ir embora caminhando mesmo. Não era um bairro tido como perigoso e ficava próximo ao Centro, onde eu morava. Em quinze minutos, eu chegaria em casa. Ok, vinte minutos, por conta do salto.

Foi só virar a esquina e cair em uma rua tão escura quanto deserta para que toda minha raiva fosse embora. Não havia mais como pensar no infeliz, uma vez que me preocupava em rezar todas as orações conhecidas, pedindo a Deus que perdoasse minha falta de juízo e me deixasse chegar em casa sã e salva.

Tirei os sapatos para poder andar mais rápido e não fazer barulho. O *toc toc* dos meus passos ecoavam tão alto, que seria impossível não os ouvir a dois quilômetros de distância. Comecei a andar o mais rápido que conseguia, sem que parecesse que eu estava correndo de um possível *serial killer*.

Segui pelo meio da rua para escapar do breu total que estava debaixo das árvores na calçada e também para ficar mais fácil visualizar qualquer aproximação. Sem disfarçar minhas paranoias, olhava por cima do ombro a cada dois passos à frente.

PERIGOSAS ACHERON

O coração ainda estava disparado, mas começou a bater mais calmo quando cheguei à minha rua. Olhando fixamente para a fachada do meu prédio a poucos metros, nem lembrei de olhar ao redor como havia feito durante todo o caminho até ali.

— Calma aí, tia. Perdeu — ouvi uma voz fina dizer.

Fechei os olhos, derrotada. Tão perto de casa. Droga!

Paralisada de medo, nem consegui me virar, mas o moleque veio em minha direção. Era pequeno e muito magro, cogitei que talvez eu tivesse condições de dar um chute nele e fugir, mas mesmo que eu corresse muito, com certeza ele me alcançaria quando eu tivesse que encontrar a chave certa para abrir o portão.

— Passa a bolsa — ele ordenou.

Lembrando que nem havia terminado pagar a bolsa nova, obedeci sem falar nada. A decepção ficou visível enquanto ele revirava o conteúdo encontrado.

— Maquiagem, identidade, chaveiro e cartão. É isso mesmo? Sem dinheiro e sem celular?

— Só carrego cartão, é mais prático. E já

me roubaram o celular duas semanas atrás — respondi sem olhar nos olhos dele.

— Também, andando sozinha na rua uma hora dessas. Pede pra ser assaltada, né, tia? — retrucou o menino com raiva.

Eu ri, nervosa, mas continuei sem encará-lo, olhando com medo para o chão. Se me sobrasse alguma organização mental, voltaria a rezar, mas estava apavorada demais até para isso. Decepcionado, o moleque jogou a bolsa no chão e já se virava para fugir quando o meu celular apitou.

Hábito antigo, eu sempre escondia o aparelho no sutiã toda vez que andava sozinha na rua depois das oito da noite. Na pressa de sair do bar, não coloquei o celular no silencioso, mas havia desligado a internet de dados durante o caminho. Mas o *Wi-Fi* reconectou ao chegar perto de casa.

O moleque nem precisou pedir. Tirei o celular de dentro da blusa e entreguei, torcendo para que ele não me batesse. Antes que a pequena mão do assaltante tirasse o aparelho de mim, consegui ver quem era o algoz que me denunciava: *Mensagem de Roberto*, mostrava a notificação na tela do celular.

— Dando uma de esperta, né? Só pra

aprender, vou levar essa bolsa também. Bonitona, dá pra trocar por um bagulho — resmungou com tom desafiante.

Quando ele já estava longe o bastante para não me bater, mas perto o suficiente para que pudesse me ouvir, eu arrisquei gritar:

— Devolve pelo menos a chave! — implorei.

O menino deu uma risada canalha e continuou a fuga sem me atender.

Nem tive pressa para dar os últimos passos até a porta do prédio. Era um antigo edifício de salas comerciais que haviam sido adaptadas para se tornarem quitinetes. Habitado por universitários e jovens adultos, o local não contava com um porteiro. O jeito era tocar o interfone de algum conhecido e torcer para que atendesse.

A vizinha do 107 logo abriu o portão e me deu abrigo naquela noite, bem como emprestou dinheiro no dia seguinte para que eu chamasse um chaveiro e pudesse entrar no meu apê.

Apesar de toda a chateação de ser assaltada e do prejuízo, nos dias seguintes descobri aos poucos que era levemente agradável não ter mais celular. Não havia aquele vazio diante do aparelho

que nunca tocava, ou a frustração de ver que, quando apitava, eram piadas bobas da galera do trabalho, mensagens motivacionais no grupo da família ou as terríveis mensagens de morte e acidente que chegam nos grupos de notícia em que eu era obrigada a estar por conta do serviço.

Além disso, não ter o celular significava me desligar totalmente do trabalho quando não estava em horário de expediente. Não havia mensagem de chefe ou colega para conferir, nem a tentação de abrir o *e-mail* e ver se algo importante havia chegado.

Também me surpreendi com o tanto que minha concentração aumentou. Sem a distração dos apitos constantes era mais fácil começar e terminar tarefas simples como colocar o lixo na rua, ir à academia ou ler um livro antes de dormir.

Surpreendida pela leveza da nova realidade, eu pensava em continuar meu *detox* de tecnologia. Mas esse plano foi por água abaixo na segunda semana após o assalto, depois que a concorrência noticiou em primeira mão alguns fatos importantes da região que haviam surgido de postagens nos tais grupos de notícias dos quais eu era membro. Assim, o jornal onde eu trabalhava decretou o fim

do meu jejum tecnológico e providenciou um aparelho simples para que eu pudesse voltar a acompanhar as tragédias diárias que chegavam pelo aplicativo de mensagens.

Comprei um novo *chip* com meu número de sempre e respirei fundo quando uma infinidade de mensagens começou a chegar. Dentre as mais de trinta conversas, uma em especial chamou minha atenção.

“Oi, sumida. Não vai me responder mais não? Me deu o bolo aquele dia e agora me ignora. Desse jeito vou ficar triste =(Que tal se eu for mais tarde na sua casa para a gente conversar?”

PERIGOSAS NACIONAIS

Encanto

PERIGOSAS ACHERON

Aquele reencontro

Por Ana Paula Cândido

Na empresa estava um burburinho só. Todos agitados com a chegada do auditor externo. Eu particularmente não estava tão preocupada, afinal sempre fui muito organizada e seguia o padrão de qualidade que a empresa estava enquadrada. Mas, apesar da minha tranquilidade, o assunto dos corredores era: Claudio Tavares está chegando!

Como eu estava na empresa havia pouco tempo, ainda não tinha conhecido o tal auditor. A rotina dele basicamente era passar mais ou menos três semanas em cada filial, o que dava uma média de uma visita a cada onze meses ou um ano. Mas as meninas que já o conheciam falavam o tempo todo que ele era inteligente e principalmente irresistível.

A reunião de apresentação e exposição do cronograma de auditoria estava marcada para às quatro da tarde, logo após o café. Sendo assim, passei nos escaninhos para buscar minha

nécessaire, e já estava voltando do banheiro quando uma amiga me chamou para ajudar em um problema com a impressora. No caminho, me deparei com Cacau saindo do elevador.

Até aquele momento não tinha me dado conta de quem era o famoso auditor. Cláudio Tavares, Cacau para os íntimos, foi meu amigo de faculdade e cunhado. Por muitos anos nos víamos com uma frequência incrível, e agora, alguns anos depois, nem me lembrava mais da existência dele.

Apesar de ele ter namorado Cíntia, minha irmã caçula, nós temos a mesma idade. Lembro que nos conhecemos na primeira semana na faculdade, quando, logo após uma aula, fomos à biblioteca buscar as referências passadas pela professora.

Conversamos um pouco, e apesar de ser meio tímido, criamos uma sintonia bacana. Ali já deu para perceber que nos daríamos bem durante o curso, já que ele também demonstrava ser bem estudioso.

Logo ele me contou que estava começando a sair com uma menina e que, por ser mais nova, o relacionamento ainda era escondido dos pais dela. Falou também que não gostava dessa ideia e que em breve ela completaria a maioridade, e ele

poderia então conhecer seus sogros.

Apesar das coincidências das datas, como ele não citou o nome da menina, em nenhum momento imaginei que também eram meus pais quem ele tanto ansiava conhecer. Em menos de duas semanas, o grande dia chegou!

Quase caí para trás quando ela apareceu toda sorridente querendo me apresentar seu primeiro namorado. Ainda bem que estávamos em uma festa, com muito barulho e gente para dar atenção. Nós nos cumprimentamos rapidamente e falamos que nos conhecíamos de vista, pois estávamos na mesma turma.

É claro que, dali pra frente, a convivência tornou-se algo normal. Ele era meu cunhado e estávamos na mesma sala. Havia semanas que eu o via mais do que via Cíntia. Ela, com uma insegurança normal da idade, queria que eu passasse um relatório completo de todos os passos dele na faculdade. Só depois que comecei a namorar Henrique, também da nossa sala, que ela me deu um pouco de paz. Até porque eu realmente não tinha mais tempo para cuidar do namorado dela. Afinal, agora eu tinha o meu.

Durante todo o período da faculdade, ambos

os relacionamentos foram seguindo normalmente, sem muitos planos para o futuro, como alianças, noivados e tudo mais. Curtíamos o momento e pronto. E curtimos tanto, que, na formatura, Henrique disse se sentir sufocado e terminou. Às vésperas do baile. Eu simplesmente não conseguia entender e muito menos aceitar os argumentos. Mas nada podia fazer. Quando um não quer, dois não namoram.

Após a formatura, Cacau passou por uma fase meio rebelde, querendo viver tudo que tinha para viver. Frequentava muitas festas, algumas delas até mesmo sem Cíntia. Ela, então universitária, aumentou seu ciclo de amizades, e ele foi ficando ciumento. Passaram a brigar muito até chegar no ponto em que uma bobeira foi o estopim do término do relacionamento.

Ela sofreu muito. Fora seu primeiro namorado, e ela esperava que terminasse no altar com um belo sim, iniciando então uma vida juntos para a eternidade. Mas nada que o tempo não cure. Depois de alguns anos, ela encontrou um outro alguém. Já está casada, morando em outra cidade, e tenho uma sobrinha linda.

Apesar de terem sido concunhados, ele e

Henrique também perderam o contato. Henrique voltou para cidade natal e se casou com uma amiga de infância. Enquanto isso, a carreira de Cacau decolou, e ele passou a viajar muito. E viajou tanto, que entre idas e vindas, agora estava ali, diante de mim.

Aproveitei a intimidade de anos e fui logo o cumprimentando com um abraço. Apesar do passado, não havia rancor entre nós. Conversamos rapidamente sobre o fato de ele ser o auditor e nos afastamos. Eu precisava buscar meu material para a reunião.

Após a reunião, com o argumento de que, por viajar muito, ele já não tinha mais tantos amigos na cidade, me chamou para um *happy hour* em um bar perto dali. Achei a proposta interessante e aceitei. Até chamei mais duas meninas do setor, mas elas disseram que já tinham combinado um cinema com outras amigas.

Ao se despedirem, fizeram aquela cara de *aproveita, hein, amiga*, que sinceramente preferi ignorar. Cacau, apesar de ter se tornado um homem muito atraente, ainda era aquele cara bacana que fora meu cunhado. Sem chances.

Era sexta-feira, e não me preocupei com

nada. Resolvi até extrapolar um pouco, e bebemos uma torre de chope. Inicialmente conversamos apenas sobre trabalho, cada um contando como entrou para a empresa.

Logo começamos a falar de nossas vidas pessoais. Ele quis saber o que fiz da vida após o término traumático com Henrique. Conteí que acabei focando no trabalho e que, além do escritório, me tornei professora. Ficou até parecendo que voltamos a falar de trabalho, mas eu realmente não tinha nada para contar. Não tive ninguém nesse período, apenas alguns poucos encontros frustrados. É claro que até participava das festas, para interagir com os alunos, mas sempre de forma social, sem envolvimento com nada nem ninguém.

Falei sobre a Cíntia, que estava bem e feliz e que já era mamãe. Mas ele parecia pouco se importar com essas informações. Logo voltou a conversa para mim.

— Você está incrível. Sempre vi em você uma mulher maravilhosa, que por algum motivo não se amava. O Henrique foi um babaca em deixar você.

Senti que corei. As palavras sumiram da

minha boca. Já não estava mesmo acostumada a receber elogios. Ainda mais daquele jeito, com tanta informação misturada. O uso da palavra “sempre” me confundiu e mexeu comigo. Por que “sempre”? O sempre associado a Cacau pra mim era: ele sempre foi meu cunhado. Simples assim.

E por que falar do Henrique desse jeito? É claro que ele foi um idiota no final. Mas senti raiva em sua fala. Por que isso?

Um filme passou rapidamente na minha cabeça, do passado, de quando nos conhecemos, e como foi simples, mas encantador. Lembrei que na época até fiquei levemente empolgada em conhecer alguém que também frequentasse bibliotecas. Mas um pequeno balde água fria caiu sobre mim quando ele disse da namorada. Só pensei que não era pra ser, e pronto.

Preferi encerrar o silêncio constrangedor com um alguma frase clichê, algo como “está tarde, amanhã tenho muito o que fazer”. Mesmo que fosse apenas lavar roupas e ir ao supermercado. Ele não precisava saber. Inventei algo sobre ajudar uma amiga, e encerramos a noite.

Na despedida, ele me deu um beijo no rosto, bem mais próximo da boca do que o normal. Sem

graça, dei um jeito de entrar no carro logo e arranquei. Chegando em casa, já tinha uma mensagem no celular: *“A noite foi ótima, precisamos repetir mais vezes. Será que está disponível amanhã?”*

Por um momento, fiquei pensando em como ele tinha meu número de telefone, pois não lembrava de ter passado para ele. Logo lembrei que, como auditor, ele tinha acesso a todos os dados da empresa. E isso era algo simples para ele.

Preferi ignorar a mensagem até o dia seguinte e respondê-la somente após o almoço. Não estava no clima, principalmente por não entender exatamente o que estava acontecendo. Será que eu estava vendo coisa demais? O ex da minha irmã estava dando em cima de mim? Não sabia se estava preparada para lidar com tudo isso.

Respondi falando que tinha um compromisso, o que não era exatamente mentira. Eu até tinha mesmo, uma feira regional que minha melhor amiga, Nanda, pediu que eu a acompanhasse, mas que, sinceramente, não estava com vontade de ir.

Passei o restante da semana o evitando, lidando apenas com o que fosse realmente

necessário dentro da empresa. As meninas do setor perceberam o interesse dele e me incentivaram: “Viva essa aventura e veja no que vai dar.” Chegavam a imaginar cenas e me deixavam cada vez mais constrangida. E completavam: “Não vem com esse papo de que ele foi seu cunhado! Isso é passado.”

Duas semanas se passaram da forma mais lenta possível. Parecia que quanto mais eu fugia dele, mais ele dava um jeito de se mostrar atraente no melhor estilo irresistível.

A terceira e última semana dele na empresa finalmente chegou e coincidiu com a semana de inauguração de mais uma filial, com um coquetel em um bar badalado da cidade.

Durante a festa eu fazia o possível para fugir dele. O que também significava ficar de olho nele o tempo todo. Confesso que essa brincadeira de fugir me lembrou uma sensação gostosa de conquista na época da adolescência. Sem contar que Cacao definitivamente se tornou um homem quase irresistível.

Atraente, inteligente, divertido, educado, bem-sucedido. Tudo que sempre busquei em um homem. E parecia não existir um homem que

tivesse todas essas qualidades juntas. Mas me enganei: *ele existe*. E por algum motivo estava me dando mole. E eu estava em uma festa fugindo dele. Mas por que mesmo?!

Foco, Camila Augusta!, gritei comigo em minha mente. O porquê é muito simples. Ex-cunhado. Pronto. Não tem mais conversa.

Mas será que não? A Cíntia já está casada. Henrique, também. *Qual seria o problema mesmo?*, eu me perguntei mais uma vez.

O diálogo interno estava se tornando uma tortura, quando escutei um sussurro próximo à minha nuca:

— Já te falei que você está linda hoje?

Depois de me arrepiar toda e ter que me recompor em segundos, me virei para responder:

— Ahn? Ah! Oi! Cacau.

— Tudo bem? Procurei por você a noite toda, onde se meteu?

— Estava por aí. Curtindo. Mas, na verdade, já estou de saída. Foi bom te ver.

Já estava passando por Claudio quando ele segurou meu braço e aproximou seu rosto do meu, de forma que eu pude sentir sua respiração. Senti-me desconfortável com a proximidade e confesso

que, por um segundo, desejei beijá-lo. Mas a consciência voltou a mim ao som da sua voz:

— Por que será que tive a impressão que você fugiu de mim a noite toda? Qual é o seu problema? Talvez eu não tenha sido claro até agora, mas, Camila, desde o dia que eu te revi, você não saiu dos meus pensamentos.

Ao som do meu silêncio, ele continuou:

— Fala! Por que você está fugindo de mim?

— Não estou fugindo. Só preciso ir. Já está tarde.

— Sério isso, Camila? Já somos adultos o suficiente para lidar com a situação.

— Acho melhor você deixar isso de lado. Não rola. Você foi meu cunhado. Isso muda tudo.

— Você só pode estar de brincadeira! O problema é esse? — Ele me soltou, demonstrando insatisfação com a resposta.

— Sim. Melhor não misturarmos as coisas. Além do mais, logo você também estará em outra cidade. Não acredito em relacionamento à distância.

— Mas a gente pode fazer dar certo. Eu posso pedir transferência para um cargo local. Ou até mesmo procurar outro emprego aqui. Com meu

PERIGOSAS NACIONAIS

currículo, não seria tão difícil.

— Não complica as coisas. Sua vida já está definida. Você viaja e trabalha. E eu fico aqui trabalh...

Fui interrompida por um beijo, o que foi o suficiente para eu tomar minha decisão.

Foi a primeira vez que vi, num beijo, o príncipe virar sapo.

PERIGOSAS ACHERON

Garotos

Por Lígia Dantas

Uma tarde quente e um barzinho badalado. A combinação perfeita para o sábado. O plano era fofocar e beber uma, duas ou três geladas. Porque eu estava empolgada por finalmente morar sozinha, e amando curtir o sossego da minha casa. Mas nada saiu como esperado.

Estávamos na segunda garrafa de cerveja quando sete ou oito garotos se sentaram à mesa ao nosso lado. Sim, garotos, eram bem novinhos, acho que uns dez anos mais novos que nós. Mas eram altos, com corpos bem feitos e uma energia visível.

— Nós queríamos saber: qual é a boa da noite? — perguntou um deles, de repente.

— Uai! Vocês devem saber melhor do que nós qual festa vai bombar hoje — respondi.

Ele curvou o corpo na minha direção, ajeitou para trás o cabelo escorrido sobre os olhos e revelou uma covinha no lado direito do rosto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não somos daqui, viemos do sul de Minas para o Interestadual de Basquete Juvenil.

— Ahhhh... — Eu quase perdi a fala quando ele piscou um dos olhos. — Então, tem sempre umas noitadas boas rolando aqui, sim.

O “juvenil” circulou na minha cabeça até sumir. Em poucos minutos, eu, Roberta, Gabi e Larissa trocávamos mil sugestões de baladas com os mocinhos. Mas isso não foi tudo, eles logo misturaram uma mesa com a outra, eu me sentia com vinte anos novamente. Mas aquele primeiro rapazinho, o gatinho, sumiu na dança das cadeiras. De vez em quando, me lançava um sorriso de longe, como se também sentisse a distância colocada entre nós.

Foi numa distração que ele perdeu o lugar ao meu lado. Eu saí para ir ao banheiro, e quando voltei, a mesa estava toda diferente e a cadeira que sobrou era bem longe dele. Ao meu lado, um rapaz que parecia um anjo, cabelos cacheados, rosto liso, quase sem sinal de barba. Conversamos sobre a cidade, sobre a faculdade que ele cursava e vi seus olhos acenderem quando descobriu que eu era mais velha do que ele imaginava.

Não posso dizer que foi a melhor sensação

PERIGOSAS ACHERON

reparar como cada um daqueles rapazinhos nos devoravam com o olhar e sedução pueris. Eu preferia imaginar estar de volta aos vinte anos do que me sentir a mulher fatalmente experiente.

Mas com o tempo me esqueci disso também. Não sei quantas garrafas de cerveja tomamos ao todo, só sei que meu corpo e meu juízo estavam leves e suscetíveis a deslizos. Emendamos na noitada.

O *pub* estava lotado, a fila já dobrava a esquina, mas Gabi rapidamente nos colocou para dentro sem passar pela fila. Não a todos nós. O contato dela liberou os nossos “pares”, ou seja, tínhamos que entrar como casais. Naquela confusão, o gatinho ainda não tinha chegado, e o anjinho se colocou ao meu lado rapidamente.

Eu me sentia bem mais atraída pelo gatinho, ele aparentava ser mais velho que era. Já tinha barba, pelo menos. O olhar era muito mais sedutor. Anjinho fazia jus ao apelido que lhe dei, era fofo. Pegou na minha mão, mãos grandes e proporcionais ao conjunto. Soltei a mão dele depois que entramos. Evitei lhe dirigir o olhar. Estava seriamente confusa. Eu me distraí nesse pensamento, e quando me dei conta, todos os

mocinhos tinham se afastado de nós.

— Você viu quem está aqui? — Roberta me perguntou, interrompendo meu pensamento.

— Quem?

— Veja no outro balcão, bem à esquerda.

Meu ex-namorado. Aquele com quem passei longos anos, quase um casamento em casas separadas. Ele estava lá exatamente igual ao que havia se tornado nos últimos anos, quase sem graça, vestido com roupas finas e bebendo uísque caro como se fosse o cara mais importante do espaço.

Do outro lado, vi os meninos do time, calças jeans, camisas de malha e garrafa de *long neck* na mão. Tão distantes e ligados pelo túnel do tempo. Quando conheci meu ex, ele era exatamente como os garotos. Aquilo me fez sorrir.

— Oi! — chamou Gabriela. — Onde você está?

— Bem aqui...

— Vamos para a pista? Eu gostei bem daquele loirinho do time de basquete, mas vou dar uma disfarçada por enquanto. E você? Escolheu algum?

— Não, Gabi. Tem muito conhecido aqui

hoje. Acho estranho ser vista pegando um novinho.

— Ah, para, né? — intrometeu-se Roberta.
— Parece crise de meia-idade!

Peguei vodca com maracujá. Precisava acalmar a cabeça confusa. Prestei atenção ao show no palco, sabia cantar todas as músicas, e isso era bom. De repente o gatinho passou na minha frente. Levantou a garrafa como se brindasse comigo à distância. Eu sorri de volta, mas ele desapareceu entre o público do show.

— Está rolando um clima com aquele novinho? — perguntou Larissa. — Apoio muito. Acho que você precisa beijar uns mocinhos como se não houvesse amanhã.

— Seus conselhos são autoaplicáveis?

— Sabe de nada, prima! — Larissa abriu seu sorriso debochado. — Sabe o Pedro? Meu mais novo *namorado*? Digamos que ele é mais novo em todos os sentidos.

— Estava escondendo isso de mim por quê?

— Na verdade, eu queria escandalizar! Queria te apresentar sem você saber de nada disso...
— Ela franziu os lábios e levantou os ombros. — Mas você precisa de um empurrãozinho hoje.

— Cadê ele? — perguntei, arregalando os

olhos e segurando a mão dela.

— Não vem hoje porque o irmão mais velho, que mora fora, veio passar uma semana aqui antes de se mudar de país. Acho que tem a ver com o doutorado.

Aquela frase me fez lembrar daquele carinha vampiresco do carnaval, com certeza já estava do outro lado do oceano, ainda mais distante do calor que eu sentia ao pensar nele. Larissa interrompeu meu devaneio.

— Essa sua reticência tem alguma coisa a ver o com seu ex?

— É estranho ficar com alguém na frente dele — confessei. — Terminamos tão amigavelmente. É como se houvesse um trato de lealdade.

— E ele merece tanta lealdade? Acho que você está errando de pessoa. — Larissa me puxou para perto do palco, ou melhor, para perto dos meninos.

Enquanto eu dançava, me vi procurando pelo gatinho, mas não o encontrei. A última frase da Larissa me tirou da fantasia de *falso fim de namoro bem resolvido*. E o que faltava ser resolvido? Algum troco que eu devia? Não, isso

seria imaturo. Talvez o que me faltava era me sentir verdadeiramente livre dele.

Quando esse pensamento se concretizou na minha cabeça, meu ex se materializou na minha frente. Sério! Eu não o vi se aproximar. Ele sorriu, me abraçou sem pedir licença e ficou me rodeando como um galo senhor de seu galinheiro. Aquilo me irritou. Então o anjinho apareceu na minha frente com o sorriso ampliado e os olhos brilhando. Era bem mais alto que meu ex e tinha o frescor da vida nova que eu merecia.

— Estou te procurando há um tempão! — ele falou ao meu ouvido. — Não some mais, não.

Minha nuca arrepiou. Não imaginava que o anjinho pudesse me levar para as nuvens mais rápido que qualquer cara com barba. Aquele pedido desencantou a soma de todas as minhas dúvidas. Eu voltei a ter vinte anos ao ser envolvida naquele peito largo, que fez com que eu me sentisse mais livre do que nunca.

Calourada

Por Zana Ferreira

Das várias furadas nas quais me meti ao longo de três décadas, muitas delas começaram com a mesma frase:

— Não tô fazendo nada mesmo...

Eu deveria fechar a boca antes de pronunciar essa frase novamente, porque na maioria das vezes ela precede alguma grande cilada. O problema é que, de tempos em tempos, até um pouco de bagunça no amor parece uma perspectiva mais interessante que o tédio.

Foi por isso que aceitei o convite de Larissa para ir a uma calourada universitária. Ela havia engatado o romance com Pedro, o *boy* dez anos mais novo que ela, e queria a companhia de uma amiga para ir à balada, para não sobrar nos momentos em que o rapaz desse atenção aos amigos.

“*Furada*”, pensei. Larissa passaria a maior parte do tempo grudada no namorado e não me daria atenção. Mesmo assim, acabei topando o convite. Afinal, eu não tinha nada melhor pra fazer.

Foi levemente estranho me arrumar para ir novamente a uma calourada depois de estar formada há dez anos. Supostamente era a mesma coisa que me arrumar para uma festa qualquer. Decote poderoso, *make* lacradora, perfume marcante... Mas tanta produção não seria apreciada por ninguém que fizesse meu tipo. Afinal, estávamos falando de um evento voltado para jovens que mal haviam saído da adolescência e que estavam curtindo a entrada na faculdade sem saber o futuro de trabalho interminável que os esperava após o diploma.

Durante um esquentar na minha casa, revelei meus pensamentos à Larissa.

— Deixa de ser careta, vai estar cheio de gente bonita lá! — exclamou ela. — Esquece por um momento da idade dos caras e simplesmente beija, oras!

— Mas em algum momento a gente conversa com as pessoas que a gente beija. Imagina o papo desses caras que mal saíram da

adolescência?

Larissa deu uma gargalhada e me olhou, balançando a cabeça.

— Você tá indo pra uma balada, para de pensar como *nerd*! Além disso, você acha que só cara mais velho é interessante. Tá por fora! Não é à toa que eu estou com o Pedro.

Fiquei calada por um momento, aceitando a derrota. Resolvi, por fim, mudar de assunto.

— E, afinal, o seu namorado estuda o quê? Ele está entrando pra faculdade agora?

— Não, ele tá no quarto período — ela corrigiu. — Ele estuda jogos.

— Jogos?

— É, fazer games, essas coisas. Ele diz que é uma área super em alta e tem tudo pra ganhar muito dinheiro.

É, eu também acreditava que ia ganhar muito dinheiro quando ainda estava na faculdade, mas quem sabe o *boyzinho* dela tivesse mais chances?!

Pouco depois encerramos nosso esquentar e fomos para a festa. Minha sorte foi já chegar alegrinha, porque, se estivesse sóbria, com certeza teria dificuldades para me entrosar, já que eu não

conhecia quase nenhuma das músicas que tocavam. Como o casal tinha marcado um local de encontro, não houve problemas para achar Pedro no meio da multidão que já estava na festa.

— Esses aqui são meus amigos, Guto, Dé e Rafa — Pedro apresentou. — Meu irmão também veio, mas ele foi buscar uma bebida.

Os amigos dele não eram de se jogar fora, mas também não me inspiravam a querer algo mais. Admitir que Pedro e Larissa eram um casal fofo era uma coisa, dar mole para meninos que pareciam estar ainda no ensino médio era outra.

A situação pareceu mais interessante quando o irmão de Pedro voltou para a roda. Mais velho que o namoradinho de Larissa, esse já era o meu tipo. Ele era alto, tinha uma pele clara que contrastava com o cabelo preto e olhos pequenos, que observavam a festa com uma expressão de tédio tão forte, que inibia qualquer contato visual a mais. Pensei em lembrar Pedro que ele havia dito anteriormente que me apresentaria o irmão, mas desisti diante da cara pouco amigável do rapaz.

— Gatinho, mas que cara fechada, né?! — fofoquei com Larissa.

Minha amiga concordou e me fez dar as

PERIGOSAS NACIONAIS

costas, apontando vários outros partidos mais interessantes. Para descobrir outras possibilidades, ela despistou e disse ao *boy* que daríamos uma volta para ver se encontrávamos outra amiga nossa que havia combinado de ir à festa.

Andamos toda a extensão do local, nos distraíndo e fazendo comentários, mas acabamos voltando para onde estávamos antes. Como eu havia previsto, depois de um tempo, Larissa acabou grudada no namorado, o que me deixava com a opção de focar na bebida ou tentar interagir com alguém.

Mas, ao olhar ao redor, ninguém me interessava. Apesar de estar levemente alcoolizada e mais solta, não sentia real vontade de conhecer nenhuma daquelas pessoas. Queria, sim, era fazer a louca e sair beijando mil bocas aleatórias, mas a parte da minha cabeça que ainda tinha algum traço de lucidez me dizia que esse era um comportamento que não me pertencia mais. Eu era uma jornalista conhecida e tinha uma reputação a zelar.

Pelo menos era nisso em que meus pensamentos estavam perdidos quando senti algo cutucar meu ombro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Posso passar? — perguntou um rapaz, com as mãos segurando canecas de cerveja. Além de um sorriso lindo, ele se destacava da multidão por usar um sombreiro mexicano.

— Sem pagar pedágio? — provoqueei.

Ele deu uma gargalhada deliciosa, mas apontou com o olhar para uma aliança prateada na mão direita.

— Tenho namorada.

Fingindo cara de triste, dei de ombros e abri passagem. Eu mal havia dado as costas para ele quando senti uma nova cutucada. Era o carinha do sombreiro outra vez, sorrindo de modo maroto.

— Sabe, se for rapidinho e ninguém ver...

Eu dei uma gargalhada, mas entrei na brincadeira. Segurei as laterais do sombreiro e puxei para baixo, escondendo o rosto dele.

— Ninguém precisa ver, não...

Como prometido, foi um beijo rápido, com sabor de diversão proibida. Ele ainda me deu uma piscadinha antes de seguir levando suas canecas de cerveja — provavelmente a dele e da namorada.

Eu estava rindo de mim mesma pela situação inusitada quando tive uma sensação de desconforto. O irmão taciturno de Pedro me

PERIGOSAS ACHERON

encarava com olhar de desaprovação.

— O que foi? — perguntei em tom de desafio.

— Nada — desconversou ele, desviando o olhar.

Senti o rosto corar e fiquei irritada. Eu estava sendo censurada por um desconhecido e, o pior, agora estava me sentindo culpada.

— Quem deve satisfação à namorada dele não sou eu — observei.

— Tanto faz. Não é da minha conta mesmo.

Sim, não era da conta dele. E eu não devia satisfação a ninguém. No entanto, a censura daquele olhar havia cortado a sensação divertida daquela pequena transgressão. Alterada pelo álcool e pela raiva, voltei a falar num tom mais alto e mais impetuoso do que pretendia.

— Cara, o que você veio fazer aqui mesmo?

Voltei a corar quando percebi o que eu estava fazendo, mas o estrago já estava feito. Para meu espanto, ele riu.

— É o que eu estou me perguntando, sabe? Como me deixei arrastar para essa festa...

— Não tinha nada melhor pra fazer?

Ele me encarou, estreitando ainda mais os

olhos pequenos.

— Então esse é o seu caso?

Eu me senti estúpida por voltar a corar e por ser tão transparente, a ponto de um completo desconhecido conseguir me ler e desconcertar com tanta facilidade. Disposta a não revelar mais nada, não respondi. Já pretendia me virar e quem sabe andar sozinha pela festa quando ele surpreendentemente começou a conversar.

— Meu irmão e eu não passamos muito tempo juntos. Como vou passar um tempo na Europa por conta do doutorado, vim essa semana visitar a família, e ele me convenceu a vir pra festa.

— Não que você esteja passando muito tempo com ele nesse momento, né? — comentei.

Olhamos para Pedro e Larissa, que já estavam grudados numa parede próxima, e rimos.

— Pois é. Mas é complicado ter um irmão muitos anos mais novo que você. Existe uma cobrança, como se eu devesse ser um espelho para ele, mas a verdade é que não temos muito em comum. Nem quando eu tinha a idade dele frequentava esse tipo de festa.

— Ah, pois eu já frequentei foi muito... — confessei. — Mas já não é mais o programa dos

PERIGOSAS NACIONAIS

meus fins de semana.

— Agora vem só quando quer pegar caras comprometidos aleatoriamente? — ele tentou brincar.

Eu não ri, e foi a vez dele de ficar desconcertado e corar.

— Desculpa. Achei que seria engraçado, mas é óbvio que fui inconveniente. Sinto muito.

Havia tanta polidez nos modos dele, que não pude deixar de rir e tratei de mudar de assunto.

— Sabe, essa música alta atrapalha a conversa — ele disse no pé do meu ouvido, provocando um arrepio involuntário em mim. — Que tal a gente ir para outro lugar?

Para quem havia ido para a festa imaginando que cairia em uma cilada, de repente me senti bem satisfeita por ter aceitado o convite de Larissa. Sorri e balancei a cabeça.

— Por que não? Não tô fazendo nada mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Canto

PERIGOSAS ACHERON

Mas é um menino

Por Ana Paula Cândido

Fazia apenas três semanas que eu tinha me mudado e ainda não tinha referências médicas. Marquei a consulta para o clínico que estivesse disponível o quanto antes, devido ao mal estar que estava sentindo. Aproveitei e lembrei que há tempos não fazia um *check-up* e pedi que me solicitasse exames. Inclusive de gravidez. Queria ter certeza que o mal-estar tinha sido apenas uma virose mesmo, e que talvez o atraso de uma semana fosse apenas emocional, devido às grandes mudanças na vida. Afinal, pensando bem, minha menstruação nunca foi muito bem regulada mesmo. Como não me adaptei aos últimos seis remédios que tentei, resolvi abrir mão disso e deixar rolar.

Eu sempre sonhei em ser mãe. Apesar de ter tido apenas um relacionamento mais longo, ainda não havia perdido as esperanças. Mesmo na casa dos trinta, sempre pensei que o que era meu estava

guardado, e que em algum momento eu teria um marido companheiro e um menino lindo. Miguel, seria seu nome.

Então eu fui ali, vivendo minha vida tranquilamente, entre um rolo e outro, nem sempre rolava algo mais. Mesmo com meu desejo mais profundo, preferia não arriscar tanto. Mas a verdade é que meu último semestre não foi exatamente fácil nesse quesito.

Eu já tinha certa experiência em sala de aula. Comecei como professora nos cursos técnicos, apenas como um bico para aumentar a renda. Percebi que tinha vocação e investi na área.

Lidar com alunos é, sim, um desafio. Pareço até uma velha falando, mas a verdade é que atualmente eles têm o mundo na palma das mãos, e em alguns momentos é difícil conseguir a atenção e competir com o *Dr. Google*. Mas sendo nova, isso se tornou um diferencial, e a cada nova turma era numa nova galera a que eu pertencia. Muita conversa aberta, algumas participações em festas, para ajudar manter o bom relacionamento com os alunos. Nada além de diversão saudável no limite ético da profissão.

É claro que vez ou outra aparecia um

engraçadinho cantando a professora e querendo realizar aqueles desejos da adolescência, de pegar uma professora gata. Mas com Artur a situação foi bem diferente.

A primeira vez que o vi na minha sala de aula senti meu chão abrindo e perdi todo o controle de mim mesma. Seu olhar penetrante e confiante me tocou forte. E ele teve ciência disso também no primeiro momento. Algo aconteceu entre a gente, e era quase palpável. Na primeira aula, geralmente a apresentação, foi um pouco mais tranquilo. Mas ele soube ali, desde o início, que teria o que quisesse comigo.

Ao longo do semestre, foi ficando cada vez mais difícil administrar aquele desejo forte que surgia dentro de mim quando olhava para ele. Ele era muito inteligente e não parecia ter a idade que tinha: dezessete anos! Sim, ele era adiantado na escola, e conseguiu entrar na faculdade cedo. Então eu precisaria me controlar. Mesmo que acabasse me envolvendo com um aluno, o que já seria um grande problema e grande risco para minha carreira, me envolver com um rapaz menor de idade definitivamente não seria uma boa ideia. Se eu quisesse matar minha vontade, eu teria que, no

mínimo, esperar.

Com o restinho de sensatez que me restou, fui me esforçando para não pensar mais naquelas possibilidades do que poderíamos fazer apenas os dois em quatro paredes. Era só esperar alguns meses e pronto. O proibido se tornaria permitido, e eu não precisaria mais sofrer.

Enquanto isso, fui tentando literalmente me distrair com outros caras, mas a situação já estava tão fora do controle, que não tinha paciência nem mesmo para escutar conversas. O desejo ficou incontrolável. E era nítido que era mais de minha parte do que dele. Artur sabia que me dominava.

Tanto que na última festa da turma em minha casa, Artur apareceu namorando uma garota da turma. Mais uma vez meu chão se abriu. Mas, dessa vez, o tombo foi maior. Fiquei totalmente transtornada e sem saber o que fazer. Eu me senti traída.

Com um pouco mais de ousadia do que achei capaz de existir dentro de mim, consegui um momento a sós com ele e fui tirar satisfação. Entre um argumento e outro, ficou claro que, apesar do desejo latente entre nós, a vida dele precisava andar. Acabara de entrar na faculdade e se

apaixonar/casar/ter filhos com a primeira professora que ele achou gostosa não fazia parte de seus planos.

Confesso que não foi exatamente fácil estar ali, a sós com ele, e não poder tocá-lo. Além dos dois motivos fortíssimos, agora ele também estava comprometido. Melhor mesmo era não se envolver, isso estava claro.

E, por fim, resolvi aceitar. Era melhor assim. Em algum momento, o desejo ia passar e eu conheceria outro alguém que realmente fosse me completar por inteiro. E não apenas uma paixonite aguda que desejava sexo.

O fim do semestre chegou, e comecei a contar os minutos para ficar longe dele. Já que não poderia tê-lo, era melhor nem o ver. Melhor evitar a fadiga. Recebi uma oportunidade de emprego em que teria de renunciar às aulas e mudar de cidade.

Percebi que o momento era adequado. Precisava sentir outros ares e conhecer lugares e pessoas novas. A decisão de *deixar pra lá* era racional, mas o corpo não queria exatamente segui-la e insistia em encher meus pensamentos com as muitas possibilidades não concluídas com Artur.

Com a mudança já pronta, tomando um

vinho na varanda, aguardando o próximo dia para viajar, recebi uma visita inesperada em minha casa. Quando o interfone tocou, quase não acreditei na voz que ouvi. Deixei-o entrar e fui ao seu encontro para entender o que estava se passando. Será que nem no meu último dia eu teria paz desses pensamentos?

Eis que Artur apareceu com uma história muito confusa sobre aproveitar a vida, uma briga com a namorada e qualquer outra coisa que não já não consigo me lembrar. Não me importava mais. Ele estava na minha frente. Solteiro. Não era mais meu aluno. E finalmente tinha seus dezoito anos. Acabara qualquer proibição nessa relação.

Num primeiro momento, estávamos afobados sem saber como aproveitar. Afinal, foi um semestre de desejo guardado. Era uma mistura de beijo. Mão. Abraço. Tudo junto e misturado. Roupas rapidamente foram jogadas pelo canto e muitas vontades foram realizadas. Sendo a minha última noite na cidade, cada segundo foi muito bem aproveitado, e a noite valeu a pena.

Ao amanhecer, nos despedimos com um “a gente se fala”, como se fosse algo natural estarmos juntos pela manhã. Preferi não falar do futuro, e ele

também evitou a conversa. Depois pensei que talvez a história da namorada poderia não ser verdade, mas preferi não sofrer. Caso ele ainda estivesse comprometido, tal comportamento dizia mais sobre ele do que sobre mim.

Segui com a programação do dia, da semana, da vida. Mudança, novas possibilidades. E novas dores. Que parecem piores quando não estamos na nossa cidade natal. Tinha que ser uma virose. Eu não poderia estar grávida. Foi apenas uma noite. Aquela noite. Já passara esse aperto uma vez, mas logo a menstruação veio e tudo se resolveu.

A confirmação do exame me deixou mais uma vez sem chão. Eu não conseguia processar a informação na minha mente. Eu? Grávida? Do Artur?

Mas é um menino!

O lugar mais romântico de Paris não é a Torre Eiffel

Por Lígia Dantas

Parei em frente à *Opéra National de Paris Garnier*. O céu azul era uma novidade depois de dias nublados. O brilho do sol contrastava com aquele prédio grandioso que guardava tesouros em seu interior. Eu não queria sair de lá, cada detalhe, do chão ao teto, era de uma riqueza impressionante. Eu queria que estivesse gravado em mim, para que eu pudesse fechar os olhos e me transportar até lá.

Então eu descobri que tinha saído na hora certa para presenciar um show nas escadarias em frente à *Opéra*. Eram dez rapazes vestidos irreverentemente com cores berrantes e descombinadas, algo incomum para parisienses. Tocavam diferentes instrumentos de sopro e percussão num ritmo contagiante. Era a minha trilha sonora para o meu tempo livre em Paris,

enquanto Gabriela e Roberta faziam compras em *Galleries Lafayette*, bem próximo dali.

— Liz. — Ouvi uma voz masculina.

Eu me assustei, se alguém tivesse que interromper minha curtição solitária, que fossem as duas únicas pessoas que eu acreditava conhecer naquela cidade — e elas eram mulheres. Quando eu virei o rosto, dei de cara com Neto. Sim, aquele carinha por quem eu tive uma paixonite e que me fez totalmente de tola.

— Que coincidência te encontrar aqui — completou, me dando um beijo no rosto.

Eu não respondi, acho que foi o choque. Qual era a probabilidade de isso acontecer numa cidade imensa como aquela? Olhei em volta, procurando a mãe dele, Cléo, mas não a encontrei.

— Minha mãe foi até as *Galleries Lafayette*. Vamos entrar no Opera? — disse a última palavra usando a pronúncia francesa. — Com certeza um programa bem melhor do que fazer compras.

— Já fui — respondi, correndo. — Agora vou fazer compras.

Ele deu um sorrisinho atrevido e se aproximou de mim como se planejasse me beijar.

— Eu conheço cantinhos aí dentro muito

pouco explorados. Posso te mostrar. Você vai gostar.

O hálito adocicado tão próximo a mim me lembrou daqueles beijos de borbulhar as entranhas. Respirei fundo e mordi os lábios para me conter.

— Eu realmente preciso ir. Planejei comprar umas coisas, e se eu ficar, não vai dar tempo. — Dei passos para trás, me despedindo. Então ele segurou minha mão.

— Hoje à noite nós vamos jantar num bistrô delicioso com uns amigos da minha mãe. Le Café de Flore, na Boulevard Saint-Germain. Eu te mando o localizador por mensagem. Leva suas amigas.

Eu não respondi nada. Apenas um tímido sinal positivo com a cabeça e um sorriso simpático antes de caminhar entre as pessoas em frente ao Opera. Não olhei para trás, achava que ele poderia ter percebido minha resistência. Ou não, era difícil prever alguma coisa naquele sujeito.

Não encontrar Cléo na Galeries Lafayette foi um alívio para mim. Aquele lugar imenso e proporcionalmente belíssimo estava apinhado de gente. Foi difícil marcar um lugar de encontro com as meninas.

— Responde ao convite dele dizendo que temos compromisso melhor na avenida mais chique de Paris — respondeu Gabriela ao ver o localizador que Neto me enviara por mensagem.

— Conhecemos umas espanholas aqui que nos disseram que tem uma boate ótima na Champs-Élysées — empolgou-se Roberta.

Eu me animei. Ali, naquele momento, não restava nenhuma desejo pelos beijos de Neto, bastava me manter bem longe dele.

— Não vou responder nada. Deixa achar que eu vou. Merece mesmo um troco pela noite em que desapareceu.

Caminhamos pela Champs-Élysées noturna e brilhante. Não sei se me encantavam mais as lojas luxuosas ou os prédios de arquitetura belíssima. Quando chegamos à boate, tinha uma fila enorme e estática. Gabriela chegou até o segurança, sorrindo, e disse:

— *Nous sommes brésiliennes.* [\[1\]](#)

Aquela frase abriu as portas do lugar para nós. Na entrada, pagamos a consumação. Caminhamos um pouco e notamos o guarda-volumes para os casacos; ao lado, uma escada levava para o andar inferior, onde ficava a pista de dança. Um mastro

de *pole dance* no centro, paredes espelhadas e pouca luz. Uma sacada em cima da pista, onde ficava o DJ, e duas dançarinas vestidas com plumas e *lingeries*.

Decidimos ir para o bar, e foi ali que eu o vi pela primeira vez. Um rapaz de cabelos negros e olhos verdes. Ele se virou com sua bebida e trombou comigo em frente ao bar.

— Desculpa! *Sorry!* — E travei, a palavra em francês não veio de jeito nenhum.

Ele sorriu de volta.

— *Il n'y a pas de problème*^[2] — ele respondeu sem se mexer.

Ficamos suspensos, nos olhando por um tempo, com o sorriso que diminuía talvez porque o magnetismo aumentava.

— Liz! O que você vai querer? — perguntou Gabriela com pressa, puxando meu braço.

Eu virei o rosto e, quando olhei na direção em que ele estava, já tinha ido embora. O espaço não era grande, mas confesso que fiquei quase uma hora tentando encontrá-lo.

Gabriela sempre fazia uma *selfie* das três com *check-in* onde quer que chegássemos, para postar nas redes sociais. Eu não olhei para o celular, meu

olhar estava vasculhando os quatro cantinhos daquele lugar. Quando eu desisti e comecei a dançar loucamente como a galera daquela boate, eu o vi próximo de mim. Ele foi o primeiro a sorrir, juro que não estava acostumada a paquerar com sorrisos. Mas eu não estava em meu país, nem em minha cidade, em que os joguinhos de conquista são lentos.

Eu caminhei até ele, sorrindo, ele manteve o olhar em mim com os lábios estendidos. *É só isso? É tão simples? Talvez seja o álcool e eu esteja com pouca censura.*

— Oi — eu disse, e me embaracei ao perceber que iniciava uma conversa em português. — *Salut!*

Nos dois últimos anos de faculdade, eu consegui “puxar” francês no curso de Letras da universidade. Mas não tive mais oportunidade de estudar depois de formada. Ou seja, só podia estar tontinha para acreditar que seria capaz de ter uma conversa em francês com alguém.

Ele logo me perguntou se eu era portuguesa. Inocência minha, europeu cresce estudando diversas línguas, ele sabia até um pouco de português. E eu, com a minha língua solta pela bebida doce, fui misturando francês, inglês e

português para preencher palavras que me faltavam. Ele, tão interessado... A barba rala, as sobrancelhas levemente unidas e os cabelos lindamente desorganizados em ondas volumosas.

Ele me contou que morava em Montpellier, que estava em Paris para um congresso e que as passagens do comboio estavam compradas para às 7:25h da manhã seguinte. Olhei no relógio, meio atrapalhada por não conseguir distinguir os ponteiros naquela confusão de luzes que não iluminavam.

— *Il est trois heures*[\[3\]](#) — ele me informou com bom humor.

Senti minha empolgação derreter. Você sabe o quanto eu sou romântica, então tem noção do quanto fiquei empolgada com a perspectiva de um romance com um francês tão gracinha.

Estávamos conversando assuntos voláteis havia quase uma hora. A cada novo tópico, uma euforia em debatê-lo. Queria ficar perdida naquela conversa boba para sempre, mas a perspectiva de perdê-lo me desanimou, me deixou sem assunto.

Foi quando eu levei um susto com a cena que vi. Atrás de Louis, meu francês, ressurgia a assombração de Neto. Ele falava com Gabriela e

Roberta, então virou-se na minha direção bem na hora em que eu o olhava, assustada. Abriu o sorriso e veio caminhando até mim.

Ele não tinha reparado em Louis, o espaço estava muito cheio para ele distinguir com quem eu conversava. Eu não queria dar atenção para ele, na verdade, merecia todo o meu desprezo. Olhei para Louis, agarrei seu pescoço com as mãos e o beijei. Tenho que confessar que ele levou um baita susto. Fiquei com medo que me empurrasse para longe, mas, não. Simplesmente enlaçou minha cintura e correspondeu com o melhor beijo. Melhor que o beijo do Neto, porque ainda vinha com gostinho de vingança.

Nossas duas últimas horas juntos foram de puro deleite. Não sei se gostava mais de ouvir sua voz em francês ao pé ouvido ou sentir os beijos carregados de carícias atrevidas.

Só soube sobre o Neto dentro do táxi, na volta para o apartamento. As meninas gargalhavam enquanto descreviam a reação dele.

— Eu fiz questão de te apontar quando ele apareceu na nossa frente perguntando sobre você — respondeu Roberta. — Mas o melhor, sem dúvida, foi a sua reação. Aquele beijo acabou com

o sujeitinho.

— Não sei qual era o enquadramento mais perfeito para a cena: se o francês te tombando enquanto te beijava ou se o Neto jogando os braços para trás como se tivesse sido atingido por um tiro — completou Gabriela.

— Eu queria saber como é possível essa criatura me encontrar duas vezes no mesmo dia nessa cidade!

— Nós sabemos — respondeu Gabi. — Ele veio vomitar toda a fúria em nós antes de ir embora. Disse que eu armei a arapuca para ele!

— Oi? Como assim, Gabi?

— Ele está acompanhando nossa viagem pelas redes sociais, Liz! Curtiu e comentou em quase tudo o que eu postei. E eu que adoro curtir com a cara de babacas, dei corda!

— Por que você não me contou isso?

— Para quê? Ele te fez tanto mal... Daí hoje eu resolvi fazer *check-in*. Lembra que fizemos uma *selfie* mais cedo hoje? Eu escrevi a legenda: “*Adivinhem quem vai para Galeries Lafayette fazer compras e quem vai conhecer a Opéra National de Paris Garnier? Viagem democrática tem programas diferentes a cada quarteirão!*”

— Ele viu o post e foi correndo te encontrar. Na boate, a mesma coisa — explicou Roberta. — Gabi postou a nossa foto com *check-in* para provocá-lo.

— Para o troco ser bem dado — interrompeu Gabriela, batendo palmas. — Daí ele resolveu vir atrás! Maravilhoso!

Maravilhosa era a minha satisfação absoluta naquele momento. Neto não só teve o que merecia, como me impulsionou a beijar Louis. Uma coisa interessante, a saber, sobre os franceses: em geral, eles não tomam a iniciativa e adoram conversar a ponto de quase se tornarem amigos em vez de amantes. Ou seja, eu mandei bem em beijá-lo.

No dia seguinte, acordei tristonha, porque sabia que não ia mais vê-lo. Então meu celular apitou uma mensagem, Louis me indicava um restaurante que eu deveria conhecer na cidade. Conversamos, trocamos fotos, fizemos *lives* por meses depois daquela noite.

Até que a distância foi nos separando. E, sem nos despedirmos, paramos de conversar. A minha vida girava no Brasil, e a dele girava além do oceano. De vez em quando, comentamos alguma coisa que o outro posta nas redes sociais e isso cutuca a saudade. No mais, Louis se tornou mais

PERIGOSAS NACIONAIS

um para a lista das desilusões, ou melhor, inaugurei
uma nova lista: separados pela distância.

PERIGOSAS ACHERON

Depois

Por Zana Ferreira

— O Maycon vai levar um amigo — anunciou Rinara, animada.

Nem dei muita confiança. O amigo da minha amiga era bem bonito, e, para falar a verdade, eu até já tinha pegado, mas os nossos estilos eram muito diferentes. Ele era muito meninão, gente boa e tudo mais, mas terrivelmente mulherengo, do tipo que aprecia mais a quantidade do que a qualidade das companhias. O amigo dele devia estar no mesmo barco.

Ainda assim, a ocasião era para ficar animada. Uma grande dupla sertaneja ia se apresentar no aniversário de uma cidade vizinha, e nós passaríamos o fim de semana lá, na casa da tia de Rinara. Como o *show* coincidia com um feriado prolongado, ficaríamos lá todo o fim de semana, voltando domingo de tardezinha.

— Quem vai com a gente? — perguntei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então, no primeiro momento, um monte de gente falou que queria ir. *Tava* até olhando barraca pra colocar no quintal da tia, porque não ia ter quarto pra todo mundo. Mas teve gente que desistiu, e outros arranjaram outro lugar pra ficar. Daí, conosco está indo só o Maycon e o amigo mesmo. O resto do pessoal a gente encontra no *show*.

Era estranho. O tempo era uma coisa meio louca. Rina e eu éramos totalmente grudadas na infância e adolescência. Estudamos juntas e, durante muito tempo, nossas amizades eram as mesmas. Na faculdade, quando escolhemos cursos diferentes, foi quando tudo começou a mudar aos poucos. Depois, eu mal conhecia quem eram os amigos dela, por isso não fazia ideia de quem era “o resto do pessoal” a quem ela se referia. Percebi que havia tempos não fazíamos muitas coisas juntas e vi como seria bom passar um fim de semana com ela.

Não tivemos que esperar muito na porta da casa dela, pouco tempo depois Maycon e o amigo chegaram. Enquanto eles ajeitavam as malas no bagageiro, fiz menção de puxar Rina para sentar comigo no banco de trás.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah, não! Com duas mulheres no carro, eu é que não vou com homem do meu lado, no carona, não.

Revirei os olhos, quanta besteira! Mas nem discuti e aceitei, pois já conhecia o jeito bobo de Maycon, ainda mais sendo ele o motorista. Ao sentar do meu lado, o amigo dele riu e fez uma cara de quem estava pensando o mesmo que eu.

— Leonardo, prazer — ele se apresentou.

Ao contrário do que eu havia imaginado, Leonardo não era tão parecido com Maycon assim. Apenas pelo jeito de conversar e se expressar, dava para perceber que parecia ser bem mais tranquilo. Durante a viagem, me peguei olhando mais interessada nele do que eu imaginava a princípio.

Além de ser um gatinho, ele era educado, inteligente, bem humorado e, como eu descobriria algumas horas mais tarde, tinha um jeito envolvente de dançar agarradinho que me fazia desejar que o show inteiro fosse de músicas românticas. Eu, que havia topado a viagem de modo despretensioso, disposta apenas a curtir o fim de semana ao lado da minha amiga, de repente nem conseguia me lembrar dela.

Desde os primeiros minutos a atração entre

nós era visível, quase palpável. Por isso não foi surpresa para ninguém quando ficamos abraçados desde o início do show. O cheiro da pele dele, o jeito gostoso de roçar seu rosto no meu, o modo como me olhava... Tudo isso me despertava uma sensação que eu não sentia há algum tempo.

— Onde você estava durante todo esse tempo? — eu me vi perguntando, meio abobada.

— Por aí...

— Não, é sério. Eu conheço o Maycon há muito tempo, como nunca vi você antes?

— A gente se conheceu há alguns meses, mas antes eu não saía muito. Eu mudei pra Minas há quase dois anos, mas namorava à distância e evitava sair para não dar motivo para discussão. Só que, com o tempo, o relacionamento não estava dando mais certo e a gente terminou. Aí como eu estava na fossa, o Maycon me adotou e passou a me levar pra gandaia para espairar.

— Então você ainda está sofrendo?

Ele balançou a cabeça e sorriu, tranquilo.

— Não mais.

Como nós nos conhecíamos havia apenas algumas horas, obviamente ele quis dizer que já tinha superado o fim do namoro antes de me

conhecer. Mas devido ao modo que ele havia me encarado, não consegui evitar fantasiar a respeito da frase dele, imaginando se teria algum significado a mais.

No dia seguinte, fomos a uma cachoeira e mais tarde fizemos um churrasco que virou madrugada adentro. Ao contrário do primeiro momento, em que não consegui desgrudar de Leo, consegui curtir mais a presença de minha amiga e coloquei as fofocas em dia. Quando todos acordaram no domingo, foi só o tempo de almoçar e fechar as malas para pegar a estrada de volta.

O fim de semana havia sido perfeito para mim, superando totalmente as minhas expectativas. Mas Leo ainda esperava um pouco mais.

— Quer dormir lá em casa? — ele convidou.

— Hoje, não. Estou morta e amanhã acordo cedo. Preciso descansar para dar conta dessa semana.

Ele fez uma carinha de triste, mas aceitou minha decisão. Quando Maycon parou na porta da minha casa, Leo e eu nos despedimos com um selinho e combinamos de marcar algo depois.

Sáímos para jantar dois dias depois. Ele me

buscou em casa e me levou a um restaurante refinado, algo muito diferente do que eu estava acostumada a frequentar. Normalmente eu marcava meus encontros em algum barzinho, boate, cinema ou mesmo algum show, algo que permitisse conhecer melhor a pessoa, mas num ambiente mais informal.

Mas Leo era surpreendente. E o que mais me encantava era que ele não estava tentando me impressionar, apenas queria um ambiente mais calmo e agradável onde pudéssemos ficar juntos. Com seu jeito leve, ele conseguia me deixar à vontade onde quer que me levasse.

Ou pelo menos isso era o que eu achava.

— E então, vamos para onde? — ele perguntou no fim da noite.

Pelo jeito como me olhou, era óbvio que ele queria estender o programa juntos, na minha casa ou na dele. E, pra falar a verdade, era isso que eu queria também. Mas algo me travava.

— Pode me deixar em casa — respondi.

Quando ele parou na porta do meu prédio, ficamos ainda juntinhos mais um tempo dentro do carro, mas depois fiz menção de subir. Sozinha.

— Sério? Achei que a gente ia ficar mais

tempo junto.

— Eu queria, mas vamos deixar pra outro dia. Essa semana não está sendo fácil, eu preciso descansar.

Deitada sozinha na cama, eu me perguntei o que estava acontecendo. Eu não tinha como estar mais a fim dele e claramente Leo também estava muito envolvido. Mas havia batido uma insegurança que eu tentava entender.

Leo era atencioso, romântico na medida certa e com certeza me deixava louca por ele. Mas era a segunda vez que eu o dispensava; e assim que pensava no assunto, não sabia se já queria transar com ele no encontro seguinte.

— Por quê? — perguntou Rinara ao telefone no dia seguinte, depois de ligar para saber como estava tudo entre Leo e eu.

— Sei lá, acho que estou com medo de desandar tudo.

— Como assim?

— Ah, Rina, você me conhece. Eu sou muito oito ou oitenta. Quando eu quero, eu fico logo de uma vez, não sou de enrolar nem de fazer jogos. Até porque nem sei fazer isso. Mas fico me perguntando se essa postura me ajuda. A verdade é

que metade dos meus rolos não evolui porque eu não fico tão a fim dos caras, mas com aqueles em que eu fico mais interessada, sempre desanda. Estive me perguntando se eu não deveria ser mais “difícil”, sei lá. Dar tempo para ele me conhecer melhor.

— Ai, amiga, faça o que você se sentir à vontade. Mas também não faz o cara de trouxa só pra parecer “difícil”.

— Será que eu falo para o Leo como eu me sinto? — perguntei.

— *Huum*, não sei. Não sei como ele é ou como vai interpretar. Tipo, vocês saíram duas vezes e vai vir com conversa parecendo que está discutindo a relação? Não o conheço pra saber como ele reagiria. Quer que eu sonde com o Maycon?

— Não. Melhor, não. É melhor eu sentir o momento e decidir.

Mas decidir não seria tão fácil assim. Não sei se para me pôr à prova ou se ele queria mesmo era mostrar seus dotes na cozinha, no sábado Leo me convidou para ir à sua casa. Fez uma massa, abrimos um vinho e depois nos sentamos no sofá para ver um filminho. Não preciso nem dizer que

antes da metade do filme, nenhum de nós lembrava mais da televisão.

Se eu estivesse em pé, com certeza que minhas pernas estariam bambas. Eu estava mais envolvida do que conseguia explicar. Mas, mesmo assim, travei quando ele fez menção a levantar minha blusa. Apenas coloquei minha mão sobre a dele e puxei a roupa para baixo, devolvendo-a ao lugar que estava antes.

Ele me encarou, confuso:

— Desculpa, mas entendi que você também estava a fim.

Eu estava. Queria muito. Queria que acontecesse naquele momento, no dia seguinte e em vários outros dias depois. Mas tinha medo de ceder e “perder a graça” para ele. E mais medo ainda de dizer como me sentia.

— É que eu estou de plantão amanhã cedo e se a gente começar agora, eu vou sair daqui muito tarde. E trabalhar no domingo já não é fácil, cansada é pior ainda.

Eu não havia contado nenhuma mentira, mas ainda assim não tinha dito a verdade. E Leo pareceu sentir isso.

— Quer que eu te leve em casa agora?

PERIGOSAS NACIONAIS

“Não”, eu podia ter dito, como realmente gostaria. Mas e aí? Continuaríamos nos pegando e eu negando bem na hora H. Isso não ia funcionar.

— É, acho que sim.

A ida pra casa foi esquisita. Ele conversava normalmente, mas eu sentia que não estava tudo bem. Ou será que estava e era paranoia da minha cabeça?

— Depois a gente se vê? — perguntei antes de descer do carro.

— Claro. Essa semana vai ser meio corrida, mas depois a gente marca.

Ele respondeu sorrindo, mas saiu sem me beijar, ao contrário das vezes anteriores. Eu não precisava esperar pra saber. De tanto ter medo de perder, perdi antes mesmo de ter.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Desencanto

PERIGOSAS ACHERON

Amor pelo desconhecido

Por Ana Paula Cândido

A adaptação em outra cidade não é fácil. Por mais que a gente tente participar de todos os eventos que nos convidam, ainda assim parece que a gente nunca pertence a aquele lugar. Visitar as pessoas não é a mesma coisa de quando você está na cidade onde nasceu. Mas precisava me acostumar.

Mudei de cidade por motivos de trabalho e também um pouco como fugitiva da vida pessoal que estava preferindo esquecer. Desde então, muita coisa aconteceu para que eu ficasse ainda mais deslocada. Porém dessa vez o cenário parecia ter mudado.

Com a nova promoção no trabalho, novas funções foram absorvidas pelo meu cargo e, conseqüentemente, comecei a lidar com um número maior de pessoas. Tanto interna quanto externamente. E isso era ótimo para mim, afinal eu queria motivos para conhecer mais pessoas.

Guilherme era uma dessas pessoas que entraram para minha vida devido à promoção. Era apenas um assistente de contabilidade que trabalhava em um dos nossos maiores clientes.

À medida que fomos nos relacionando, trocávamos muitos *e-mails* e telefonemas. Depois de um tempo, ficamos muito à vontade e dispensamos as formalidades necessárias. Era como se nos conhecêssemos há muito tempo, apesar de nunca termos nos encontrado pessoalmente. O escritório que ele trabalhava ficava na zona leste, enquanto o meu estava na zona sul. E não havia motivo para reuniões ou qualquer tipo de contato pessoal.

Depois de um tempo, fiquei curiosa quanto sua vida pessoal. A essa altura, já tínhamos nos adicionado no Facebook, e eu tinha feito uma pesquisa, digamos assim, do seu perfil — para não dizer *stalkeado* mesmo. De cara, vi que era solteiro e que os únicos amigos em comum eram os colegas de trabalho. Mas o que mais me espantou foi a descrição do seu currículo. Lá dizia que ele tinha duas pós-graduações, tinha iniciado um mestrado, mas que não concluiu.

Queria entender por que alguém com tão

boas qualificações ocupava um cargo relativamente simples. Ele tinha exatamente a minha idade, já havia morado no exterior e voltara havia pouco tempo. Apesar do Facebook me contar tudo, continuava me deixando sem respostas. E tratei logo de as descobrir por conta própria.

Com o tempo, fomos nos sentindo mais à vontade e acabamos migrando nosso papo para o aplicativo de conversa. Por lá, era mais fácil perguntar coisas pessoais. Ele me contou que tinha se casado aos vinte e quatro anos, que se mudara para Portugal com a nova esposa para tentar uma vida melhor. Era de uma família muito simples, tinha trabalhado na roça e vindo para a capital em busca de uma vida melhor.

Chegando por aqui, teve um ótimo patrão, que o incentivou a estudar, o ajudando com o que podia. Fazendo o curso técnico de contabilidade, conheceu a namorada, que logo virou esposa.

— Eu não era moleque de enrolar mulher. Se eu gostava dela, e ela de mim, não havia motivos para não dar o próximo passo — disse ele em uma de nossas conversas.

Após a mudança de país, o casamento acabou porque ela o trocou para ficar com o patrão

rico. Ele contou que ficou arrasado, mas preferiu seguir com a vida, pois, afinal, estava tendo um bom retorno financeiro e podendo investir em uma vida melhor para os pais aqui no Brasil.

Um tempo depois do seu divórcio, o pai dele adoeceu, veio a falecer, e ele preferiu voltar ao país e ficar mais próximo da mãe. Com todos os irmãos casados e com filhos, ele era o único disponível para fazer companhia e ajudar a cuidar da saúde dela mais de perto.

Devido à proximidade do local de residência e outros benefícios oferecidos pela empresa, ele preferiu esconder no currículo as duas especializações que tinha feito nos últimos anos para conseguir a vaga. E, segundo ele, era mais tranquilo ter um cargo mais simples. Ainda mais que o trabalho era um complemento, afinal, tinha a renda de um imóvel alugado, que havia adquirido quando morava fora.

Após ele ter me contado sua história toda ao longo das nossas conversas, percebi que também tinha me aberto com ele. Conteí desde o término do namoro longo, algumas histórias profissionais de quando era professora, até o aborto espontâneo que tive recentemente.

Conversar com ele era algo muito natural e simples. Até que percebi duas coisas assustadoras: uma delas é que estava me apaixonando. E a segunda coisa era que, sim, eu estava apaixonada por alguém que eu não vi pessoalmente. O tempo passou muito rápido e tudo aconteceu tão naturalmente, que eu já sentia vontade de me despedir no telefone ao fim do dia com “*beijo, te amo*”.

Começamos a conversar sobre a possibilidade de nos encontrarmos, afinal não morávamos tão longe assim, apenas nos extremos da cidade. Até tivemos oportunidades de alguns poucos eventos corporativos em comum, mas sempre havia um motivo para um ou outro não estar presente. O horário de almoço era sempre muito curto e a distância não ajudava.

Mesmo nos fins de semana, ele estava sempre envolvido com família ou eu estava visitando minha cidade natal; sempre havia um motivo para não nos encontrarmos. Uma vez combinamos de nos encontrarmos em um shopping famoso, que eu tinha vontade de conhecer por causa de um cinema recém-reinaugurado.

No final do dia, houve um desencontro,

devido a uma reunião que o prendeu além do horário, e meu telefone acabou descarregando e não nos encontramos. Eu fui e esperei por quarenta minutos, então decidir ir embora. Se ele apareceu, eu não sei. O movimento estava grande, e talvez não tenha me achado.

Da outra vez, foi uma história estranha de um pneu furado que não consegui entender ao certo como aconteceu. E por que não me contatou para que eu pudesse ir até ele?

Depois disso, fiquei cismada se deveria realmente acontecer. Se fosse dar certo mesmo, seria uma boa história de amor para contar para nossos netos. Um relacionamento quase amoroso entre duas pessoas que moravam na mesma cidade, mas que não se conheciam pessoalmente.

Teve um momento em que cheguei a pensar em aparecer de surpresa na empresa, mas estava prezando pela ética e tentando não misturar as coisas. E, às vezes, me pegava sonhando com o dia em que Guilherme poderia me fazer essa surpresa.

A essa altura do campeonato, sabia até quem era um de seus melhores amigos no trabalho e chegamos a conversar um pouco fora do ambiente corporativo. Ironicamente, no último evento, pude

conhecer Thiago, mas continuava sem conhecer Guilherme.

Vez ou outra, o amigo entrava em contato para repassar algum assunto de trabalho ou até mesmo ficava responsável por alguns recados pessoais entre nós. Virara um verdadeiro pombo-correio. Havia se tornado algo tão comum, que não achei estranho quando a telefonista me passou a ligação:

— Thiago na linha, Camila, posso passar?

— Claro, obrigada.

— Oi, Camila, tudo bem?

— Estou joia! E com você, tudo bem?

— Na verdade, não. Preciso conversar algo com você. Na verdade te contar uma coisa. E é sobre o Guilherme.

— Nossa, Thiago, que tom é esse, assim você me assusta. Fale logo o que preciso saber.

— Como eu sei que vocês dois estavam de conversa além do profissional, achei por bem ligar para você antes de fazer o comunicado oficial na empresa. Hoje cedo, a caminho do trabalho, ele sofreu um acidente envolvendo um caminhão. Acabou não resistindo e morreu no local.

A minha voz sumiu. Meu corpo se arrepiou.

PERIGOSAS NACIONAIS

Lágrimas surgiram nos meus olhos. O que eu estava ouvindo não poderia ser verdade. O Guilherme. O meu Gui. Aquele que eu não conheci. Eu não poderia mais conhecê-lo. Ele simplesmente não existia mais.

— Camila?! Você ainda está na linha? Fala alguma coisa! — Thiago me chamava no outro lado da linha, me trazendo de volta à realidade.

— Sim. Estou.

— Desculpa. Eu não queria ser portador de más notícias, mas achei que seria *menos pior* se eu te contasse do que se você descobrisse através de um memorando por e-mail. Preciso desligar agora. Quando tiver notícias sobre velório e enterro, entro em contato novamente. Você pretender ir?

— Ir vê-lo? Sem vida? Não sei se tenho coragem para tanto. Mas obrigada por me avisar primeiro.

Desliguei, fui para o banheiro e chorei tudo que tinha direito e mais um pouco. Quanto mais eu chorava, menos eu conseguia acreditar. Eu não o conhecia, mas ele já fazia parte da minha vida.

Mas a verdade é que estava de luto por um desconhecido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Aquele amor da adolescência

Por Lígia Dantas

A areia era tão branca, que cegava ao refletir o sol. O mar era tão azul, que me sugava para um tipo de transe hipnótico. Eu sempre gostei de estar ali, de frente para ele, encarando todos os segredos guardados em seu infinito e ecoados em suas ondas. Meus segredos também estavam lá. Passei minha infância e adolescência vindo a essa praia, deixando a água salgada descarregar as energias que me pesavam.

Roberta logo negociou uma barraca. Gabriela estendeu a canga na areia e se esticou feito lagartixa. Tínhamos apenas três dias de folga para curtir o litoral. Eu estava tirando a canga da bolsa quando Roberta anunciou:

— Filé à direita. — Sim, esse era o nosso código para homem fisicamente atraente.

Eu precisei me abaixar um pouco, porque o guarda-sol impedia a visão. Então senti o choque: ele estava de pé, mãos na cintura, óculos de sol sobre a cabeça, aquela pose de Peter Pan que ele sempre teve mania de fazer. Escondi o rosto dentro do sombreiro.

— Eu não vejo aliança. Acho que está sozinho. As duas ali fazem casal com os outros dois.

— A namorada pode estar na água, Beta — respondeu Gabriela.

— Ele tem o meu número. Parece ter uns trinta e cinco anos. Não é do tipo sarado e bombadinho que Gabi gosta... Além do mais, Gabi não pode paquerar! O “doutor lindão” não merece infidelidade! — debochou Roberta, fazendo referência ao novo namorado da amiga, que era médico como ela.

— Mas esse aí é quase tão lindão... Só faltou a barriga de tanquinho — observou Gabriela, rindo. — Então não vale colocar meu romancinho novo em perigo. Pode ficar *pra* vocês!

— Muito sensato da sua parte amiga! Como eu vi primeiro...

— Gente, para! — interrompi a fala de

Roberta. — É meu ex.

— Onde, Liz? — assustou-se Gabriela. —
Esse defunto ressuscita demais!

— Não estou falando do meu último
namorado! Esse que vocês estão paquerando é meu
ex-namorado da adolescência. Meu primeiro
namorado, na verdade...

— Que bafão, Liz! — respondeu Gabriela.
— Senta aqui e conta tudo!

Ela me puxou para baixo, me tirando do
meu esconderijo. Ajustei o chapéu e os óculos
como disfarce e me sentei de costas para a barraca
dele.

— Para de chamar atenção! Não quero que
ninguém me veja.

— Uai! Está doida? — Roberta se assustou
comigo.

— Vê se fica mais quieta, Roberta. É sério!
Faz uns catorze anos que eu não o vejo. Isso é
estranho.

— É estranho mesmo — analisou Gabi. —
Moramos numa cidade que não é tão grande.
Difícilmente vamos passar uma década sem
reencontrar alguém.

— Ele fez faculdade em outra cidade, por

isso terminamos, depois ele foi morar na Austrália.

Gabi arregalou os olhos e deu uma olhada demorada nele.

— Vai me dizer que esse bronzeado é do sol da Austrália? — Gabi espichou o pescoço para analisá-lo melhor, enquanto eu me encolhia mais na cadeira.

— Seja mais discreta, Gabi.

— Por que você está se escondendo, amiga?
— perguntou Roberta, franzindo a testa.

Não era uma pergunta fácil de responder. Eu sentia meu rosto queimando e minhas memórias emergindo com as ondas do mar. Ali, onde minha paixão juvenil ganhou tanta força. Onde as sensações de desejo em explorar cada pedacinho do corpo do outro, cada sensação que o outro despertava com seu toque... Dentro do mar, lá no fundo, onde os olhos dos mais velhos não nos alcançavam, éramos livres e amantes.

Agora eu tinha outro corpo, marcado com o tempo e com as histórias que eu já vivi depois dele. Eu tinha outra cabeça, outros desejos ou devaneios. Ele também não devia ser mais o mesmo, e isso me amedrontava. Quem seria esse estranho que me conhecia mais do que eu mesma? *Como somos*

transparentes na adolescência. Me sinto tão opaca agora.

— Eu acho que vocês deviam me dar um tempo.

Gabi deitou-se novamente na canga. Roberta abriu uma latinha de cerveja. Tomou umas goladas sonoras.

— Acho que você devia agir normalmente. Vai chamar mais atenção assim: toda vestida, de chapéu, óculos e encolhida debaixo da barraca.

Ela tinha razão. Pensei em tirar a roupa e ficar só de biquíni, como todo mundo na praia. Mas pensei na celulite que me consumia. Então, tirar só a blusinha, mas ao sentar, todos os pneuzinhos da barriga inflam. Olhei para Gabi e seu corpo sarado, conservado no formol. Eu era assim aos dezesseis anos. *Tão lisinha, durinha, e agora não passo de uma falsa magra.*

Roberta não se importava com nada disso. Pelo menos não demonstrava. Tirou o *kit doura-pelos* e começou a se lambuzar. Esse também era o meu plano para o primeiro dia de praia: tirar o branco azedo com sol e *doura-pelos*. Mas aquele reencontro me desconcertou.

— Só para constar, já passou meia hora, e

nenhum sinal de acompanhante do seu ex — informou Roberta. — Então quanto tempo namoraram? Aliás, qual é o nome dele?

— O apelido é Nico, diminutivo de Mônico. Todos ali, prima, irmã, o chamam assim. Não faz essa cara de deboche, Beta, não é o nome dele, é apelido! Por causa dos dois dentinhos da frente mais avantajados, mas sabe que isso era um charminho a mais...? Eu era encantada com aquele sorriso. Namoramos por uns dois anos e meio.

— Ok! — Ela levantou as mãos, sorrindo. — Então temos ex-cunhada na barraca ao lado?

Eu fiz sinal de positivo com a cabeça. A irmã dele era minha amiga na época do colégio. Aquilo tudo estava muito incômodo. Minha cabeça pinicava com o chapéu me esquentando. O suor no corpo deixava a minha pele grudenta. Eu me levantei rapidamente. Tirei tudo o que me escondia e joguei na cadeira. Corri para o mar, aquele, sim, podia aplacar minhas angústias.

A água estava bem gelada, e eu fingi que isso não me incomodava. Caminhei confiante atravessando as ondas até que ficassem maiores e mais fortes, então mergulhei. Furei uma, duas, três ondas, mas elas não paravam de vir. Muito rápidas

e fortes. Eu me virei na direção da praia e tentei “pegar jacaré” para a onda me tirar da arrebentação. Mas foi inútil, tentei nadar, mas minhas forças eram escassas contra a correnteza.

Uma vez ele e eu ficamos presos na arrebentação. Ele mais alto, mais forte, conseguiu me arrastar para fora das ondas. Meu biquíni saiu do lugar e quando já estávamos a salvo, eu o vi olhar embasbacado para o bico do meu peito à mostra. Ainda éramos virgens em ebulição.

Dessa vez ele estava lá na areia, bem distante, e eu, afogada nos meus próprios fantasmas. Então senti alguém me puxar. Quando abri os olhos, estava na areia deitada, pessoas em volta e uma voz chamando meu nome. E não era Nico, era Roberta.

— Gente, ela está bem, *deixem ela* respirar
— Ela foi dispensando o salva-vidas e os curiosos.
— Vamos no chuveirão tirar essa areia?

— Essa coisa de fantasiar resgate por salva-vidas é tão ridículo. — Eu comecei a rir de nervoso, o que significava que se tornaria um acesso de riso. — Eu nem vi a cara dele! Era filé pelo menos? Valeu a pena a vergonha que eu passei?

— Você me deixou tão nervosa, que nem consegui reparar! — respondeu Roberta, gargalhando enquanto me puxava até o chuveirão. — Vamos ter que ir ao posto agradecer e conferir se vale a pena! Mas primeiro vai ter que tirar essa areia toda do cabelo.

Debaixo do chuveiro de água doce, eu refletia se era hora de pegar minhas coisas e voltar para o hotel. Uma piscina discreta seria mais segura naquele momento. Eu não estava num bom dia. Mas, ao mesmo tempo, tinha medo de nunca mais vê-lo. Senti uma saudade estranha. Então abri os olhos, atrás das gotas de água que escorriam pelo meu rosto havia um homem alto, dourado e de olhos azuis acessos. A boca levemente aberta foi crescendo num sorriso doce e encabulado.

— Então é mesmo você? Liz, eu precisei vir aqui para ter certeza. — Ele colocou as mãos na cintura e olhou para o chão. — Mesmo depois de tantos anos de praia, você ainda não conhece o mar?

— Você viu eu me afogar? — Eu esfreguei os olhos e escorri os cabelos. — Acho que continuo meio ingênua.

Ele deu um passo na minha direção.

PERIGOSAS NACIONAIS

Estávamos frente a frente, seminus, e ainda assim, havia tanto a se redescobrir sobre o outro.

— Eu ia dizer destemida. Era como eu te via.

— Não sei se sou mais tão corajosa.

Ele me deu um beijo no rosto, e eu senti um choque na barriga. Não foi um beijo rápido, nem um cumprimento gentil, foi um toque. Ele queria me tocar, e eu queria tocá-lo. A última vez que nos tocamos foi na tarde em que terminamos o namoro, no último dia de férias, naquela mesma praia. Ele voltaria para a faculdade a mais de trezentos quilômetros de distância de mim e para um universo que o físgou por inteiro. Eu estava prestes a ingressar na universidade da minha cidade, e ele sabia que a minha vida também mudaria por completo.

— Que tal uma caminhada na orla? — Ele segurou na minha mão. — Até as dunas?

— Eu faço questão de subir aquela maior de todas quando eu venho aqui — respondi, caminhando e tocando em seu braço.

— Faz três anos que eu não venho aqui. A última vez que eu estive no Brasil já tem quase dois anos e não rolou de vir. Você ainda vem todo ano?

PERIGOSAS ACHERON

— Não. Vinha com meus pais. Depois eles se separaram, e nos últimos seis anos vim apenas duas vezes. E a Austrália? Como é a vida lá?

— Eu gosto. Me adaptei muito bem. Sinto falta de casa, da comida da minha mãe, de várias coisas... Mas não voltaria a morar aqui.

Ele olhava bem longe no horizonte quando disse isso, era como se realmente não pertencesse mais a este lugar. Fiquei em silêncio, pensei que era tolice estar ali catando grãos de expectativas.

— Me fala de você, do seu trabalho, sua vida — ele pediu, se colocando à minha frente e caminhando de costas.

A conversa finalmente ganhou fôlego. O trabalho, pessoas em comuns, acontecimentos políticos e lembranças foram estreitando os espaços vazios entre nós. Então nos deparamos com a duna. Ele pegou minha mão e me puxou. Corremos como fazíamos na adolescência. Eu lembrei que quando chegávamos ao topo ele me pegava nos braços e girava. Aquele momento em que temos altas expectativas românticas.

Ele não fez isso, soltou-se de mim e apoiou as mãos sobre os joelhos em busca de fôlego. Em seguida, sentou-se no chão sem dizer nada. Eu me

sentei ao lado dele, sentindo o vento levantar os grãos de areia e nos cobrir bem lentamente. Aquilo era incômodo, não era mais tão divertido. Aquela coisa de sensualizar à milanesa era *muito* década de 90.

— Eu preciso de um banho de mar. Tem areia até no meu ouvido — decidi, me levantando.

Nico também ficou de pé, estava visivelmente decepcionado. E não acho que fosse comigo, continuava simpático. O fato é que passou uma corrente de água fria por nós. Descemos devagar a duna. Abandonamos a empolgação. O mar, o céu e as dunas à nossa volta eram imensamente maiores que nós.

— Você já ouviu falar que a vida é como uma espiral? — Nico parou de frente para o mar, mas olhou em minha direção.

— Claro, a vida sempre se reconecta — eu respondi, aliviada, até a decepção tomava novo sentido.

— Toda vez que eu venho aqui em busca das coisas boas do passado, eu me dou conta de que não sou mais o mesmo. De que não posso revivê-las. O que eu posso é *reexperimentá-las*.

Sorrimos. Ele me estendeu a mão e

entramos juntos no mar. Num ponto seguro, longe da arrebentação, ele me olhava com aqueles olhos cor de oceano a ser explorado. Quando o silêncio nos disse que era a hora certa, eu tomei a iniciativa. Enlacei meus braços no seu pescoço e o beijei. Aquele beijo de experimentação, de quem vive o presente.

E foram três dias de apenas presente e nenhum plano para o futuro. Nós nos encontrávamos sozinhos na praia, no calçadão da orla, num bar, e fingíamos estar vivendo um amor de verão. Eu tentava apagar qualquer sinal de expectativa ou devaneio que me tomasse. Ele era minha aventura.

O “doutor lindão” de Gabriela ligava todos os dias, e Roberta só queria saber de praia e cerveja, enfim, elas faziam companhia uma para outra sem se importarem com a minha ausência. Aliás, se dedicaram a algo que adoravam: fotos e redes sociais.

No último dia, Nico e eu nos despedimos ali mesmo, de frente para o mar, depois de uma noite inteira juntos, em que entrecortamos cochilos e desejos com a mesma certeza de anos atrás.

— Um dia você vem me visitar na

PERIGOSAS NACIONAIS

Austrália?

— Talvez um dia eu vá à Austrália e te encontre por acaso numa praia — respondi, erguendo os ombros e debochando. A viagem para Paris consumira minhas economias, e havia as prestações para os móveis novos da minha casa. Não teria dinheiro tão cedo para uma viagem como aquela, e ele sabia disso.

— Se arrepende desses dias comigo?

— Eu me arrependeria se tivesse feito planos. — Apertei suas mãos e coleí meu corpo ao dele. — É impossível sair ilesa, mas me sinto estranhamente mais livre.

— Eu já li que expectativas são prisões. — Ele colou sua testa na minha. — Vou repetir isso como um mantra.

Estaria mentindo se eu dissesse que não sofri ao me separar dele. Mas aquela dorzinha não era mais forte do que as asas que nasceram em mim.

PERIGOSAS ACHERON

Surpresa

Por Zana Ferreira

Há algumas semanas eu sabia daquela possibilidade, mas quando meu estômago começou a revirar era como receber um balde de água fria. A situação que eu tentava ignorar vinha ao meu encontro.

Ainda assim, evitei dizer em voz alta, numa última esperança. Se eu não mencionasse aquela palavra, talvez a qualquer momento eu acordaria me sentindo mais leve. Sem o peso (literal e simbólico) de um bebê.

— Tem certeza que não quer um pãozinho?
— perguntou Catarina. — Está morno ainda, uma delícia!

— Não, estou com o estômago meio esquisito...

— Huumm, estômago esquisito. Será que você está grávida?

Ela havia perguntado de brincadeira, mas a

minha expressão desolada a deixou desconcertada.

— É sério? Você tá grávida?

Dei de ombros.

— Não sei, amiga. Talvez.

— Como assim? Explica isso direito!

— Saí com um cara aí. Deu merda, não tomei a pílula do dia seguinte e agora pode ser que tenha uma surpresinha a caminho. Mas não tive coragem de confirmar.

— Mas nem um teste de farmácia você fez?

Balancei a cabeça negativamente.

Catarina me olhava estupefata. Eu havia acabado de chegar na casa dela para uma visita breve de fim de semana entre amigas, mas já havia começado soltando a bomba.

Ficamos em silêncio um tempo. Eu quase podia ver as mil perguntas brotando na cabeça dela e o esforço tremendo que ela, tagarela como era, estava fazendo para não me deixar mais desnorteada.

— Vamos do começo — disse ela por fim.

— Quem é esse cara e que dia você acha que pode ter engravidado?

— É o amigo de uma amiga. Ele pegou meu contato e ficou me chamando pra sair por semanas.

Quando finalmente topei, ele foi super fofo durante uma semana. E logo depois sumiu, se é que você me entende.

Ela assentiu.

— Mas vocês não usaram camisinha?

— Pior é que usamos. Mas saiu. Ou melhor, entrou. Ficou lá dentro de mim e só percebemos depois que tinha terminado.

Contra minha vontade, imaginei milhares de espermatozoides nadando dentro de mim rumo ao meu útero. A imagem mental foi cortada por Catarina se engasgando com o café.

— Acho que queimei a língua aqui... — comentou ela. — Tá, mas por que não tomou a pílula do dia seguinte?

Eu dei uma risada sem graça.

— Porque eu já havia tomado no mês anterior. Não queria outra bomba de hormônio, e, de todo modo, podia nem fazer efeito.

— Amanda do céu! Você tá parecendo adolescente desmiolada!

— Confesso que andei vivendo uma fase meio intensa — disse, rindo.

Ela riu também.

— Pra quem reclamava da vida amorosa,

até que a sua anda bem animada, né?

— Ah, não fala assim. Recentemente eu até estive muito apaixonada, uma paixão repentina e maluca, mas meti os pés pelas mãos e deu tudo errado. Teve outro cara legal também no semestre passado, mas ele nem morava em Minas e ainda tava indo complementar os estudos no exterior. Enfim, fora esses dois, não teve ninguém que me balançasse, daí fui me divertindo aleatoriamente. Pagando pra ver se alguém interessante aparecia.

— Não posso te criticar, mas podia ter tomado mais cuidado, né?

— Em partes, sim. Mas quem diria que a droga da camisinha podia sair e ficar dentro de mim? Nunca tinha visto nada assim! Aí fica difícil.

Cat levantou da mesa e começou a se arrumar.

— Bora, levanta dessa cadeira! — disse ela.
— Nós vamos sair desse impasse agora. Você prefere o quê: farmácia ou laboratório?

Nenhum dos dois. Eu preferia continuar fingindo que aquilo não estava acontecendo. Estava ali justamente para tentar esfriar a cabeça, não para finalmente confrontar o que me tirava o sono. Minha amiga percebeu meu dilema.

— Tudo bem. Vou te propor uma coisa. Talvez você esteja prestes a ser mãe, e se for isso, sua vida vai entrar numa nova fase que não vai ser fácil, a princípio. Então eu sugiro que a gente vá ao laboratório de um amigo meu, você faz o exame e a gente curte o fim de semana como planejamos. Na segunda-feira, eu vou lá, busco e te aviso do resultado. Topa?

Mesmo sabendo que eu não conseguiria desligar totalmente do assunto, decidi topa. Pelo menos teria mais quarenta e oito horas de esperança.

Seguimos com o plano de Catarina, mas não foi tão simples fugir dos pensamentos. Deu pra distrair enquanto batíamos perna na rua e colocávamos as fofocas em dia. Mas de noite, ao chegar na balada, logo no início aquele peso voltou.

— Vão beber o quê? — perguntou o barman.

Nas últimas semanas, eu vinha bebendo normalmente durante os fins de semana. Repetia para mim mesma que não estava grávida e petiscava tomando minha cervejinha, tentando afastar as paranoias. Mas nos últimos dias, eu estava com aquela sensação esquisita, aquele mal-

estar no estômago, algo difícil de ignorar.

— Duas caipirinhas — respondeu Cat.

— Eu não sei se devo... — confessei.

— Segunda-feira, lembra? Você não sabe o que está acontecendo, essa pode ser sua despedida da vida louca. Aproveita!

Era algo mais fácil de falar que fazer. Continuava tensa, mas ela tinha razão. Minhas últimas horas de esperança, não é mesmo? Bebi um grande gole, torcendo para que o álcool me deixasse mais leve.

Funcionou um pouco, mas não o suficiente. Não dei brecha para que nenhum cara se aproximasse. “Posso te conhecer?”, alguns perguntaram. Sem muita paciência, respondi “não” todas as vezes.

O fim de semana foi todo assim, dançando numa corda bamba dentro da minha cabeça e sentindo o estômago revirar por dentro. Quando entrei no ônibus de volta para casa no domingo à noite, nem precisei fazer qualquer recomendação.

— Passo no laboratório amanhã cedo — prometeu Catarina.

Eu sabia que não acordaria com uma mensagem dela, mas, ainda assim, a primeira coisa

que fiz foi pegar o celular quando acordei. Nada. “Está muito cedo”, pensei.

Toda segunda de manhã, a primeira coisa que fazíamos no jornal era uma breve reunião. Recapitulávamos os assuntos de destaque na semana anterior e víamos se algum deles merecia novas matérias, além de falar dos eventos e temas quentes da semana que começava. Durante a reunião, eu conferia o celular a cada cinco minutos.

“*Oi, cadê você?*”, mandei mensagem perguntando. Mas nada de Cat ficar *online* e me responder.

— Amanda, dá pra focar aqui? — minha chefe me chamou atenção, fazendo cara feia para o fato de que eu não parava de olhar o celular.

Tentei fazer o que ela pedia, mas estava cada vez mais difícil. Não sabia se era ansiedade ou enjoo, mas eu me sentia ainda pior que nos dias anteriores. Não havia conseguido comer nada pela manhã e agora sentia um incômodo ainda maior que antes.

Na hora do almoço, corri pra casa. Nem queria comer, precisava ir ao banheiro. Mas não pelo motivo que eu imaginava: em vez de vomitar, fiz o número dois. Eu já sofria com intestino preso

PERIGOSAS NACIONAIS

desde que me entendia por gente. Em geral, ele travava fácil, mas, na última semana, havia ficado ainda mais preso quando o síndico anunciou que estavam fazendo reparos no encanamento e que a gente passaria uns dias com o abastecimento cortado, motivo pelo qual todo mundo tinha que economizar para que a caixa d'água do prédio não chegasse a esvaziar. Com medo de faltar água, travei geral.

Mas ao atender o chamado da natureza, finalmente me senti melhor. O organismo humano não era feito para ficar mais de uma semana sem evacuar. Foi quando Catarina ligou.

— Negativo, linda! — gritou ela do outro lado da linha. — Não vai ser dessa vez que você será mamãe.

Senti como se Cat tirasse um peso enorme das minhas costas. Conversamos rapidamente, e ela precisou desligar, mas despediu rindo da minha paranoia e recomendando que eu voltasse a tomar pílula anticoncepcional de forma correta.

Apesar de aliviada, eu ainda estava confusa. E os sintomas que eu havia sentido? Deixei o olhar perdido vagar pelo meu quarto e finalmente entendi.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não era bebê. Era cocô.

Eu havia passado os últimos dias literalmente enfezada, provocando o mal-estar no meu estômago. Sozinha, dei uma crise de riso. Estava aliviada, mas não pretendia dar chance novamente pro azar, liguei para minha ginecologista e marquei consulta.

Queria colocar DIU o quanto antes. Se era para ser surpreendida, que fosse só pelo meu intestino mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Reencontro

PERIGOSAS ACHERON

Casamento

Por Lígia Dantas

Zana Ferreira

Ana Paula Cândido

Eu sempre fui muito cética sobre o tema destino. Para mim, a vida se faz de acordo com nossas escolhas, mas, durante a cerimônia do meu casamento, descobri que pode haver algo maior. Não pude acreditar numa coincidência tão grande com um desfecho tão surpreendente.

Escolhi para madrinhas do meu casamento com Pedro duas grandes amigas, uma quase irmã, porque prima criada grudada tem esse lugar, e outra, uma amiga companheira, parceira e confidente. Ou seja, sempre tiveram o mesmo status de amor no meu coração. Apesar de eu ser pouco propensa a demonstrações desse tipo. Enfim, não há como escolher quem é mais especial em

minha vida.

Quando Marcelo, meu irmão, estacionou o carro próximo ao jardim onde foi a cerimônia, eu grudei o olhar em Amanda, minha amiga companheira, numa conversa animada com meu futuro cunhado.

— Pensa, minha gente! Tem jeito de ser mais feliz no próprio casamento do que ver uma amiga feliz? — comentei.

— Por que está dizendo isso, Larissa? — Liz, minha prima-irmã, espichou o olhar para fora do carro, tentando ver de quem eu falava.

— Olha lá a Amanda reencontrando meu cunhado doutor muito gato, depois um período fora do Brasil.

Liz ficou atônita, o corpo quase me esmagando enquanto espiava a cena fora do carro.

— Ah, não, Larissa! Esse é o seu cunhado que ela pegou numa calourada? — Liz estava visivelmente decepcionada. — Eu ando mesmo com urucubaca! Passei mais de um ano usando esse carinha como muleta a cada decepção amorosa, e quando eu finalmente o reencontro, é para me lascar de novo?

— Do que você está falando, Liz? —

perguntei a empurrando de cima de mim.

— Já falei que você devia ter ficado com o Neto. Ficou de frescura! — Marcelo se intrometeu — Agora já era! Ele nem quis vir no casamento hoje para não te encontrar.

— Que Neto o quê? Tá doido? — respondi. — Ele não foi convidado! A mãe dele, sim. Mas não dá para esperar muita coisa de você, irmãozinho. Babaca da mesma espécie!

— Olha quem está falando! — Marcelo respondeu com deboche — Só um rapazinho mais novo mesmo para te aguentar, dona da verdade!

— Dá para parar com essa briguinha de irmãos adolescentes? — Liz se irritou — Vamos sair do carro, Marcelo. Só faltamos nós dois de padrinhos.

Eu segurei o braço de Liz, aflita. Ela tinha que me contar sobre o que ela estava falando. Mas eu nem precisei perguntar em voz alta.

— Lembra daquele carinha do carnaval do Rio que eu coloquei o apelido de Vlad? Que não curtia carnaval, com quem eu fiquei presa no elevador? Então, é o seu cunhado.

Eu não passei aquele carnaval com Liz, não conheci o tal carinha com quem ela viveu um

rápido e intenso casinho de carnaval. Ela realmente falava nele de vez em quando como se fosse o príncipe vampiresco que a salvaria de alguma decepção amorosa momentânea.

Amanda também tinha passado por inúmeras decepções. E nós nos divertíamos planejando esse reencontro arranjado com Douglas. Isso praticamente fazia parte do casamento, como a troca de alianças ou o buquê sendo lançado à próxima noiva. O preço era mais uma ferida no coração de Liz, e isso me afogou num balde de água fria.

O meu tio, que veio do sul do país para entrar na cerimônia comigo representando meu pai, que perdi alguns anos antes, entrou no carro e interrompeu meus pensamentos.

— Conheci seu noivo, Lalá! Rapaz simpático, apaixonado, mas bem mais novo que você... Por que não me contou isso?

— Isso o que, tio? O fato de ele ser mais novo que eu? Até parece que eu sou uma velha viúva prestes a sofrer um golpe do baú.

— Você me saiu mesmo igualzinho a sua mãe, não tem freio na língua. — Ele segurou minha mão. — Não queria ofender. É só curiosidade de

um tio velho.

Eu o beijei no rosto, sorrindo. Sei que não havia feito por mal, mas eu não tinha paciência com preconceitos.

— Ele conseguiu um trabalho maravilhoso numa multinacional no Canadá. É imperdível. Ele não é molequinho, é um cara que me faz muito feliz. Não vai faltar emprego na minha área. Vou aonde a felicidade me levar.

Ele ficou convencido, mas eu perdi a cena de Liz talvez falando com Douglas e Amanda.

Tentei observar para ver se enxergava alguma expressão diferente nos rostos daquele inusitado triângulo, mas a cerimonialista que coordenava a entrada dos padrinhos tampava parte da minha visão. Quando todos entraram, ela olhou para mim e fez o sinal. Era a hora.

Nunca fui muito daquelas que ficam imaginando como seria o próprio casamento. Não tive idealizações de modelos de vestido, música da valsa, escolha das daminhas... Simplesmente não pensava nisso antes. Quando inesperadamente Pedro me pediu em casamento logo após receber a proposta de emprego, quase todas as amigas à minha volta disseram que eu ia pirar tendo que

decidir mil coisas num curto espaço de tempo. Erraram.

Como se diz por aí, eu era meio “homem” em termos de relacionamentos. Não tinha paciência para pensar demais, apenas vivia. Foi assim também naquelas últimas e corridas semanas, ajeitando tudo para a mudança radical de vida. Agora, dando meus últimos passos de mulher solteira, vi que o tal nervosismo não ia aparecer mesmo. Eu estava plena, cada centímetro do meu corpo estava inundado de alegria.

Foi uma cerimônia breve, bem como queríamos. Na verdade, a parte religiosa só estava acontecendo para agradar os pais dele e minha mãe. Iam ficar muito tempo sem nos ver, era justo que fizéssemos um agrado antes de partir.

Naquela meia hora de celebração, não havia nada além de Pedro na minha visão ou nos meus pensamentos, mas assim que começamos a receber os padrinhos para a sessão de fotos, eu me lembrei da desventura amorosa que estava acontecendo bem diante dos meus olhos.

Liz fez o seu melhor para disfarçar o quanto estava inquieta, mas eu a conhecia muito bem para ser enganada. Sabia que as outras pessoas não

notariam nada e ela tentava disfarçar para não roubar minha atenção com problemas bem no dia do meu casamento. Enquanto nos ajeitávamos, eu lhe dei aquele olhar profundo. Ela sorriu e fez um carinho no meu ombro.

— Não vai sorrir pra foto? Não vai querer que saia essa careta!

Era um sinal de que ela não estava disposta a tocar mais no assunto, nem de forma sutil. Decidi aceitar, até por falta de opção no momento.

Quando chegou a vez de Amanda e Douglas se aproximarem, eu não sabia como agir. Não tinha visto se Liz havia os cumprimentado ou não. Será que Douglas havia demonstrado algum tipo de surpresa ao ver minha prima? Como Amanda teria interpretado a reação dele? Durante a cerimônia teria rolado algum tipo de troca de olhares entre os três?

Obviamente eu tentava organizar meus pensamentos em questão de segundos, mas não fui rápida o suficiente, pois Amanda me olhou com dúvida, como se não estivesse entendendo as mil perguntas silenciosas que eu, sem querer, havia acabado de dirigir a ela. Meneei com a cabeça e sorri para o fotógrafo.

Quando dei por mim, nem lembrava desse enredo nos momentos seguintes. Era tanta gente pra dar atenção, tantas fotos para tirar, tanta pose pra fazer, que eu me vi pensando como deixara tudo tomar aquela proporção. Pedro e eu fazíamos um estilo mais descolado, por que havia ainda tanto protocolo em nossa festa? “Eu sabia que não precisava de cerimonialista, ela acabou me convencendo a fazer coisas demais”, pensei.

A verdade é que eu só queria me despedir bem das pessoas antes de mudar de país. E nada melhor que uma festa para isso, mas em vez de estar dançando, Pedro e eu estávamos tirando fotos com parentes.

— Chega, né? — eu disse, antes que o fotógrafo pedisse mais uma foto do casal próximo à decoração.

Pedro suspirou.

— Nossa, pensei que só eu já estava achando demais. — Ele riu. — Bora beber?

— Pode começar, eu vou num segundo. Só preciso me trocar, não vou ficar com essa saia longa. — Dei uma piscadinha pra ele e fiz sinal chamando para a cerimonialista.

Na chácara havia uma sala preparada com

cuidado para a noiva. Era o local onde eu me trocaria, mas usar dois vestidos diferentes não combinava comigo. Como não tinha certeza se o padre me casaria se eu estivesse de pernas de fora, escolhi um modelo com saia removível, para que pudesse curtir a pista de dança sem problemas depois da cerimônia. A questão é que eu precisava de ajuda para fazer a transição de *look*.

Amanda segurou a porta antes que se fechasse e entrou na sala comigo e a cerimonialista.

— O que foi aquele olhar que você me deu na hora da foto? — perguntou ela, enquanto ajudava a retirar parte da minha roupa.

Ela tentou fazer um tom casual, como se fosse uma curiosidade boba, mas senti que ela havia ficado realmente intrigada. Havia entendido que era algo relacionado a Douglas e queria saber o que, mas eu não sabia se Liz havia cumprimentado meu cunhado na fila dos padrinhos e, por isso, estava numa saia justa. Foi quando Liz abriu a porta e, por instinto, eu apertei os lábios e arregalei os olhos.

— Você contou pra ela? — deduziu Liz pela minha cara estranha. — Não devia ter feito isso, tá tudo bem!

Amanda novamente me olhou, mais perdida que nunca. Pela expressão da minha amiga, minha prima percebeu que havia dito demais. Ficamos as três paralisadas, sem dizer nada, apenas nos encarando. A cerimonialista percebeu que algo estava rolando e tentou me salvar.

— Pronto, você está linda! Já pode ir para a sua festa, os convidados estão esperando.

Eu podia ter aceitado aquele bote salva-vidas que a profissional casamenteira me lançava, mas caso saísse por aquela porta, estragaria o dia das duas. Liz e Amanda se conheciam de vista por eu ser um contato em comum, mas não tinham intimidade. Uma não questionaria a outra sobre o que estava rolando e ficariam as duas remoendo os próprios pensamentos sem aproveitar a festa. Eu jamais teria desejado um desconforto daqueles, mas não podia fugir e deixar as duas naquela situação.

— Você pode nos dar licença? — pedi à cerimonialista.

Assim que a moça saiu, ainda respirei fundo, tentando encontrar o melhor jeito de ter aquela conversa.

— Não é nada de mais — interrompeu Liz, dando de ombros. — É que enquanto estávamos no

carro, eu vi o cunhado da Lari e comentei que já havia ficado com ele durante o carnaval do ano passado. Foi casinho de folia, só isso. Nunca mais nos falamos, eu nem lembrava o nome dele, pra falar a verdade.

Liz falava e gesticulava como se tivesse contado algo engraçado, mas o sorriso de Amanda era sem graça. Mesmo que Liz estivesse minimizando a situação, minha amiga jornalista sabia captar as coisas no ar.

— E eu fiquei perdida — completei, para tornar a história mais crível. — Como tio Toninho foi me buscar no carro e ficou conversando, não vi se a Liz tinha cumprimentado o Douglas, ou se ele tinha a visto, daí eu tava meio confusa. Mas agora já sei que está tudo bem.

Amanda olhava para nós duas tentando encontrar o que falar.

— Ah, sim, é que precisava saber por que você tinha me encarado daquele jeito na hora da foto — disse a jornalista, andando em direção à porta. — Mas se é isso, então tá tudo bem.

Ficamos as três rindo, constrangidas, e balançando a cabeça, até que Amanda tomou a iniciativa de quebrar aquela cena estranha e sair do

PERIGOSAS NACIONAIS

cômodo. Então encarei Liz com meu olhar inquisidor.

— Tá tudo bem?

Ela deu uma gargalhada.

— Depois desse momento, acho que tá meio esquisito, né? Mas não é nada de mais. Vamos pra a festa, sua linda, que você merece celebrar! — respondeu minha prima com sinceridade.

E eu celebrei, me diverti até a última gota. Eu me surpreendi ao ver Liz e Douglas conversando por um tempo. Assim, de longe, pareciam colegas de faculdade que se reencontravam, não eram amigos e nem um casal cheio de química. Em outro momento, vi Amanda provocá-lo a dançar e ele se recusando com o olhar taciturno de quem gosta de ser provocado, mas que jamais ia ceder.

Mais tarde, carreguei Liz até o banheiro comigo. Estávamos tontas, e com certeza não era só pela bebida, era uma alegria que se misturava à saudade que já chegava.

— Quem vai me dar bronca quando eu me envolver demais por uma paixãozinha sem futuro?
— Liz me apertou em seus braços.

PERIGOSAS ACHERON

— Pensa no que eu te diria! Continuarei a ser seu superego à distância. — Tentei limpar a maquiagem borrada. — E o Douglas? Vi vocês conversando de longe.

— Eu pegava fácil, né, Lari, talvez só para saber se seria tão bom quanto daquela vez. — Ela se encostou na parede ao meu lado. — Mas não estou a fim de me envolver num triângulo amoroso.

— Vocês poderiam tentar um *ménage à trois* — provoquei ironicamente.

— Rá, rá, rá! Eu e a Amanda temos mesmo muito perfil de quem curte isso. Preciso fazer xixi.

Foi só Liz entrar na cabine, que Amanda entrou no banheiro. Quase me atropelou de ansiedade.

— Aquele seu cunhado gosta do mal feito. Está há um tempão flertando com outra mulher na festa!

Liz saiu da cabine segurando o riso.

— Agora você dá aquela ideia pra Amanda. Eu tô fora!

— Que ideia? — Amanda abriu os braços exageradamente, também estava de pileque.

Eu senti minha cara queimar. Quem Douglas pensa que era para fazer o que quisesse no

meu casamento? Aquela noite deveria sair exatamente como eu desejava. Ele que ficasse sozinho, mas não ia frustrar minhas amigas. Saímos as três, os jardins mal iluminados tornavam qualquer encontro romântico. Encostados numa árvore, os dois conversavam animadamente.

— Eu vou descobrir quem ela é agora!

Deixei as duas gargalhando não sei de quê e corri até meu noivo.

— Quem é aquela junto do seu irmão? Ele não pediu para trazer ninguém! Trouxe uma penetra? Que cara de pau.

Pedro forçou os olhos para ver com quem Douglas conversava. Em seguida, espremeu os lábios e segurou o risinho.

— Ela veio.

— Ela quem? Desembucha!

— Camila Augusta. Ela é filha dos meus padrinhos. Lembra que eu te falei dela? Ela mora em outra cidade, com certeza chegou atrasada.

— E para o seu irmão, ela não é só uma amiguinha de infância, né? — Pedro estava com a camisa meio aberta e para fora da calça, as mangas mal dobradas, e levantando o copo de uísque para os amigos. Eu quase perdi o foco da minha

investigação sentindo meu coração acelerado ao analisar meu noivo. — Olha pra mim!

— Rola um interesse sério e antigo dele por ela. — Pedro analisou minha cara de decepção. — Hoje é a nossa noite, minha esposinha, sua amiga é adulta e vacinada, aliás, olha pra ela!

Amanda dançava junto com Liz como se fossem amicíssimas, talvez agora se tornassem mesmo. Pedro me levou até elas e dançamos como se tivéssemos quinze anos, não mais que o dobro disso. Então eu vi Amanda e Liz cochicharem no ouvido uma da outra, como se fossem cúmplices.

— Eu quero saber o que está rolando — falei, me enfiando no meio das duas.

— Eu estou perguntando para a Amanda se ela conheceu o lado natureba do Douglas. Eu levei muito susto quando vi um copo de suco de tomate na casa dele. Era vermelho tipo sangue! — falou Liz com cara de nojo.

— Ah, então, depois da calourada, nós fomos comer hambúrguer! Daqueles bem grandes e suculentos. Daí ele ficou criticando, dizendo que era muita gordura *trans*, que não deveríamos comer aquilo. — Amanda fez uma careta de entediada.

— Ele se diz vegetariano, mas adora dar

umas belas mordidas durante o sexo, né? — revelou Liz fazendo concha com as mãos para abafar a voz.

— Esse é um dos motivos para você colocar o apelido de Vlad nele! — provoquei. — Meu cunhado vampiro que disfarça com suco de tomate.

Elas se divertiam, e eu imaginava que era impossível não se tornarem amigas. Meu coração queimou, queria participar de corpo presente dessa amizade, mas estaria tão distante.

— Prometam que vamos fazer videoconferência para matar as saudades! E que vão me visitar juntas!

Um abraço coletivo apertado selou nossa jura. Depois de mais uma hora dançando, eu corri até um banco próximo a um arbusto e me joguei. Meu corpo pedia uns minutos de descanso porque sabia que ainda tinha muitas horas de festa pela frente. Eu só ia dormir depois de assistir o sol nascer.

Então escutei vozes. Entre as folhas do arbusto, um casal conversava. E reconheci uma voz, era Douglas.

— Você pretendia deixar alguém perturbado com esse vestido, Camila? Porque deu

certo.

— Só por causa da transparência mostrando a lingerie? Para, Douglas, está na moda! — A garota claramente fazia charminho.

— Na hora que te vi entrar no salão, precisei lembrar da nossa infância para me acalmar. Não é a primeira vez que eu te vejo em roupas íntimas. — Douglas gargalhou, debochado.

— Na infância não vale! Assim, eu também já te vi só de cueca.

— Não imaginava que aquela garotinha que usava calcinhas de babado um dia me daria tanto tesão.

Eu podia ouvir o estalar dos lábios nos intervalos entre as falas.

— Cuidado para não se espetar nos cactos — a tal Camila provocou.

— Onde?

— Na lingerie, uai!

— Ah, sim, os cactos. Me interesse mais pelo o que tem dentro.

— Devagar, engraçadinho! Nunca pensei que meu *best* de infância fosse tão assanhado.

— Ah, é? Já que não está com pressa, então me explica por que comprou uma lingerie com essa

estampa? Não tinha uma estampa florida? Mais feminina, talvez?

— E quem disse que cacto não é feminino? Eles são símbolo de resistência, força e adaptação. Sem contar que já vêm com espinhos para se proteger. E ainda dão flores. Quer mais feminino do que isso?

— É, como sempre, não dá mesmo para discutir com você. Eu sempre perco. Agora deixa eu terminar de tirar essa sua proteção toda, que hoje quero você todinha só pra mim.

Eu me senti uma *futriqueira*, mas aquela conversa estava tão interessante, que eu não resisti. Afinal aquela era a minha noite, e eu tinha direito a fazer o que bem entendesse.

Sobre as autoras

Ana Paula Cândido -

[@anapaulacandidogv](#)

Ana Paula Cândido de Oliveira é administradora, tecnóloga em marketing, pós-graduada em Docência do Ensino Superior. Idealizadora do blog e do canal literário Mudei de Ideia, e do projeto Conta Comigo, voltado para empreendedorismo e desenvolvimento pessoal. Autora do livro “Confissões de uma numeração especial, história de uma mulher que calça 42”, seu livro de estreia, que representa a redescoberta do amor próprio e da luta por uma moda acessível a todas.

Lígia Dantas - [@autora_ligiadantasl](#)

Psicóloga e escritora, é autora do livro infantojuvenil: “Vale do Aventureiro – O menino perdido e a onça feroz”, contemplado pela Lei Murilo Mendes de Incentivo à Cultura da prefeitura de Juiz de Fora. Também do livro jovem adulto “Os Olhos da Deusa”. Já foi premiada pelo SESC de Brasília de contos infantis Monteiro Lobato pelo

conto “Julinha no sítio encantado”; pela Academia Granberyense de Letras, Artes e Cinema pelo conto “Amora”, publicou o conto “A voz” na plataforma Wattpad e foi premiado 6 vezes e ganhou destaque no perfil “Contos LP”. Tem outros seis contos publicados na plataforma Wattpad e alguns também premiados. Tem dois contos publicados em duas antologias da editora Oito e Meio.

Zana Ferreira - [@zanaferreiraescritora](#)

Jornalista, Mestre em História Social e escritora. Autora do livro-reportagem “Lantejoulas ao Vento – auge e decadência do carnaval de Governador Valadares”, lançado pela editora Gramma. Publicou o conto “Homenagem” na antologia de estreia da editora Resistência. Participou com “Memorioteca” no livro Contando Contos e escreveu o perfil literário “O Homem que rasgava dinheiro” no livro Viçosa de Perfil, ambas as obras publicadas pela Editora UFV. Atua como repórter do G1 na InterTV dos Vales, emissora afiliada Globo no Leste de Minas.

[\[1\]](#)

Nós somos brasileiras.

[\[2\]](#)

Não tem problema.

[\[3\]](#)

São três horas.